Marcus Zulian Teixeira

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

2ª edição revisada e atualizada

São Paulo
Edição do Autor
2021

ISBN: 978-65-00-20767-5
CBL
9 786500 207675

***Copyright* © 2021 Marcus Zulian Teixeira (editor)**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida, de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa do editor.

ISBN: 978-65-00-20767-5 (08/04/2021)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Marcus Zulian
Concepção vitalista de Samuel Hahnemann [livro eletrônico] / Marcus Zulian Teixeira. -- 2. ed. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2021.
ePDF

Bbliografia
ISBN 978-65-00-20767-5

1. Hahnemann, Samuel, 1755-1843 2. Homeopatia 3. Homeopatia - Filosofia 4. Terapia alternativa I. Título.

21-62536 CDD-615.532
NLM-WB-930

Índices para catálogo sistemático:

1. Homeopatia : Doutrina e prática : Ciências médicas 615.532

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Como citar essa obra:

Teixeira, Marcus Zulian. Concepção vitalista de Samuel Hahnemann. 2ª edição revisada e atualizada. São Paulo: Marcus Zulian Teixeira, 2021, 140 p. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1178043.

Prof. Dr. Marcus Zulian Teixeira

http://www.homeozulian.med.br

Currículo Lattes (CNPQ)

ORCID

Biblioteca Virtual em Saúde (BVS - Brasil)

Prefácio

"No princípio era o Verbo... É o pensamento que tudo cria e produz?
Seria preciso pôr: no princípio era a Força... O espírito vem em meu auxílio!
Vejo de súbito a solução e escrevo com segurança: no princípio era a Ação."

Goethe

A apresentação de um livro de filosofia homeopática que não caia na teodicéia é difícil nos dias atuais, o que felizmente não ocorreu com esta obra.

Segundo *Pedro Lain Entralgo*, o termo vitalismo designa a atribuição aos seres vivos de um modo de ser qualitativamente distinto dos vários em que pode apresentar-se a matéria inerte ou inanimada e essencialmente irredutível, portanto, aos esquemas mediante os quais o homem de ciência explica a constituição e as propriedades desta última.

As concepções de *Hahnemann*, para *Sylvio Braga e Costa*, têm notável unidade; podemos dizer que a base biológica de todas elas é o vitalismo. Negada essa noção, todos os princípios do mestre ficam sem fundamento lógico.

Ainda segundo este último autor, a força vital não é uma entidade, pois não se pode concebê-la sem o organismo: sem ela, é um corpo morto. Ironicamente, em latim, a palavra *corpus* quer dizer cadáver! Na sinonímia de força vital, os diversos autores utilizam os termos energia vital, princípio vital, sopro vital, consenso orgânico, *vis medicatrix naturae*, etc.

Aqueles que acreditam estar a *genesis* da moléstia localizada na alma ou no espírito são chamados de espiritualistas; se estiver na força vital, vitalistas e, finalmente, se estiver no corpo, materialistas.

Este livro do *Dr. Marcus Zulian* é dedicado aos vitalistas.

Dr. Félix Barbosa de Almeida
Ex-Presidente da Associação Paulista de Homeopatia

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Sumário

Sumário

Apresentação	1
Introdução	4
Força Vital e *Vis Medicatrix Naturae*	8
Força Vital Instintiva, Automática e Conservadora	16
Força Vital Orgânica - Composto Substancial entre o Corpo Físico e o Princípio Vital	21
Força Vital Imaterial, Dinâmica, Invisível e Espiritual	26
Força Vital, Magnetismo, Mesmerismo e outras Potências Medicinais Dinâmicas	33
Força Vital e Enfermidade	39
Força Vital e Cura	44
Força Vital Irracional difere do Espírito Racional	49
Força Vital, Sangue, Fibra Sensível e Nervo	56
Espírito, Alma e Mente	62
Unidade Físico-Vital alterada por Excessos Intelectuais e Emocionais	71
Saúde e Moral	76
Despropósito das Discussões Metafísicas e Especulativas	82
Concepção Filosófica de Hahnemann	90

Visão Espiritualista 91
Hahnemann e Confúcio 93
Filosofia Natural 95
Hahnemann e Reimarus 98

Força Vital Homeopática e Fisiologia Humana 104

Conclusões 122

Bibliografia 127
Referências Bibliográficas 128
Estudos Correlatos 130

Comentários 131

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Apresentação

Apresentação

Samuel Hahnemann é citado, indiscriminadamente, como gerador de vários pensamentos que ele próprio jamais verbalizou e dos quais se afastava, linearmente, em suas publicações.

Para alguns homeopatas, ele é o criador da medicina espiritual. Segundo estes, o medicamento homeopático direcionaria o espírito para a finalidade maior da existência. Para outros, o medicamento homeopático atuaria nos órgãos enfermos e, portanto, teria a capacidade de estimular a drenagem dos mesmos. Para outros, ainda, segundo Hahnemann, o homem teria um medicamento que o curaria sempre e definitivamente.

Enfim, todos, invariavelmente, pautam suas concepções sobre partes isoladas da obra do mestre, tentando justificar e embasar suas convicções. E mais, posicionam-se como se tivessem compreendido Hahnemann, com suficiência, para colocar suas interpretações e posicionamentos como se fossem palavras dele.

Esse tipo de conduta, dita científica, tem sido bastante comum em nossos dias. A diversidade de informações e a falta de profundidade nas teses apresentadas têm gerado distorções nas ideias centrais que embasam a ciência homeopática. Essas atitudes, seguidamente, levam o iniciante e também o praticante mais experiente deste sistema médico a terem problemas na incompreensão de partes importantes, ou da totalidade da obra homeopática.

Para avaliar com propriedade o vitalismo de Hahnemann, surge através de Marcus Zulian Teixeira este trabalho intitulado “Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann”, que ao citar cuidadosa e exaustivamente trechos das partes mais importantes de seus escritos mostra com clareza o seu pensamento a respeito da estrutura do homem, o que deste homem poderia ser compreendido por nós e até onde deveríamos atuar como médicos, para restaurar a saúde do mesmo.

Pode parecer, a muitos, que essas questões não têm a menor importância, pois o medicamento homeopático age no organismo apesar de qualquer teoria que se faça a respeito de seu “lócus” de ação. Porém, enganam-se os que pensam desta forma. Nossos resultados, enquanto médicos, assentam-se sobre o que pretendemos curar ou modificar nos nossos enfermos e isto está intimamente relacionado com aqueles conceitos. Sendo assim, se pretendemos, com o medicamento, atuar na espiritualidade do doente, não nos satisfazemos apenas com a melhoria da sua saúde física. Isto significa um enfoque diverso da tentativa de restabelecer o equilíbrio da energia vital, conforme propunha Hahnemann.

O autor desta obra (que certamente, será de grande utilidade, tanto para os iniciantes quanto para os que já exercem a Homeopatia reavaliarem os reais objetivos de suas prescrições) mostra com muita propriedade e fidelidade o pensamento de Hahnemann, naquilo que é a pedra angular de sua teoria vitalista.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

O criador da Homeopatia compreendia o homem como sendo um ser constituído de corpo, energia vital e espírito racional. Sabia ele, em sua genialidade, que um medicamento jamais alteraria os desígnios espirituais, já que estes, segundo suas crenças, estariam condicionados à racionalidade inteligente, legada ao homem através da divindade. E somente reequilibrando a energia vital é que o medicamento devolveria ao ser humano um organismo são, sensível e livre para servir a causa deste espírito que poderia conduzi-lo a qualquer fim. Portanto, somos médicos do complexo formado pelo corpo e a energia vital. Seria muita pretensão de nossa parte acreditar que para um espírito evoluir necessitaria das benesses medicamentosas do *simillimum* e que, em caso contrário, estaria o homem fadado a não se realizar enquanto ser espiritual.

Na verdade, a proposta do sábio de Meissen era muito lógica e simples: devolver ao organismo as condições de normalidade, para que este pudesse determinar a si uma trajetória liberta das artimanhas dos mecanismos defensivos patológicos. Esta questão não nos exime da responsabilidade de contribuirmos com a evolução de nossos pacientes, porém nos dá a medida exata do que podemos alcançar com o medicamento e daquilo que é função de outras atitudes terapêuticas ou da educação moral, ética e religiosa de uma pessoa. O medicamento homeopático, portanto, facilitaria a interação do indivíduo com seu ambiente cosmo-sócio-cultural, porém isto ficaria na dependência do contexto ético e moral admitido como padrão de normalidade.

Esta perspectiva nos aproxima muito mais da ciência médica e torna nosso trabalho compreensível e factível.

Desta forma, a obra de Marcus Zulian Teixeira contribui muito para reforçar a autenticidade do que se divulga como sendo o pensamento de Hahnemann, trazendo considerações importantes a respeito de suas crenças e opiniões em relação a outros grandes pensadores do mundo ocidental e oriental, ratificando o quanto ele se inteirou em matéria de conhecimento para embasar esta ciência médica, que com tanta dificuldade tem atravessado as agruras do preconceito humano e do direcionamento parcial da ciência.

Dra. Ângela Augusta Lanner Vieira
Ex-Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Introdução

Introdução

Antes de abordarmos a concepção vitalista homeopática, devemos tecer alguns breves comentários ao fundador da Homeopatia, Christian Frederick Samuel Hahnemann.

Nasceu em Meissen, Alemanha, em 1754 e morreu na cidade de Paris em 1843, com 89 anos. De origem singela, filho de um pintor de porcelanas, encontrou grandes dificuldades para cursar Medicina, mas sua perseverança e aptidão para os estudos fizeram-no superar todos os obstáculos. Estudou Medicina em Leipzig, Viena e Erlangen, aonde se graduou em 1779.

Após exercer a prática médica por anos, desgostou-se da sua incerteza, devotando-se à Química e à Literatura, escrevendo tratados sobre assuntos químicos e traduzindo obras médicas para o alemão (dominava inúmeros idiomas, dentre eles o grego e o latim).

Em 1790, ao traduzir a *Matéria Médica de Cullen,* questiona as propriedades medicinais da casca da quina (*Cinchona officinalis)* ali descritas, tendo o grande *insight* que o levou à fundamentação das bases da Doutrina Homeopática.

Por discordar das propriedades digestivas da Cinchona ali relatadas, experimentou em si mesmo aquela substância, dando início ao grande método de experimentação científica do modelo homeopático, denominado, posteriormente, "experimentação no homem são". Qual não foi seu espanto, quando passou a apresentar sintomas semelhantes à malária (febre intermitente, calafrios, tremores, etc.), ao experimentar aquela substância que era utilizada para curar os indivíduos doentes acometidos pela malária.

Eureka! Profundo conhecedor dos textos médicos antigos (gregos, latinos e árabes, dentre outros), como tantas vezes demonstrou Hahnemann em sua obras, a *lâmpada hipocrática* acendeu-lhe, iluminando o princípio de cura que passou a pesquisar: s*imilia similibus.*

A partir deste momento, direcionou suas pesquisas ao chamado "princípio da semelhança ou da similitude", enunciando o aforisma *similia similibus curantur* ('semelhante cura semelhante') que, juntamente com a "experimentação no homem são", constituem os pilares fundamentais da prática homeopática.

Através do princípio acima enunciado, qualquer substância que possua a propriedade de despertar *sinais* e *sintomas* (entendidos como *características da individualidade humana*), de qualquer natureza, num experimentador sadio, poderá curar esses mesmos sintomas no indivíduo enfermo. A quina cura os sintomas da malária no indivíduo doente, porque ela tem a capacidade de despertar os mesmos sintomas da malária nos indivíduos sadios.

Utilizando-se da "experimentação", primeiramente em familiares, depois em discípulos médicos e, finalmente, em voluntários sadios, Hahnemann foi catalogando ao longo de sua prática os sintomas das várias substâncias experimentadas, assim como o relato de intoxicações das mesmas, constituindo este material a chamada *Matéria Médica*

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Homeopática, fonte de consulta para o clínico homeopata escolher o medicamento que melhor cubra as características individuais do paciente que se lhe apresenta.

Inicialmente, as substâncias foram experimentadas em doses ponderais, mas como isto causava uma série de transtornos aos experimentadores (doenças medicamentosas e intoxicações), Hahnemann, numa fase posterior, passou a diluí-las e agitá-las pelo "processo da dinamização", pois notava que as substâncias agiam da mesma forma, ou melhor, quando submetidas a este *método farmacotécnico homeopático*. Ao longo desses duzentos anos de Homeopatia, várias drogas foram experimentadas e re-experimentadas, ampliando o arsenal terapêutico homeopático e comprovando a cientificidade do método, confirmado na reprodutibilidade dos resultados ao longo das diversas experimentações de uma mesma substância.

Segundo os conceitos filosóficos da Homeopatia, toda doença é fruto de uma disritmia da "força ou princípio vital", princípio imaterial que permeia os seres vivos e é responsável pela homeostase do organismo humano. Isto ocorre porque antes do corpo material ser afetado, já ocorreu uma alteração neste corpo 'não material' (etéreo, vital); antes do distúrbio orgânico se implantar, observam-se alterações diversas no humor, nas sensações e funções, "desarranjos dinâmicos de nosso estado de saúde", como dizia Hahnemann.

Em vista do modelo homeopático, através de seus medicamentos dinamizados (doses imponderáveis ou infinitesimais), atuar diretamente sobre a força ou energia vital, provocando uma reação da mesma no sentido de restaurar o equilíbrio perdido, faz-se necessário entendermos o que vem a ser este princípio vital, a fim de compreendermos o caminho de cura e as possibilidades do mesmo.

Na busca pela compreensão da natureza da força vital hahnemanniana, muitas concepções surgiram, orientando, *a posteriori*, conceitos filosóficos que abarcam desde a própria natureza imaterial do homem (*vis medicatrix naturae*, princípio vital, mente, alma, espírito, etc.), até o entendimento do binômio saúde-doença.

Alguns conceitos errôneos e confusos atribuídos a Hahnemann, como a *analogia entre a força vital e a alma do modelo antropológico aristotélico-tomista*, criam a falsa noção de que a Homeopatia, por atuar no reequilíbrio da força vital, poderia atingir níveis profundos da alma, espírito ou personalidade humana, modificando-os. Confusões teórico-práticas que possuem sua origem em definições mal elaboradas, tendenciosas e afastadas da verdadeira concepção hahnemanniana.

Ao analisarmos as obras de Hahnemann, encontramos um pensamento comum e lógico sobre o tema em questão, reiterado nos mais variados aspectos de sua Doutrina, que deverá nortear o ideal do discípulo fiel, disposto a comungar com as idéias do Mestre.

Na maioria de seus ensinamentos, é notória a capacidade de síntese e clareza dos mesmos, fazendo-nos desconfiar de erros interpretativos de nossa parte, caso encontremos sérias contradições em seus escritos. Como popularmente dizemos, Hahnemann "não dava ponto sem nó".

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Não encontrando correspondência na obra de Hahnemann com conceitos vitalistas trazidos por autores que se dizem seus seguidores, afirmando que o modelo antropológico (aristotélico-tomista) que professam corresponde à "evolução do pensamento de Hahnemann", nos dispusemos a estudar minuciosamente o assunto e relatá-lo no referido estudo, buscando uma compreensão doutrinária mais transparente.

Veremos que ao introduzir uma idéia, Hahnemann repetia-a inúmeras vezes, como se quisesse deixar clara sua posição e acredito ser este o verdadeiro parâmetro para que dissipemos dúvidas existentes. Por ser um tema filosófico, que carece de uma comprovação científica, todos tem o direito de discordar dos conceitos vitalistas existentes na Doutrina Homeopática, conforme o modelo que acreditem e alimentem, mas não podemos distorcer, no rumo de noções individualistas, o pensamento do estudioso *livre de preconceitos.*

Juntamente com essa natureza não material do homem, buscamos entender a concepção filosófica de Hahnemann, assuntos de extrema importância caso tentemos delinear um modelo antropológico que embase a Homeopatia.

Para evitar falhas de interpretação, as citações das obras de Hahnemann foram transcritas literalmente dos textos consultados, facilitando a constatação dos que se proponham a revê-los. A repetição de termos semelhantes, por vezes cansativa, visa transmitir ao leitor a frequência de utilização dos mesmos e sua reprodutibilidade, demonstrando o cerne do pensamento hahnemanniano.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital e *Vis Medicatrix Naturae*

Força Vital e *Vis Medicatrix Naturae*

O entendimento deste primeiro item, provavelmente, dispensaria o estudo de boa parte dos demais, mas como dissemos anteriormente, o pensamento claro e lógico de Hahnemann reitera, ao longo de toda a sua obra, os conceitos em que acreditava. Quando escreve repetidamente sobre um tema, anula qualquer dúvida que possa pairar em nossas mentes fantasiosas.

Inicialmente, veremos a concepção hahnemanniana da *vis medicatrix naturae (caminho natural de cura),* ou seja, a reação natural defensiva do organismo, entregue a si mesmo, como meio de cura para algumas enfermidades passageiras, de "duração apenas breve", como algumas doenças agudas e outras doenças medicamentosas. Critica o "Sistema de Brown" que, fundamentado num "sistema escolástico", dizia haver uma única "força fundamental, a vida", e que esta força nada fazia a não ser diminuir ou aumentar, esgotar-se ou acumular-se nas enfermidades, as quais deveriam ser entendidas sob o ponto de vista "da debilidade ou do excesso de força".

> "A Benéfica Natureza e a juventude, auxiliadas por um regime apropriado, curarão as doenças de causas muito mais profundamente localizadas do que apenas deficiência ou excesso de excitabilidade, algo que o observador isento de preconceitos presencia diariamente; isto deve ser desautorizado ou negado por Brown, a fim de dar apoio a seu sistema escolástico." (*Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown,* 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann,* p. 350)

> "A maior parte das enfermidades para as quais se convoca a presença de um médico são afecções agudas, ou seja, transtornos da saúde que demoram um curto período para retornar à saúde ou conduzir à morte. Se o paciente sucumbe, seu médico acompanha modestamente o féretro; se chega a curar-se, é preciso que a natureza tenha tido força suficiente para triunfar sobre a enfermidade e sobre a ação dos medicamentos, que se exerce geralmente em sentido inverso de como deveria ser. Pois a natureza tem esta força com frequência, e no maior número dos casos." (*Esculápio na Balança,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 93)

Quanto à natureza da força vital ou "força natural", Hahnemann é claro ao compará-la com a *vis medicatrix naturae*, "força curativa da natureza", conceito de cura hipocrático pelos movimentos naturais do organismo vivo.

Profundo admirador de Hipócrates, demonstra seu respeito ao *Médico de Cós* enaltecendo sua capacidade de "observador escrupuloso da Natureza", descrevendo as enfermidades exatamente como elas eram, sem nada ajuntar, sem fantasiar, sem se permitir nenhum devaneio.

> "Jamais se fez mais pela arte de curar que à época de Hipócrates. Este observador escrupuloso estudava a natureza dentro da própria natureza. Descrevia as enfermidades exatamente sem ajuntar-lhes nada, sem dar-lhes coloridos, sem permitir-se nenhum raciocínio. Nenhum médico superou seu talento para a observação pura. Todavia, faltava um só ramo da medicina a este favorito da natureza, com o qual teria possuído a arte por inteira; o conhecimento dos remédios e seu emprego. Mas tampouco afetava ter este

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> conhecimento: até confessava que carecia dele não prescrevendo nenhum medicamento e contentando-se em submeter o regime a algumas regras." (*Esculápio na Balança,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 103)

Em *A Medicina da Experiência,* Hahnemann nos traz a ideia de *vis medicatrix,* sem usar o termo 'força vital', que só foi incorporado à sua doutrina mais tarde. Neste escrito, fala da incapacidade dos "recursos medicatrizes do organismo abandonado a si mesmo" em vencer as enfermidades, pois este papel cabe ao espírito exercendo sua "nobre prerrogativa" em manter a saúde, criando "meios infinitamente mais fáceis, mais rápidos e mais seguros".

> "Assim mesmo permite à inumerável turba de enfermidades que ataquem nossa constituição delicada, que a transtorne, que a ponha em perigo de morte e de destruição, sabendo muito bem que o que há de animal em nós rara vez é capaz de afugentar o inimigo, sem sofrer muito pelos esforços que esta tarefa lhe impõe, ou ainda sem sucumbir a eles. Mas era preciso que os recursos medicatrizes do organismo abandonado a si mesmo fossem débeis, limitados e insuficientes, a fim de que nosso espírito se visse também obrigado a exercer sua nobre prerrogativa numa circunstância em que se trata do mais precioso dos bens terrestres, a saúde e a vida. O Pai do gênero humano não queria que nós atuássemos como atua a natureza, queria que fizéssemos mais que a natureza orgânica, porém não do mesmo modo, nem com seus meios.[...] Não permite que nos sirvamos como a natureza dos movimentos chamados crises para curar uma multidão de febres; não está em nosso poder o imitar os suores críticos, as urinas críticas, os abscessos críticos, as epistaxes críticas.[...] Nós não podemos, nem devemos imitá-la, posto que há meios infinitamente mais fáceis, mais rápidos e mais seguros que nosso espírito está destinado a criar para as exigências da mais necessária e mais respeitável das ciências: a medicina." (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 45)

Criticando o tratamento convencional (alopático) de sua época, tanto para doenças agudas como crônicas, que evoluiriam mais seguramente se abandonadas "à própria sorte" ou às "forças vitais", defende um tratamento mais rápido e mais completo do que os empregados até então, como verdadeiro método de cura.

> "As doenças de aparecimento repentino desaparecem, com ou sem medicamento, evidentemente em virtude da vitalidade do organismo; estas doenças agudas, se tratadas com medicamentos, devem ceder muito mais rapidamente e de modo muito mais completo do que se fossem deixadas à própria sorte, para que possamos nos referir a isto como cura." (*Matéria Médica Pura,* 1811; vol. I, p. 272)

> "Nas afecções crônicas, é muito mais seguro não usar qualquer espécie de medicamento e confiar inteiramente nas forças vitais, do que ser tratado pelo tratamento alopático prejudicial e destruidor." (*Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XXII, suplemento 204)

No Prefácio à quarta edição do *Organon,* discorre sobre a *vis medicatrix,* acreditada pela escola tradicional como a "incomparável arte de curar, fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si".

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a ser guiados por essa voz infalível, apesar de embaraçados para compreender por que nós médicos, pela nossa interferência artificial com medicamentos, perturbaríamos ou nocivamente agravaríamos essas operações, supostamente incomparáveis, do auto-auxílio da natureza nas doenças *(vis medicatrix).* Mas o caso está longe disso!" (*Organon, Prefácio à Quarta Edição,* 1829)

Na mesma referência, deixa clara a identidade da *"vis medicatrix"* com a força vital, "instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo", mantendo as condições do organismo em equilíbrio desde que o mesmo esteja saudável e causando transtornos revolucionários quando a saúde é perturbada.

> "[...] Essa natureza *(vis medicatrix),* cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou mantivesse as funções e sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada nem adaptada para a boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforça-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários." (*Organon, Prefácio à Quarta Edição,* 1829)

Continuando, fala da inutilidade das tentativas de auxiliar a força vital nos seus "esforços cegos", prática vigente dos médicos de sua época.

> "Não estivessem os homens de todos os tempos cientes dessa imperfeição, dessa não rara insuficiência dos esforços cegos da força vital, instintiva e irrefletida, nas tentativas de auto-auxílio nas doenças, não ansiariam tanto, não se empenhariam tão zelosamente em ajudar a força vital sofredora, tão impotente para ajudar-se eficientemente, pelo emprego de melhores recursos medicamentosos, [...] em outras palavras, não teriam envidado esforços para descobrir uma arte de curar". (*Organon, Prefácio à Quarta Edição,* 1829)

> "Mas como o que tem sido até aqui chamado 'arte de curar' é mera (imperfeita) imitação dos esforços e operações infelizes, inúteis e não raramente nocivos da instintiva e irrefletida força vital (erradamente chamada natureza), quando abandonada a si mesma na doença [...]." (*Organon, Prefácio à Quarta Edição,* 1829)

Alguns homeopatas se utilizam do parágrafo anterior para inferirem que a força vital desta citação não se refere à *vis medicatrix,* justificando-se através da frase "irrefletida força vital (erradamente chamada natureza)", como se o "erradamente chamada natureza" se referisse à *vis medicatrix.* Este é o perigo de utilizarmos frases soltas, separadas do contexto geral, para justificarmos uma posição pessoal.

Quando Hahnemann diz "erradamente chamada natureza", é evidente que sua crítica se volta à postura médica da época que, assim como Hipócrates, considerava a *vis medicatrix* (força vital) como a mais perfeita e sábia manifestação da Natureza, ou a

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

própria Natureza, obra máxima do Criador, conforme ele discorre na passagem citada anterior: "Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a ser guiados por essa voz infalível".

Aclarando a questão, citemos a conceituação da *vis medicatrix* segundo Hipócrates, trazida por Leduar De Assis Rocha em sua obra *Aforismos.*

> "O fato é que Hipócrates criou o seu próprio sistema médico, incorporando-o à escola que fundou - a Escola de Cós - sistema batizado por Galeno de **dogmatismo** e a que muitos poderiam chamar de **humoralismo**, mas que o historiador médico Cumston preferiu chamar de **naturismo**, porque tal sistema médico tem por diretriz o poder curativo da natureza, entendendo Hipócrates por **natureza** uma força que penetrava a economia inteira e dirigia todos os fenômenos na saúde e na doença; o **naturismo** foi, desta forma, (conclui Cumston), criado no dia em que Hipócrates descobriu esse grande fato que domina todos os outros nas operações ou nas funções da vida; englobando toda a ciência e toda a prática médica à coexistência de um poder que forma, conserva e cura, poder que é inerente ao próprio organismo, graças ao qual ele sente, reage, desenvolve-se, preserva-se e combate todas as causas mórbidas e os efeitos que produzem. Tão simples que nos parece, hoje, esta descoberta, arremata Cumston, é a mais importante das que se fizeram em torno do conhecimento do corpo humano." (*Aforismos,* p. 20)

> "Hipócrates é assim um divisor de águas, de que dizia, em página luminosa, o prof. Clementino Fraga: - *Na intimidade orgânica a coluna mestra da defesa, garantida pelos mecanismos protetores, é a* vis medicatrix*, que o mais velho de todos nós, nosso santo mestre Hipócrates, já percebera no mistério das reações vitais, guardiã da defesa individual!"* (*Aforismos,* p. 27)

De forma análoga, Entralgo descreve a *physis,* termo usado frequentemente para designar a força instintiva e automática do organismo, a natureza curativa dos indivíduos *(vis medicatrix naturae).*

> "A *physis,* dizia eu antes, é ordenada em si mesma e ordenadora desde dentro de si mesma. Aos olhos do médico hipocrático, tal seria a razão «fisiológica» da espontânea tendência da *physis* de curar por si mesma, às vezes, as enfermidades de que padecem os indivíduos. «As *physies* – as naturezas individuais dos enfermos – são os médicos das enfermidades», diz uma famosa sentença de *Epidemias VI* (V, 314). «A *physis* cura por si mesma *(automátê)*», afirma o livro I de *Sobre a dieta* (VI, 490). De uma *vis medicatrix naturae* não se fala literalmente no *C.H.;* porém, todo ele está cheio do sentimento a que estas palavras latinas deram tópica expressão. «Bem instruída por si mesma *(eupaideutos),* a *physis,* sem aprendizagem, faz o que convém» (V, 314), alude o autor de *Epidemias VI* ao texto que acabo de transcrever. «As *pyshies* não tem, em nada, maestro que as ensine»; «a *physis* se basta em tudo, para tudo», proclamam as concisas sentenças de *Sobre o alimento* (IX, 112 e 102).[...]" *(La Medicina Hipocrática,* Pedro Laín Entralgo, cap. II, § I, p. 54-5)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Comentando a evolução de um paciente, Hahnemann relata os efeitos prejudiciais que os "poderes da natureza (força vital irracional) foram gradualmente forçados a produzir a nível interno", na tentativa de restabelecer o equilíbrio orgânico.

> "Sua (do paciente impotente-RH) recuperação muito difícil localiza-se muito mais profundamente, quer dizer, está no aleijamento orgânico e nos efeitos materiais que os poderes da natureza foram gradualmente forçados a produzir a nível interno, nas partes mais delicadas do organismo, naquelas que são essenciais ao movimento e à sensação, em nome de protegê-la e preservá-la contra os ataques violentos dos remédios alopáticos [...]. Estas mudanças materiais e internas, a nível orgânico, produzidas pela força vital para salvar e preservar a vida dos tratamentos adiados e dos remédios errados e prejudiciais, impede a livre e desimpedida movimentação dos membros por muito tempo depois que a força vital tiver conseguido dissolver e remover tais alterações". (*Carta ao Dr. Schréter de Lemberg*, 01/01/1829; *Samuel Hahnemann: his life and work*)

Na Introdução à sexta edição do *Organon,* Hahnemann relata exemplos das "derivações" empregadas pelos médicos da escola dominante, imitando os esforços impróprios da *vis medicatrix* ou "força vital abandonada a si mesma", na tentativa de eliminar o distúrbio na saúde já instalado.

> "Mas os novos adeptos da antiga escola não mais querem ser vistos como praticantes da expulsão das substâncias morbíficas materiais em seus tratamentos. Eles explicam as numerosas e diversas evacuações como um método **derivativo** pelo qual a natureza do organismo doente, empenhando-se em ajudar-se, dá seu exemplo ao eliminar a febre pela transpiração e pela urina, ao suprimir a pleurisia pelo sangramento do nariz, os suores e escarros mucosos e outras doenças pelo vômito, diarréias e hemorragias; as doenças articulares pelas ulcerações nas pernas, as inflamações de garganta pela salivação, etc., ou por meio de metástases e de abscessos que a natureza faz surgir em partes do corpo distantes daquela que está afetada. Acreditavam, assim, no tratamento da maior parte das doenças, estarem fazendo o melhor ao **imitar** a natureza, também trilhando desvios, como procede a força vital abandonada a si mesma, provocando indiretamente ou mesmo mantendo evacuações por estímulos heterogêneos mais fortes, distantes do foco da doença e normalmente também conservando, nos órgãos menos semelhantes, estruturas mórbidas, a fim de, simultaneamente, **deslocar** para lá o mal. **Essa assim chamada derivação foi e continuou sendo o principal método de tratamento da escola dominante."** (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 38-9; IHFL, 1996)

Reiterando a identidade entre *vis medicatrix naturae* e força vital, Hahnemann compara várias vezes a "natureza bruta e instintiva" com a força vital sujeita unicamente às leis orgânicas "e incapaz de agir segundo a razão e a reflexão", diferenciando nitidamente a força vital desprovida de razão do espírito inteligente e racional.

> "Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises mórbidas agudas e moderadas, estava imitando apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão. [...] Mais ainda: os maiores flagelos de nossa existência terrestre, as centelhas que originam as inumeráveis doenças sob as quais geme a humanidade castigada há séculos e

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> milênios pelos miasmas crônicos (psora, sífilis, sicose), **a força vital desprovida de razão os admite no corpo sem hesitar,** não sendo capaz, todavia, nem de suavizar o efeito de qualquer um deles e, muito menos, de removê-los do organismo, deixando-os, antes, propagar-se, até que a morte, muitas vezes, após um longo e triste período de vida, feche os olhos ao sofredor." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 40-2; IHFL, 1996)

Daí o inconformismo de Hahnemann ao ver a Velha Escola, que se dizia racional, imitando e assumindo a força vital irracional, "condutora cega", como o grande modelo a ser seguido. Denominava o "raciocínio lógico e a livre reflexão" (princípio inteligente) como o maior dom de Deus conferido aos homens.

> "Como é que a velha escola, que se intitula racional, pôde, num empreendimento que exige tanto raciocínio, reflexão e juízo crítico, eleger esta força desprovida de razão como a única e melhor instrutora, como uma condutora cega, imitando sem refletir suas disposições indiretas e revolucionárias nas doenças, imitando-a como a única *non plus ultra,* a melhor em termos de engenhosidade, visto que, a fim de poder superá-la infinitamente no seu desempenho curativo, nos foi conferido, para o bem da humanidade, aquele dom maior de Deus, o raciocínio lógico e a livre reflexão?" (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 42; IHFL, 1996)

No parágrafo abaixo, fala da prática dos médicos da velha escola, que além de imitar os "esforços curativos da natureza bruta entregue a si mesma" (força vital), atuavam nas consequências dos mesmos, favorecendo as eliminações em geral (método empregado atualmente por práticas 'naturalistas'), pensando com isto estarem agindo de conformidade com a natureza *(duce natura),* honrando-se com o título de ministros da natureza *(ministri naturae).*

> "Assim, enquanto a maioria dos médicos da velha escola **em geral, imitando** os esforços curativos da natureza bruta entregue a si mesma, punham em prática, a seu bel-prazer, semelhantes derivações supostamente proveitosas (quando alguma indicação idealizada por sua mente os levava a isto), outros, que se compenetravam de um objetivo ainda mais alto, **punham-se diligentemente a favorecer os esforços de auto-ajuda que a força vital logo evidenciava nos casos de doença e que consistem de evacuações e metástases antagonistas,** ativando ainda mais tais derivações e evacuações, a fim de auxiliá-la, acreditando, com esse procedimento prejudicial, agir como *duce natura* (tendo por guia a natureza), podendo honrar-se com o título *ministri naturae* (servidores da natureza)." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 44; IHFL, 1996)

Utilizando a denominação "força bruta automática da natureza" para designar a força vital, reúne num só termo a *vis medicatrix naturae* com a força vital.

> "A alopatia da velha escola não só superestimava muito tais esforços da força bruta automática da natureza, mas também os falseava completamente, considerando-os, de modo errôneo, genuinamente salutares [...]. Quando a força vital, nas doenças crônicas, parecia aplacar este ou aquele incômodo sintoma do estado interior, através de uma erupção cutânea úmida por exemplo, lá ia o servidor da força bruta natural *(minister naturae)* aplicar sobre a superfície supurante um emplastro de cantáridas ou um exutório (trovisco), a fim de *duce natura* retirar da pele ainda mais a umidade, favorecendo e apoiando assim o intuito da

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> natureza, a cura (por meio da retirada da matéria morbífica do corpo)". (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 45-6; IHFL, 1996)

Na citação a seguir, exemplifica os métodos empregados pelos *"minister naturae"* para auxiliar a "força vital do organismo desprovida de inteligência" (*vis medicatrix naturae*) em seus esforços curativos, estimulando as evacuações e os esforços derivativos em geral.

> "Na mesma ilusão de querer favorecer a força vital em seus esforços curativos, o *minister naturae,* quando a força doente da natureza comprimia o sangue nas veias do reto e do ânus (hemorróida cega), aplicava sanguessugas [...]. Em quase todos os casos em que a força vital doente, para aplacar um padecimento interno perigoso, procurava expelir sangue por meio de vômito, da expectoração, etc., apressava-se o médico da velha escola, *duce natura*, a prestar auxílio a tais esforços supostamente salutares da natureza, fazendo escoar abundantemente o sangue das veias [...]. Em caso de náuseas crônicas frequentes, pensando estar auxiliando a intenção da natureza, provocava fortes evacuações gástricas e habilmente causava vômitos [...]. Por vezes, para acalmar a doença interna, a força vital provocava abscessos frios nas glândulas exteriores e ele crê auxiliar as intenções da natureza como seu devotado servidor, ao aplicar na inflamação toda sorte de fricções abrasivas e emplastros, a fim de abrir a pústula madura por meio da incisão [...]. E, como ele, muitas vezes, observara em casos de doenças crônicas breves melhoras de grandes sofrimentos, por meio de suores noturnos espontâneos ou de várias evacuações líquidas, acreditava, então, estar em condições de seguir estes sinais da natureza *(duce natura)* e dever favorecê-los por meio da produção e manutenção de tratamentos sudoríficos completos ou do emprego, durante anos, de laxativos chamados suaves, a fim de favorecer e multiplicar, segundo seu raciocínio, aqueles esforços da natureza (da força vital do organismo desprovida de inteligência)". (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 46-7; IHFL, 1996)

Na mesma linha do pensamento anterior, diz constituírem os "esforços de expulsão realizados pela força vital doente a própria doença".

> "Em virtude dessa opinião preconcebida, embora sem fundamento, prossegue o médico da velha escola sua contribuição aos esforços de expulsão realizados pela força vital doente, multiplicando tais derivações e evacuações do paciente, **nunca** atingindo um fim proveitoso, mas **somente** levando à ruína, sem dar-se conta de que todos os males locais, evacuações e esforços derivativos aparentes, empreendidos e mantidos pela força vital entregue a si mesma e desprovida de razão, com o fito de avaliar o sofrimento crônico original, constituem, justamente, a própria doença". (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 48; IHFL, 1996)

Em vista das citações acima, fica clara a identificação da *vis medicatrix naturae* com a força vital hahnemanniana, que, por ser irracional e totalmente sujeita às leis orgânicas do corpo físico, necessita de um comando inteligente para atuar, de forma coordenada e benéfica, frente às alterações da saúde.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital Instintiva, Automática e Conservadora

Força Vital Instintiva, Automática e Conservadora

No escrito menor *Valor dos Sistemas em Medicina,* Hahnemann fala da propriedade da força vital de unir e animar as partes do corpo humano, afastando-o da natureza material através de ações automáticas (não inteligentes), sendo difícil representar a força vital como "um ser aparte" do corpo físico vivo.

> "[...] O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um organismo tão admirável, o que as obriga a conduzir-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e impele a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como um ser aparte". (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 134)

A reação do organismo vivo "às leis que governam a matéria morta ocorre através do antagonismo vital", que permite, através de seu "poder automático", reagir às agressões que desarranjem seu equilíbrio global. O termo "espiritual", que surge pela primeira vez na no referido texto, deveria assumir o significado de "não material" nas traduções da época, como veremos a seguir.

> "[...] Não, nosso organismo vivo não se comporta passivamente, ele não está sujeito às leis que governam a matéria morta; ele reage por antagonismo vital, de modo a entregar-se como um indivíduo vivo global a seu desarranjo mórbido e permitir que este se extinga no seu interior quando uma afecção mais forte com um modo semelhante, produzida nele por um medicamento homeopático, toma posse dele. Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático expele de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma outra afecção muito semelhante". (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia,* p. 68-9)

A seguir, Hahnemann descreve as propriedades da força vital (*vis medicatrix*), como "instintiva, irracional, irrefletida", destituindo-a de qualquer atributo de inteligência, e "sujeita às leis orgânicas do nosso corpo", formando com o corpo físico uma unidade inseparável. Sua capacidade instintiva e automática de manter as funções e sensações do organismo em condições perfeitas só ocorre na condição de saúde, sendo que ela não possui a capacidade de restaurar o equilíbrio perdido, pela ausência da razão, quando sua integridade for prejudicada por influências nocivas externas.

> "[...] Essa natureza *(vis medicatrix),* cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou mantivesse as funções e sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada para a boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforça-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários. [...] Não estivessem os homens de todos os tempos cientes dessa imperfeição, dessa não rara insuficiência dos

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> esforços cegos da força vital, instintiva e irrefletida, nas tentativas de auto-auxílio nas doenças, não ansiariam tanto, não se empenhariam tão zelosamente em ajudar a força vital sofredora, tão impotente para ajudar-se eficientemente [...].” (*Organon, Prefácio à Quarta Edição*, 1829)

Quando confrontamos a energia do medicamento homeopático semelhante com a energia vital desequilibrada, provocamos uma reação vital instintiva, estimulando uma resposta do organismo mais forte e poderosa contra o distúrbio original. Este processo ocorre de forma automática, resultado da interação entre duas energias de mesma natureza e de tipos semelhantes.

> “Mas se nós médicos formos capazes de mostrar e de opor a esta força vital instintiva seu inimigo morbífico aumentado, por assim dizer, pela ação dos medicamentos homeopáticos [...], aos poucos obrigamos e compelimos esta força vital instintiva a aumentar gradualmente suas energias, cada vez mais, e, finalmente, a alcançar um tal nível que se torne bem mais poderosa do que a doença original.” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume*, 1838, p. 29)

Condizendo com os atributos “irracional e irrefletida”, Hahnemann caracteriza a energia vital bruta em “automática, desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério”.

> “[...]- imitando irrefletidamente a energia vital bruta, automática e desprovida de razão, ajuda as partes e órgãos não afetados, impingindo-lhes uma dor mais forte, ou como é mais frequente, compelindo à evacuação com esgotamento das forças e humores [...].” (*Organon*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 42-3; IHFL, 1996)

> “[...], tais procedimentos da força vital enérgica, porém desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não consegue uma verdadeira ajuda ou cura [...].” (*Organon*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 45; IHFL, 1996)

> “[...], sem meditar como é irracional querer imitar e incentivar esses esforços tão imperfeitos e, na maior parte das vezes, inadequados da força vital meramente instintiva e irracional, que se incorporou em nosso organismo a fim de, enquanto ele se encontra sadio, proporcionar à nossa vida um curso harmonioso; não, porém, a fim de curar-se a si mesma nas doenças. Se ela possuísse essa exemplar capacidade, nunca permitiria que o organismo adoecesse. Quando nossa força vital adoece pela ação de agentes nocivos, ela nada pode fazer a não ser exprimir sua perturbação através do desarranjo no curso vital normal do organismo e através de sensações dolorosas com as quais ela apela ao médico sensato por ajuda. Se esta não ocorrer, a força vital então esforça-se por salvar-se através da agravação do sofrimento, mas, principalmente, por meio de violentas evacuações, custe o que custar, e muitas vezes em meio a grandes sacrifícios ou à destruição da própria vida. A força vital doente e perturbada possui tão pouca habilidade de imitação para curar, que todas as alterações do estado de saúde e sintomas produzidos por ela constituem justamente a própria doença! Que médico sensato quereria imitar a doença no tratamento, se ele não quer sacrificar seu doente?” (*Organon*, 6ª ed.; § 22, nota; IHFL)

Como outro atributo, temos a ‘capacidade conservadora’ da força vital que, através de mudanças morbosas nos órgãos (metástases), procura “apartar o perigo das partes

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

indispensáveis à vida", afastando de nosso organismo as ameaças hostis (medicamentosas ou não).

> "[...] Efetivamente, a força vital conservadora, que está sempre atuando em nós, jamais deixa de procurar separar o prejuízo que estes frequentes ataques ocasionam à própria vida, por meio das mudanças morbosas que determina nos órgãos. Exalta a atividade de um, que ela torna mais sensível e doloroso, diminui a do outro, que se torna insensível e se ingurgita; tira a irritabilidade de certas partes, e até as paralisa; em uma palavra, provoca tantas mudanças morbosas no físico e no moral do corpo, quantas sejam necessárias para afastar o perigo a que a vida está exposta, pelos ataques hostis das doses continuamente renovadas do medicamento, ou seja, que fomenta em silêncio uma multidão de desorganizações e de organizações patológicas, que são outras tantas desordens internas e externas permanentes em adiante.[...] Do mesmo modo, a força vital incessantemente ocupada na conservação do nosso organismo [...]." (*A Alopatia,* 1831; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 198)

> "[...] porque se é certo que somente a força vital conservadora pode dar origem em nós a mudanças orgânicas duradouras para preservar a vida [...]." (*A Alopatia,* 1831; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 200)

> "[...] Assim, também, quando a natureza entregue a si mesma, nas ocorrências de um mal crônico que ameaçam a vida, não sabe ajudar-se senão pela ocorrência de sintomas locais externos, a fim de apartar o perigo das partes indispensáveis à vida (metástases), tais procedimentos da força vital enérgica, porém desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não consegue uma verdadeira ajuda ou cura, sendo meras e paliativas suspensões efêmeras do padecimento interno, com desperdício de uma grande parte de humores e força [...]. A Alopatia da velha escola não só superestimava muito tais esforços da força bruta automática da natureza, mas também os falseava completamente". (*Organon*, 6ª ed.; *Introdução,* p. 45; IHFL, 1996)

> "[...] mesmo que esse meio livre, localmente, o corpo da úlcera maligna, o mal fundamental desse modo não será em nada diminuído, tornando-se necessário que a força vital, conservadora da vida, transfira o foco do grande mal interior para um local ainda mais importante (como o faz em todas as metástases), produzindo desse modo cegueira, surdez, loucura, asma sufocante, hidropisia, apoplexia, etc." (*Organon,* 6ª ed.; § 205, nota; IHFL)

O corpo físico, sem a força vital conservadora, deixa de ser uma unidade viva, atingindo a morte e retornando às leis materiais da decomposição.

> "O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação* (*Ele está morto e submetido apenas ao poder do mundo físico exterior, apodrecendo e se decompondo novamente em seus componentes químicos)". (*Organon,* 6ª ed.; § 10; IHFL)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Através das propriedades acima descritas, vemos que a força vital instintiva e automática possui o papel de manter o organismo em equilíbrio, desde que impere o estado de saúde, não conseguindo o mesmo quando dele se afaste. Nestas tentativas de conservar a vida em equilíbrio, por não possuir o atributo da inteligência, causa sérios danos ao organismo. O organismo físico, sem a força vital, é incapaz de qualquer sensação ou atividade, não possuindo nem mesmo a capacidade de autoconservação, ocorrendo a morte e a decomposição.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital Orgânica - Composto Substancial entre o Corpo Físico e o Princípio Vital

Força Vital Orgânica - Composto Substancial entre o Corpo Físico e o Princípio Vital

Como vimos anteriormente, Hahnemann atribuía à força vital a capacidade de unir e animar as partes do corpo humano através de ações automáticas, afastando-as da matéria inanimada. Deste modo, o corpo físico e a força vital são encarados como uma unidade substancial.

> "[...] O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um organismo tão admirável, o que as obriga a conduzir-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e impele a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como um ser aparte". (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 134)

A distinção entre princípio vital *(vitalidade)* e princípio inteligente ou espírito *(força intelectual),* é nítida desde o início de suas obras, permanecendo até a sexta edição do *Organon* como veremos adiante. Em *Valor dos Sistemas em Medicina,* Hahnemann diferencia nitidamente a unidade entre o corpo físico e a força vital (*vitalidade do corpo organizado*) do espírito racional que o dirige (*força intelectual que atua dentro dele*).

> "Nenhum mortal conhece o *substratum* da vitalidade, ou a disposição íntima *a priori* do organismo vivo. Nenhum mortal pode aprofundar semelhante objeto, nem ainda sequer descobrir sua sombra [...]. Durante os dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o menor passo no conhecimento, *a priori,* da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele." (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 135)

Ao atribuir à alteração mórbida da força vital a causa das doenças *(sensibilidades e funções vitais alteradas),* a qual promove mudanças nas "propriedades das partes materiais componentes do corpo", fala-nos dos distúrbios na unidade entre o corpo físico e a força vital *(condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo).* Nas perturbações dinâmicas ou não materiais *(semelhante à espiritual)* encontramos as causas das doenças, que desarranjam os "órgãos de mais alta hierarquia e da força vital". Ao imaginarmos os "órgãos da força vital", pensamos numa réplica energética dos órgãos físicos, que permeia toda a materialidade orgânica, assim como a matéria nuclear do átomo (prótons, nêutrons, etc.) está envolta pela não materialidade das camadas de elétrons. À "atividade alterada (funções anormais) de cada órgão", relaciona o "desarranjo da força vital" e à "sensação alterada (inquietude, dores)", relaciona o "desarranjo dos *órgãos de mais alta hierarquia*", que, como veremos a seguir, são análogos ao conceito de "órgãos psíquicos ou mentais" (mente).

> "[...] doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais [...], uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo, em todo caso individual. [...] As causas excitantes das doenças agem, melhor

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> dizendo, por meio de suas propriedades essenciais no estado de nossa vida (em nossa saúde), apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e, sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem, a partir deste estado de desarranjo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietude, dores) e atividade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente." (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, p. 66)

Inferindo ao organismo vivo o poder automático e irracional de expelir um desarranjo dinâmico, correlaciona-o à unidade orgânico-vital. Aqui o termo "espiritual" assume a conotação de "dinâmico", "imaterial", como dito anteriormente, pois a energia do medicamento homeopático (semelhante ao desequilíbrio da força vital orgânica) nada tem de "espiritual", no sentido de "espírito dotado de razão". Dizendo que "algo parecido acontece na mente humana", vemos um processo semelhante ocorrendo em outra instância do ser humano, diferente da unidade físico-vital.

> "Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático expele de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma outra afecção muito semelhante; ou, em outras palavras, considerando a unidade da vida, não pode sofrer ao mesmo tempo dois desarranjos gerais semelhantes, mas deve descartar a afecção dinâmica primária (doença), sempre que é atuado por um segundo poder dinâmico (medicamento) mais capaz de desarranjá-lo [...]. Algo parecido acontece na mente humana." (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, p. 69)

Hahnemann correlaciona diretamente o corpo físico com a força vital, dizendo que "meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo". Une de forma clara e simples a força vital à constituição orgânica.

> "[...] Essa natureza, cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo [...]. A força vital produz, repito, de acordo com as leis da constituição do organismo a que está sujeita". (*Organon*, *Prefácio à Quarta Edição*, 1829)

Abordando a cura das doenças através dos medicamentos homeopáticos, explica que, "por si, este princípio vital - constituindo-se apenas numa força vital orgânica", só está destinado a preservar um corpo saudável, não conseguindo opor uma força maior ao inimigo mórbido invasor.

> "[...] É a força vital orgânica do nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória. Na realidade, esta força não teria sido capaz de vencer sem tal auxílio, pois nossa força orgânica vital, considerada isoladamente, só é suficiente para manter o fluxo desimpedido da vida, enquanto o homem não é afetado de forma mórbida pelo funcionamento adverso de forças causadoras de doenças. [...] Por si, este princípio vital - constituindo-se apenas numa força vital orgânica destinada a preservar uma saúde não perturbada - opõe somente uma débil resistência ao

> inimigo mórbido invasor [...]. Esta força, para que não provoque danos a si própria, não é capaz, nem criada e nem destinada a resistência maior (overpowering).” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume*, 1838; p. 28-9)

Na Introdução à sexta edição do *Organon,* Hahnemann refere-se inúmeras vezes à relação restrita da força vital com o corpo físico, dizendo estar “assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, apenas seguindo uma disposição física do nosso organismo” e não sendo capaz de atuar segundo “a razão, o raciocínio e a reflexão”.

> “Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises mórbidas agudas e moderadas, estava imitando apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão.” (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 40-1; IHFL, 1996)

> “Entretanto, a força vital, capaz de atuar por si mesma, apenas seguindo uma disposição física de nosso organismo e não segundo o raciocínio e a reflexão”. (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 49; IHFL, 1996)

Chega a comparar os esforços insuficientes de autodefesa da força vital à alopatia, por atuarem “segundo uma disposição orgânica de nosso corpo e não segundo uma reflexão intelectual”.

> “[...] Tal autodefesa da força vital, combatendo uma doença aguda apenas segundo uma disposição orgânica de nosso corpo e não segundo uma reflexão intelectual, é, na maior parte das vezes, uma espécie de alopatia [...]. Em uma palavra: todo processo de autodefesa do organismo, nas doenças que o afetam, mostra ao observador nada além de sofrimento, nada que ele possa ou deva imitar, a fim de exercer a verdadeira arte de cura.” (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 41, nota 18; IHFL, 1996)

No décimo parágrafo do *Organon,* deixa explícita a unidade substancial entre o corpo físico e a força vital, que é reforçada no décimo quinto parágrafo da mesma obra.

> “O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação* (*Ele está morto e submetido apenas ao poder do mundo físico exterior, apodrecendo e se decompondo novamente em seus componentes químicos)”. (*Organon,* 6ª ed.; § 10; IHFL)

> “O sofrimento da *Dynamis* (força vital) de tipo não material, animadora de nosso corpo, afetada morbidamente no interior invisível, e o conjunto dos sintomas exteriormente observáveis e por ela dispostos no organismo e representando o mal existente, constituem um todo, são uma única e mesma realidade. Sendo, porém, o organismo o instrumento material da vida, ele é tampouco concebível sem a animação pela *Dynamis* instintiva, sua sensora e regularizadora, tanto quanto a força vital sem o organismo; consequentemente, ambos constituem uma unidade, embora, em pensamento, nós a separemos em dois conceitos, a fim de facilitar sua compreensão.” (*Organon,* 6ª ed.; § 15; IHFL)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Este último parágrafo, é citado erroneamente como exemplo do vitalismo hahnemanniano embasado no pensamento aristotélico-tomista, inferindo-se que o mesmo justifique o composto substancial entre o corpo físico e a alma, prerrogativa básica da concepção monista. **A unidade que aqui existe, assim como em toda a obra de Hahnemann, é do corpo físico com a força vital**, **instintiva, irracional, incapaz de agir segundo a razão e a reflexão (atributos estes do espírito ou princípio inteligente humano)**, ou ainda, se o preferirem, unidade do corpo físico com a *vis medicatrix naturae.* Adiantando-nos aos fatos, para Hahnemann, o espírito humano possui identidade própria e se diferencia da unidade substancial formada pelo corpo físico com a força vital.

Citamos outros parágrafos do *Organon*, em que a mesma concepção orgânico-vital é transmitida, com o intuito de reforçar o pensamento de Hahnemann sobre o assunto em questão, cientes de estarmos sendo repetitivos.

> "[...] esses esforços tão imperfeitos e, na maior parte das vezes, inadequados da força vital meramente instintiva e irracional que se incorporou em nosso organismo, a fim de, enquanto ele se encontra sadio, proporcionar à nossa vida um curso harmonioso". (*Organon,* 6ª ed.; § 22, nota; IHFL)

> "[...] Contudo, a afecção local nada mais é do que uma parte da doença geral, mas que, parcialmente aumentada pela força vital orgânica, foi transferida para um local (externo) menos perigoso do organismo, a fim de amenizar o padecimento interno." (*Organon,* 6ª ed.; § 201; IHFL)

> "[...] A influência dinâmica hostil sobre o princípio vital, constitui a essência destes sinais externos dos miasmas malignos internos, que só se pode extinguir pela ação de um medicamento homeopático sobre o princípio vital, afetando o mesmo de forma semelhante, porém mais forte, privando-o de tal modo da sensação interna e externa do inimigo mórbido de tipo não material, que já não mais existe para o princípio vital (para o organismo), libertando, assim, o doente de seu mal, curando-o." (*Organon,* 6ª ed.; § 282, nota; IHFL)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital Imaterial, Dinâmica, Invisível e Espiritual

Força Vital Imaterial, Dinâmica, Invisível e Espiritual

Ao iniciarmos este tópico, faz-se necessário alguns esclarecimentos, que muito auxiliarão à compreensão futura.

Devido à discordância de alguns tradutores, justificável por diferenças existentes na língua alemã à época de Hahnemann e nos dias atuais, associadas a 'traduções de traduções' em inúmeros idiomas, o termo "espiritual" pode assumir conotações diversas como veremos a seguir.

Segundo justificativa citada na criteriosa tradução do *Organon* pelo IHFL,[1] trabalho muito elogiado por colegas conhecedores da língua alemã, o termo "geistartig" não é usado no alemão atual: "Hahnemann usou-o com muita frequência, querendo dizer 'de tipo não material', para diferenciar a força vital do corpo, segundo a concepção de matéria que podia ter na época. O termo **espiritual** pode ter conotação religiosa, eclesiástica e outras, não sendo o mais adequado para o texto".

É assim que Boericke, na sua versão para o inglês da sexta edição do *Organon*, traduziu os termos "geistartige" do parágrafo 9 e "geistartigen" do parágrafo 15, por "spiritual vital force" (força vital espiritual) e "spirit-like'' (como espírito), respectivamente, quando o significado correto seria "força vital de tipo não material". Querendo atribuir uma natureza "não material" à força vital, criou o termo "espiritual", gerador de posteriores confusões doutrinárias.

Analisando o termo "espiritual" encontrado em algumas traduções, observamos que ele é utilizado com o significado de "não material" ou "imaterial", segundo o contexto geral. Assim o é na referência abaixo, aonde se emprega o termo "espiritual" para designar uma propriedade do medicamento homeopático que, como já dissemos, em nada se relaciona às propriedades do espírito humano inteligente, a não ser com a imponderabilidade do mesmo. Além disso, a analogia com a vitalidade instintiva e irracional descarta qualquer propriedade racional.

> "Esta ação dinâmica dos medicamentos é quase inteiramente espiritual, como a mesma vitalidade, que se refaz sobre o organismo." (*A Medicina da Experiência,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 78)

Discorrendo sobre a "vida humana", Hahnemann diz que a substância material do organismo vivo, "em suas combinações vitais", não segue as mesmas leis que regem as substâncias inanimadas, sendo reguladas por "leis peculiares à vitalidade", que não estão sujeitas aos parâmetros da química e da física. O termo "espiritualmente dinâmica" do texto abaixo pertence à versão de Dudgeon, seguindo os mesmos equívocos de tradução citados anteriormente nos textos de Boericke.

[1] Hahnemann, Samuel. *Organon der Heilkunst. Organon da Arte de Curar.* Tradução da 6ª ed. alemã por Edméa Marturano Villela e Izao Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, IHFL, 1995.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "Os princípios pelos quais explicamos outras condições são inaplicáveis à explicação da vida humana - assim como à sua dupla condição: saúde e doença. [...] A vida humana não é de forma alguma regulada por leis puramente físicas, que prevalecem somente entre as substâncias inorgânicas. As substâncias materiais das quais se compõe nosso organismo já não seguem, em suas combinações vitais, as leis às quais se submetem as substâncias na sua condição inanimada; elas são reguladas pelas leis peculiares tão somente à vitalidade, elas são animadas e vitalizadas assim como o sistema como um todo é animado e vitalizado. Neste domínio reina onipotente um poder fundamental e sem nome, o qual abole toda a tendência que têm as partes do corpo a obedecer às leis da gravitação, do momento, da *vis inertiae* (força da inércia), da fermentação, da putrefação, etc., e as mantém na condição de sensibilidade e atividade necessária à preservação do ser vivo como um todo, uma condição quase espiritualmente dinâmica." (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática,* 1813; *Revista de Homeopatia,* p. 65-6)

A doença consistiria numa alteração das sensibilidades e funções vitais, sem qualquer "consideração química ou mecânica", causada por influências morbíficas "invisíveis e imateriais" que agem "apenas de uma maneira dinâmica – semelhante à espiritual", desarranjando "os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital", causando "sensação alterada (inquietude, dores) e atividade alterada (funções anormais)" dos órgãos físicos, com "alteração dos fluidos em nossos vasos e produção de secreções anormais".

> "Então, como a condição do organismo e sua saúde depende somente da saúde da vida que o anima, da mesma forma conclui-se que a saúde alterada, que denominamos doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica; em resumo, deve constituir-se em uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo em todo caso individual. Além disso, a influência dos agentes morbíficos nocivos, [...] é geralmente tão invisível e tão imaterial, que é impossível que possa mecanicamente causar distúrbio ou desarranjar as partes componentes de nosso corpo, em sua forma e substância [...]. As causas excitantes das doenças agem [...], apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem, a partir desse estado de desarranjo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietude, dores) e atividade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente. Assim, deve ocorrer necessariamente, como consequência, a alteração dos fluidos em nossos vasos e produção de secreções anormais - a inevitável consequência do caráter vital alterado, que agora difere do estado de saúde. (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática,* 1813; *Revista de Homeopatia,* p. 66)

Sendo as doenças alterações dinâmicas e imateriais do princípio vital orgânico, que se refletem no físico através de um conjunto de sintomas, "sensações e funções alteradas, nada a não ser o estado do corpo doente, plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção, pode ser reconhecível como o objeto a ser curado". Mais uma vez, as "sensações e funções alteradas" são exemplificadas como sintomas observáveis pelos nossos sentidos físicos.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "Por isso, é óbvio que as doenças desencadeadas pela influência dos agentes morbíficos podem ser originalmente apenas desarranjos dinâmicos (causados quase apenas por um processo espiritual) do caráter vital de nosso organismo. Prontamente percebemos que estes desarranjos dinâmicos do caráter vital de nosso organismo, que nós chamamos doenças, uma vez que eles são nada mais que sensações e funções alteradas, podem também expressar a si mesmos por nada mais a não ser um conjunto de sintomas, e apenas assim eles são reconhecíveis aos nossos recursos de observação. Bem, em uma profissão de tal importância para a vida humana como é a medicina, nada, a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção, pode ser reconhecível como o objeto a ser curado, e deve guiar nossos passos (escolher conjeturas e hipóteses indemonstráveis como nosso guia, poderia ser uma tolice perigosa e de mais a mais um crime e traição contra a humanidade)". (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática,* 1813; *Revista de Homeopatia,* p. 66)

De forma semelhante, os medicamentos homeopáticos curam as doenças através do mesmo modo ou processo dinâmico e imaterial ("modo ou processo espiritual") de alterar o caráter vital de nosso organismo.

> "Estas substâncias ativas e poderes (medicamentos) que temos a nosso serviço, efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado atual de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções". (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática,* 1813; *Revista de Homeopatia,* p. 66)

> "Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático expele de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma outra afecção muito semelhante; [...] logo, apenas a menor dose dele é necessária e útil para a cura, isto é, para alterar o organismo doente em direção à doença medicamentosa semelhante; e uma dose maior não é necessária para este propósito, porque o poder espiritual do medicamento nestas circunstâncias não atinge seu objetivo por meio de quantidade, mas por potencialidade e qualidade (aptidão dinâmica, homeopaticidade)". (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática,* 1813; *Revista de Homeopatia,* p. 69)

Novamente, encontramos o termo "espiritual" sendo utilizado para designar a energia dinâmica, invisível e imaterial dos medicamentos homeopáticos, não sendo admissível a natureza inteligente e racional do significado metafísico.

> "[...] Vejam só! O poder dinâmico e espiritual de alterar a saúde do homem, poder recôndito no íntimo invisível dos medicamentos e nunca manifesto pura e verdadeiramente senão pelos seus efeitos no homem são". (*Organon, Prefácio à Segunda Edição,* 1818)

Do mesmo modo, para adjetivar o princípio vital imaterial, automático, instintivo e incapaz de qualquer atividade racional e reflexiva. O termo correto seria, como dissemos no início deste capítulo, "não material".

> "O fundo ou essência fundamental deste princípio vital espiritual, conferido a nós homens pelo Criador infinitamente misericordioso, é incrivelmente grande, se nós médicos entendermos de que modo manter sua integridade nos períodos de saúde, encaminhando os

> homens para um modo de vida saudável, e de que modo invocá-lo e intensificá-lo na doença, através de um tratamento puramente homeopático." (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume,* 1838)

Enfatizando o raciocínio anterior, como imaginar a atuação "espiritual" (inteligente) de uma dinamização homeopática sobre a nossa fibra irritável e sensível, se sabemos que, sob a influência da mesma, nosso princípio vital reage de forma automática, irracional e instintiva?

> "Dinamizações homeopáticas são processos pelos quais são despertadas as propriedades medicinais, latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual em nossa vida, i.é., sobre nossa fibra irritável e sensível." (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quinto Volume,* 1839)

O miasma da Psora, como uma manifestação "meio imaterial", atua como um parasita na constituição "meio física" e "meio dinâmica" (não material) da unidade orgânico-vital humana.

> "Daí parece ter decorrido que este miasma meio-espiritual (Psora), o qual como um parasita busca enraizar sua vida hostil no organismo humano e a continuar ali sua existência [...]." (*Doenças Crônicas,* 1828; *Os Medicamentos,* p. 179)

Nos parágrafos a seguir, encontramos duas denominações para a "força não material (dinâmica) que anima o corpo físico": "força vital", para designar a energia ou a força em si mesma, e "princípio vital" ou *"dynamis",* para designar uma unidade desta força que envolve todo o organismo, como um "ser imaterial" (como se fosse um "corpo vital").

> "[...] Ela pode facilmente convencer a todos que têm capacidade de reflexão que as doenças dos Homens não repousam sobre qualquer substância, qualquer acridade (acrimônia), isto é, qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano (o princípio vital, a força vital)." (*Organon, Prefácio à 6ª ed.;* p.21; IHFL, 1996)

> "[...] Mesmo quando o menor estilhaço atinge nossas partes sensíveis, o princípio vital, onipresente em nosso corpo, não descansa até novamente desalojá-lo por meio da dor, febre, supuração ou gangrena." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 34; IHFL, 1996)

> "No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (Organismo) como *Dynamis,* mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções". (*Organon,* 6ª ed.; § 9; IHFL)

> "O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação; somente o ser imaterial (princípio vital, força vital), que anima o organismo no estado saudável ou doente, lhe confere toda sensação e estimula suas funções vitais." (*Organon,* 6ª ed.; § 10; IHFL)

> "Somente a força vital morbidamente afetada produz as doenças, de modo que ela se exprime no fenômeno mórbido perceptível aos nossos sentidos, simultaneamente a toda

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> alteração interna, isto é, a toda distonia mórbida da *Dynamis* interna, revelando toda a doença." (*Organon*, 6ª ed.; § 12; IHFL)

> "[...] como algo separado do conjunto vivo do organismo e da *Dynamis* que o anima, internamente oculta". (*Organon*, 6ª ed.; § 13; IHFL)

> "[...] a fim de, com esse procedimento reanimar o princípio vital, de modo que a reação deste restabeleça o tônus dos músculos e dos vasos sanguíneos e linfáticos." (*Organon*, 6ª ed.; § 290; IHFL)

Assim como outros autores, Entralgo atribui ao termo *"dynamis"* a conotação de "a atividade e a virtualidade próprias da *physis* ou «natureza particular»", ou seja, o conjunto de qualidades, propriedades e manifestações da força vital.

> "[...] Os mais diversos autores do *C.H.* coincidem em empregar a palavra *dynamis* num sentido «fisiológico»; usando-a, todos se entendem tecnicamente entre si e todos aludem a atividade e a virtualidade próprias da *physis* ou «natureza particular» - um alimento, um fármaco ou uma víscera – a que ela constitutivamente pertencem. Diferem, isso sim, no modo de conceber o que a *dynamis* realmente seja: conjunto de qualidades operativas, intensidade da operação destas ou princípio material especificamente ativo.[...]" (*La Medicina Hipocrática*, Pedro Laín Entralgo, cap. II, § II, p. 79)

Explicando a "influência dinâmica e a força dinâmica", caracterizando "tais efeitos de **dinâmicos, virtuais**", fica clara a concepção hahnemanniana de oposição ao que é "material e mecânico", comparando-os à força de um ímã que atrai um pedaço de ferro, como uma força invisível que dispensa qualquer meio material para atuar: "uma força pura, imaterial, invisível, de tipo incorpórea".

> "Quando o homem adoece é somente porque, originalmente, esta força de tipo não material presente em todo o organismo, esta força vital de atividade própria (princípio vital) foi afetada através da influência dinâmica* de um agente morbífico, hostil à vida; [...] (*O que é influência dinâmica, força dinâmica? [...] Somente o Homem culto, afeito à comparação e à abstração, tem capacidade para formar uma espécie de ideia transcendental que baste para manter longe de seus pensamentos tudo o que é material e mecânico na concepção de tais conceitos; ele chama tais efeitos de **dinâmicos, virtuais,** isto é, efeitos que resultam de um poder e ação absolutos, específicos, puros de uma substância sobre a outra. Assim, por ex., a ação dinâmica das influências morbíficas no Homem sadio, bem como a força **dinâmica** dos medicamentos sobre o princípio vital, a fim de tornar o Homem novamente sadio, nada mais é do que contágio, não sendo absolutamente material nem absolutamente mecânica, assemelhando-se à força de um ímã quando atrai poderosamente um pedaço de ferro ou aço que esteja próximo. [...] Essa força invisível dispensa qualquer meio auxiliar mecânico (material), qualquer gancho ou alavanca, para atrair o ferro; ela o atrai e age sobre ele ou sobre uma agulha de aço por meio de uma força pura, imaterial, invisível, de tipo incorpórea, própria, isto é, comunicando **dinamicamente** à agulha de aço a força magnética de maneira igualmente invisível, dinâmica)." (*Organon*, 6ª ed.; § 11, nota; IHFL)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Analisando os textos acima, clara está a noção de uma força imaterial, incorpórea, invisível, sem qualquer ligação com o modelo materialista-mecanicista, reagindo com forças semelhantes, seja no contágio morboso, seja na atuação das potências medicamentosas. O termo "espiritual", conforme observamos, demonstra a "não materialidade" em questão, sem denotar qualquer sentido metafísico nas referidas citações.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital, Magnetismo, Mesmerismo e outras Potências Medicinais Dinâmicas

Força Vital, Magnetismo, Mesmerismo e outras Potências Medicinais Dinâmicas

Desde o início de seus escritos, Hahnemann, como observador isento de preconceitos, admite a atuação de outras forças no corpo enfermo. Como tal, cita "a força heróica do magnetismo animal, influência imaterial de um corpo humano vivo sobre outro", comparando sua atuação às doses mínimas dos medicamentos homeopáticos, assim como a "aplicação de uma barra de ferro imantada e do contato com outros metais".

> "A sensibilidade de um corpo muito enfermo para as estimulações medicinais está elevada em muitos casos, a tal ponto que se vê que atuam sobre este corpo, e que começam a excitar-lhe, potências cuja existência quase chegamos a negar porque não produzem nenhum efeito sobre o homem são, nem em algumas enfermidades que não têm relação com elas. Citarei aqui, como exemplo, a força heróica do magnetismo animal, desta influência imaterial de um corpo humano vivo sobre outro, que se exerce em certos modos de contato ou quase contato, e produz uma excitação tão enérgica sobre as pessoas em que uma constituição delicada e uma grande sensibilidade tornam-nas muito dispostas, tanto às emoções vivas quanto aos movimentos que resultam de uma irritabilidade muscular muito desenvolvida. Esta força animal não se mostra em nada entre pessoas robustas e sãs, não porque não exista, senão porque é muito mais débil para poder ou dever manifestar-se entre pessoas sãs, enquanto que muitas vezes atua com demasiada intensidade nos estados morbosos da sensibilidade e da irritabilidade, como igualmente o fazem doses mínimas de outros medicamentos curativos num sujeito muito enfermo. O mesmo ocorre com a aplicação de uma barra de ferro imantada e do contato com outros metais, cujos efeitos medicinais são absolutamente insensíveis no corpo dotado de saúde." (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 76-7)

Na sequência, fala da "potência medicinal do calor e do frio", com a diferença de não ser "tão exclusivamente dinâmica como a de outros medicamentos", devendo ser usada em grande intensidade para que promova um efeito rápido. Juntamente com a eletricidade, o magnetismo animal, a ação das barras imantadas e o contato com metais, pertencem "à categoria das excitações medicinais mais difusíveis", não sendo detidas pela epiderme.

> "Só a potência medicinal do calor e do frio parece que não é tão exclusivamente dinâmica como a de outros medicamentos. Quando se empregam estes dois agentes como remédios positivos, a menor dose possível não basta para produzir efeito. É preciso que os dois sejam usados em altas doses, ou seja, que tenham uma grande intensidade, se quiser que sua ação saudável ocorra rapidamente. [...] O calor e o frio pertencem, com a eletricidade, à categoria das excitações medicinais dinâmicas mais difusíveis. A epiderme não pode nem diminuir, nem deter sua ação, provavelmente porque esta membrana lhes serve em certo modo de condutor e de veículo. O mesmo sucede, sem dúvida, a respeito do magnetismo animal, da ação medicinal das barras imantadas, e em geral da potência exercida pela aplicação dos metais no exterior. O galvanismo parece que penetra com um pouco menos de facilidade através da epiderme." (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 81-2)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Em *Doenças Crônicas,* Hahnemann ensina o "toque mesmérico calmante" para aliviar processos intensos de irritação após a administração seguida e sem critério de vários remédios antipsóricos, nos quais "medicamento algum atua ou demonstra seus efeitos", podendo até agravar o quadro em questão.

> "Depois o paciente entra naturalmente num tal estado de irritação que, como dizemos, medicamento algum atua ou demonstra seus efeitos e de tal modo que o poder de resposta no paciente corre perigo de acender bruscamente e expirar à menor dose subsequente de medicamento. Num caso assim, não há qualquer benefício adicional a ser extraído do medicamento, mas pode mostrar-se útil um toque mesmérico calmante efetuado desde o alto da cabeça (onde ambas as mãos espalmadas deverão repousar durante um minuto aproximadamente) e lentamente deslizando para baixo sobre o corpo, passando pela garganta, ombros, braços, mãos, joelhos e pernas, até chegar aos pés e artelhos. Isto pode ser repetido se necessário." (*Doenças Crônicas,* 1828; *Miasmas,* p. 164)

Ao discorrer sobre a atuação das "forças dinâmicas do magneto mineral, da eletricidade e do galvanismo sobre nosso princípio vital", refere serem estas tão poderosas e homeopáticas como os próprios medicamentos: "Porém, o modo seguro de emprego das duas últimas, assim como a da chamada eletromagnética, ainda permanece demasiadamente obscuro, para fazer delas uso homeopático".

> "A força dinâmica do magneto mineral, da eletricidade e do galvanismo não age menos poderosamente sobre nosso princípio vital e não é menos homeopática do que os medicamentos propriamente ditos, os quais suprimem doenças mediante sua ingestão, fricção na pele ou inalação, havendo doenças, especialmente as que se relacionam à sensibilidade e irritabilidade, aos desvios da sensação e aos movimentos musculares involuntários, que podem ser curadas por ela. Porém, o modo seguro de emprego das duas últimas, assim como a da chamada eletromagnética, ainda permanece demasiadamente obscuro, para fazer delas uso homeopático. Quando muito, empregou-se até agora a eletricidade e o galvanismo somente de modo paliativo, para grande prejuízo dos doentes. Os efeitos positivos e puros de ambos no corpo humano sadio foram, até hoje, ainda pouco testados." (*Organon,* 6ª ed.; § 287; IHFL)

Nos parágrafos 288 e 289 do *Organon,* discorre detalhadamente sobre o **magnetismo animal** ou **mesmerismo,** dizendo diferir "da natureza de todos os outros medicamentos". Caracteriza-o como uma força curativa, muito negada e difamada, "esse maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem", em que "a força vital do mesmerizador sadio aflui dinamicamente para o indivíduo doente", substituindo no doente "a força vital deficiente em vários pontos de seu organismo" (mesmerismo positivo), ou dispersando a força vital acumulada em demasia (mesmerismo negativo), responsável por inúmeros padecimentos nervosos. Com este *passe magnético,* operado por "magnetizadores animais dotados de grande força natural e que são poucos entre os Homens", são operados, por vezes, "aparentes milagres". Fala da importância do controle do desejo sexual nestas pessoas, pois desta forma, "a grande qualidade de fluidos vitais sutis, que em todos os Homens está pronta a ser empregada na formação do esperma", pode ser transmitida aos doentes através do poderoso contato.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "Nesse ponto, acho ainda necessário fazer menção ao chamado **magnetismo animal,** ou melhor, **mesmerismo** (como deveria ser chamado, graças a **Mesmer**, seu fundador), que difere da natureza de todos os outros medicamentos. Essa força curativa, muitas vezes intensamente negada e difamada ao longo de um século inteiro, esse maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem, mediante o qual, através da poderosa vontade de uma pessoa bem intencionada sobre um doente, por contato, ou mesmo sem ele e mesmo a certa distância, a força vital do mesmerizador sadio, dotado com essa força, aflui dinamicamente para outro indivíduo, agindo de diversas maneiras: enquanto substitui no doente a força vital deficiente em vários pontos de seu organismo, em outros, onde a força vital se acumulou em demasia, causando e mantendo indescritíveis padecimentos nervosos, desvia-a, suavizando-a, distribuindo-a equitativamente, extinguindo principalmente o distúrbio mórbido do princípio vital do doente e substituindo pela força vital normal do mesmerizador que age poderosamente sobre ele, por ex., velhas úlceras, amaurose, paralisias parciais, etc. Muitas curas rápidas aparentes realizadas por magnetizadores animais de todos os tempos, dotados de grande força natural, pertencem a essa categoria. Mas a ação da força humana comunicada a todo o organismo se evidencia de modo mais brilhante na reanimação de algumas pessoas que permaneceram algum tempo em morte aparente, mediante a vontade muito poderosa e muito acolhedora de um indivíduo em pleno gozo de sua força vital*, um tipo de reanimação do qual a história aponta vários exemplos. Se o mesmerizador de outro sexo é capaz, ao mesmo tempo, de um benévolo entusiasmo (mesmo degenerando na beatice, fanatismo, misticismo ou sentimentalismo altruísta), então, ele estará ainda mais em condições, mediante essa conduta filantrópica e abnegada, de, não somente dirigir a força de sua bondade predominante exclusivamente ao objeto carente de sua ajuda, mas também como que ali concentrá-la, assim operando, por vezes, aparentes milagres. (*Especialmente uma dessas pessoas que são poucas entre os Homens e que, além de uma grande bondade e perfeita força física, **possui o desejo sexual muito moderado ou nulo** e nas quais, portanto, a grande qualidade de fluidos vitais sutis que em todos os Homens está pronta a ser empregada na formação do esperma está prestes a transmitir-se a outras pessoas através do poderoso contato. Conheci alguns magnetizadores com grande poder que possuíam **todas** essas características peculiares.)" (*Organon*, 6ª ed.; § 288; IHFL)

Ensinando detalhadamente a prática do mesmerismo, mostra a admiração que possuía pelo método em questão. Divide o **mesmerismo** em **positivo** e **negativo,** ocorrendo no primeiro tipo "um afluxo dinâmico de maior ou menor força vital ao paciente", enquanto no segundo temos uma ação contrária, ocorrendo uma "descarga da força vital acumulada em excesso, em partes isoladas do organismo de pessoas não debilitadas". Exemplifica com minúcias a forma de aplicação do "mesmerismo negativo", com exemplos práticos de curas, alertando para o perigo da utilização do "mesmerismo positivo", quando utilizado de forma abusiva e reprovável, em indivíduos de "nervos débeis", para despertar o "sonambulismo e a clarividência" (faculdades mediúnicas). Diz ser o "tecido de seda" um isolante da força vital, reforçando a idéia desta possuir uma natureza imaterial semelhante a outras formas de energias conhecidas, as quais são isoladas igualmente pela seda.

> "Todos os tipos mencionados de prática do mesmerismo baseiam-se num afluxo dinâmico de maior ou menor força vital ao paciente, sendo conhecidos, por isso, como mesmerismo positivo*. Contudo, uma prática oposta do mesmerismo merece ser chamada de **mesmerismo negativo,** pois age de modo contrário. A essa categoria pertencem os passes que são empregados para despertar do sono sonambúlico, bem como todos os processos manuais que foram catalogados sob o nome de **acalmar** e **ventilar.** Essa **descarga**, através

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> do mesmerismo negativo da força vital acumulada em excesso, em partes isoladas do organismo de pessoas não debilitadas, se faz de modo mais certo e mais simples, efetuando-se um movimento rápido do alto da cabeça até a ponta dos pés com a palma da mão direita estendida paralelamente a uma distância de cerca de uma polegada do corpo**. Quanto mais rápido for esse passe, tanto mais forte será a descarga. Assim, por ex., por ocasião da morte aparente de uma senhora, até então sadia, ocasionada pela suspensão repentina da menstruação, em virtude de um intenso abalo psíquico, a força vital acumulada provavelmente na região precordial, através de tais passes negativos rápidos, é descarregada e retoma o equilíbrio em todo o organismo, reanimando-se imediatamente. (*Apresso-me em lembrar aqui, que quando me referi à força curativa segura e enérgica do mesmerismo positivo, não me reportava ao seu abuso altamente reprovável em que, mediante passes desta espécie, repetidos a cada meia hora, de hora em hora ou mesmo diariamente, produz-se, em doentes de nervos débeis, esse monstruoso transtorno da personalidade humana que se chama sonambulismo e clarividência, no qual o Homem, subtraído do mundo dos sentidos, parece pertencer mais ao mundo dos espíritos - um estado profundamente antinatural e perigoso, por meio do qual muitas vezes se tentou, em vão, curar doenças crônicas. **Que a uma pessoa a ser magnetizada positiva ou negativamente não é permitido absolutamente vestir seda em qualquer parte do corpo é uma regra já conhecida; menos conhecido, entretanto, é o fato de que, se o próprio mesmerizador estiver sobre um tecido de seda, poderá transmitir sua força vital ao doente de modo mais completo do que se mantiver seus pés apenas no chão.)" (*Organon,* 6ª ed.; § 289; IHFL)

Associa o efeito benéfico da "massagem feita por uma pessoa vigorosa e benévola", reanimando o princípio vital em indivíduos debilitados, ao "mesmerismo positivo".

> "A essa categoria pertence também, em parte, a chamada massagem feita por uma pessoa vigorosa e benévola em um indivíduo que foi doente crônico, que, embora curado, encontra-se em lenta convalescença, sofrendo ainda de enfraquecimento, digestão débil e insônia. Ele segura separadamente os músculos dos membros do doente, peito e costas, comprimindo-os e, como que batendo moderadamente, a fim de com esse procedimento reanimar o princípio vital, de modo que a reação deste restabeleça o tônus dos músculos e dos vasos sanguíneos e linfáticos. A influência mesmérica é, naturalmente, elemento principal nesse procedimento, de que não se deve abusar em pacientes ainda portadores de um psiquismo sensível." (*Organon,* 6ª ed.; § 290; IHFL)

Diz serem os "banhos de água pura meios de auxílio homeopaticamente úteis" na convalescença de enfermos, "não constituindo, por si mesmos, verdadeiros medicamentos". Conforme a temperatura desses, atuam homeopaticamente, sendo os banhos mornos utilizados para descarregar a "irritabilidade nervosa (força vital) acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, e os banhos frios, na convalescença de pessoas com calor vital deficiente, mediante imersões instantâneas e repetidas, como restauração paliativa do tônus da fibra exaurida".

> "Os banhos de água pura se prestam, em parte como paliativos, em parte como meios de auxílio homeopaticamente úteis na restauração da saúde em males agudos, bem como na convalescença de doentes crônicos recém-curados, devendo-se levar em conta a condição dos convalescentes e a temperatura dos banhos, a duração e a repetição dos mesmos. Eles proporcionam, contudo, ainda quando bem aplicados, apenas mudanças físicas benéficas no organismo doente, não constituindo, por si mesmos, verdadeiros medicamentos. Os banhos mornos de 25º até 27º R servem para despertar a irritabilidade adormecida da fibra

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa num morto aparente (afogamento, congelamento, asfixia). Embora apenas paliativos mostram-se, muitas vezes, amplamente eficazes, principalmente quando associados à administração de café e fricções, podendo prestar ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade nervosa está distribuída e acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, como em certos casos de espasmos histéricos e convulsões infantis. Do mesmo modo, os banhos frios de 10º a 6º R agem homeopaticamente na convalescença de pessoas com calor vital deficiente e curadas de doenças crônicas por medicamentos, mediante imersões **instantâneas** e **repetidas** após, com mais frequência, como restauração paliativa do tônus da fibra exaurida. (*Organon*, 6ª ed.; § 291; IHFL)

Neste capítulo, vimos a importância que Hahnemann dava ao magnetismo animal ou mesmerismo, chegando a comparar sua atuação com a dos medicamentos homeopáticos, apesar de agirem de um modo diferente destes. Atuando de forma contrária ao desequilíbrio vital, no mesmerismo positivo ocorre um afluxo de força vital do mesmerizador para o doente carente da mesma, aumentando com isto o seu tônus vital deficiente, e no mesmerismo negativo, temos uma descarga da energia vital acumulada em excesso em determinadas partes do organismo.

Reiterando a idéia de uma força vital com semelhanças a outras formas de energia atualmente conhecidas pela Física, e não com características extremamente sutis como deveria ser no caso de pensarmos em algo "espiritual" (no sentido metafísico do termo), Hahnemann tece comparações da mesma com o magnetismo, a eletricidade, o eletromagnetismo, o galvanismo, etc. O mesmo se aplica ao pensarmos numa força vital que se difunde do mesmerizador para o doente, passando de um para o outro, e sendo contida por substâncias isolantes. Jamais poderíamos aplicar isto ao espírito inteligente que em nós reside.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital e Enfermidade

Força Vital e Enfermidade

Segundo Hahnemann, "jamais nos será permitido ver as mudanças interiores (invisíveis) que são a base ou a origem das enfermidades", podendo-se conhecê-las, somente, através dos sintomas exteriores, únicos necessários para se efetivar a cura deste desequilíbrio sutil.

> "Os médicos perderam dois mil anos em investigar as mudanças invisíveis que o interior do corpo sofre nas enfermidades, a causa primária destas e sua essência íntima, porque acreditavam que não podiam curá-las sem ter estes conhecimentos que é impossível adquirir. [...] Se jamais nos será permitido ver as mudanças interiores do corpo que são a base ou a origem das enfermidades, o conhecimento das causas exteriores que produziram estas últimas tem alguma utilidade. [...] A essência íntima de cada enfermidade, de cada caso morboso em separado, se manifesta, em tanto quanto necessitamos conhecê-la para curá-la, por meio de sintomas, cujo conjunto, intensidade individual, conexões e sucessão estuda o verdadeiro observador." (*A Medicina da Experiência,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 48-52)

Estando a origem da maioria das enfermidades numa "causa imaterial e dinâmica", é esta que irá desarranjar o equilíbrio imaterial e dinâmico da força vital.

> "[...] As enfermidades podem dividir-se em duas classes, sob o ponto de vista prático: em enfermidades que dependem de uma causa visível, material, e em aquelas cuja causa é imaterial, dinâmica. [...] O que deve ocupar-nos, neste caso, é a cura das enfermidades da segunda classe, que compreende a inumerável multidão de outras afecções que se chamam mais particularmente enfermidades agudas, semi-agudas e crônicas, com todas os incômodos e indisposições que dependem de uma causa imaterial e dinâmica." (*Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades,* 1809; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 164-5)

A alteração da saúde, chamada de doença, "consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo", expressando-se por sintomas manifestos externamente.

> "Então, como a condição do organismo e sua saúde depende somente da saúde da vida que o anima, da mesma forma conclui-se que a saúde alterada, que denominamos doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica; em resumo, deve constituir-se em uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma conseqüência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo em todo caso individual. [...] Prontamente percebemos que estes desarranjos dinâmicos do caráter vital de nosso organismo, que nós chamamos doenças, uma vez que são nada mais que sensações e funções alteradas, podem também expressar a si mesmos por nada mais a não ser um conjunto de sintomas, e apenas assim eles são reconhecíveis aos nossos recursos de observação." (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática,* 1813; *Revista de Homeopatia,* p. 66)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Nenhuma doença humana "repousa sobre qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano".

> "[...] Ela pode facilmente convencer a todos que têm capacidade de reflexão que as doenças dos Homens não repousam sobre qualquer substância, qualquer acridade, isto é, qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano (o princípio vital, a força vital)." (*Organon, Prefácio à 6ª ed.;* p. 21; IHFL, 1996)

> "[...] Visto, pois, que sendo a maioria, a grande maioria mesmo das doenças, de origem dinâmica (não material) e de natureza dinâmica (não material) e sua causa também não podendo ser reconhecível materialmente [...]." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 24-5; IHFL, 1996)

> "[...] desfazer-se dessa idéia material e reconhecer a natureza físico-mental do organismo como uma essência tão altamente potencializada que as modificações vitais nas sensações e funções, as quais são chamadas de doenças, pudessem principalmente e quase que exclusivamente ser causadas e provocadas através de uma influência dinâmica (não material)." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 27; IHFL, 1996)

> "[...] as doenças não podem, para agradar àquelas tolas hipóteses alicerçadas sobre o nada, deixar de constituir **desarranjos dinâmicos** (não materiais) **de nossa vida de tipo não material nas sensações e funções, isto é, desarranjos imateriais de nosso estado de saúde.** As causas de nossas doenças não podem ser materiais, pois uma mera substância material estranha introduzida nos vasos sanguíneos, embora nos pareça inofensiva, é imediatamente repelida pela força vital como um veneno, ou, quando isso não ocorre, sobrevém a morte. Mesmo quando o menor estilhaço atinge nossas partes sensíveis, o princípio vital, onipresente em nosso corpo, não descansa até novamente desalojá-lo por meio da dor, febre, supuração ou gangrena." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 33; IHFL, 1996)

O distúrbio interior da força vital manifesta-se, exteriormente, através da totalidade dos sintomas, estando nesta individualidade totalizante o principal substrato para fundamentarmos a escolha do medicamento adequado.

> "[...] - desse modo, a totalidade destes seus sintomas, **este quadro do ser interior da doença que se reflete no exterior, isto é, do padecimento da força vital,** deve ser o principal ou o único através do qual a doença dá a conhecer o meio de cura de que ela necessita, o único que pode determinar a escolha do meio de auxílio adequado - em suma, a totalidade dos sintomas deve ser, para o artista da cura, senão a coisa principal, a única que ele, em cada caso de doença, precisa conhecer e **afastar** através de sua arte, a fim de que a doença seja curada e transformada em saúde." (*Organon,* 6ª ed.; § 7; IHFL)

Toda doença, segundo Hahnemann, ocorre porque a força vital, de caráter dinâmico, imaterial, "presente em todo o organismo", foi afetada por uma influência dinâmica, imaterial, morbífica.

> "Quando o Homem adoece é somente porque, originalmente, esta força de tipo não material presente em todo o organismo, esta força vital de atividade própria (princípio vital) foi

> afetada através da influência dinâmica de um agente morbífico, hostil à vida; somente o princípio vital afetado em tal anormalidade pode conferir ao organismo as sensações adversas, levando-o, assim, a funções irregulares a que damos o nome de doença, pois este ser dinâmico, invisível por si mesmo e somente reconhecível nos seus efeitos no organismo, fornece sua distonia mórbida somente através da manifestação da doença nas sensações e funções [...].” (*Organon,* 6ª ed.; § 11; IHFL)
>
> “Somente a força vital morbidamente afetada produz as doenças, de modo que ela se exprime no fenômeno mórbido perceptível aos nossos sentidos, simultaneamente a toda alteração interna, isto é, a toda distonia mórbida da *Dynamis* interna, revelando toda a doença.” (*Organon,* 6ª ed.; § 12; IHFL)
>
> “Por conseguinte, a doença (que não compete ao processo mecânico da cirurgia) não ocorre de forma alguma segundo consideram os alopatas: como algo separado do conjunto vivo do organismo e da *Dynamis* que o anima, internamente oculta”. (*Organon,* 6ª ed.; § 13; IHFL)
>
> “O sofrimento da *Dynamis* de tipo não material (força vital), animadora de nosso corpo, afetada morbidamente no interior invisível, e o conjunto dos sintomas exteriormente observáveis e por ela dispostos no organismo e representando o mal existente, constituem um todo, são uma única e mesma realidade.” (*Organon,* 6ª ed.; § 15; IHFL)

No parágrafo abaixo, temos a idéia hahnemanniana da transmissão de doenças, em que “um poder hostil, de tipo não material, como uma ‘espécie de contágio’, perturba, em seu domínio instintivo, o princípio vital de tipo não material reinante em todo o organismo, torturando-o como um espírito maligno”.

> “A doença natural nunca deve ser considerada como **matéria** nociva situada em um ponto qualquer interno ou externo do indivíduo, mas como algo produzido por um poder hostil, de tipo não material que, como uma espécie de contágio, perturba, em seu domínio instintivo, o princípio vital de tipo não material reinante em todo o organismo e, como um espírito maligno, tortura-o, compelindo-o a produzir certos padecimentos e desordens no curso da vida, aos quais se dá o nome de doenças (sintomas).” (*Organon,* 6ª ed.; § 148; IHFL)

Nada de material deve ser removido do corpo como agente causador de doenças, agravando o quadro do doente se isto for feito.

> “Visto que as doenças, de um modo geral, são apenas ataques dinâmicos sobre o princípio vital, não estando em sua base qualquer princípio material, qualquer *materia peccans* [...], não há também, nestes casos, nada material a remover, nada a retirar, cauterizar, nada a ligar ou cortar, sem fazer com que o doente se torne cada vez mais doente e mais difícil de curar, do que ele era antes de serem tocadas as manifestações exteriores destes três grandes miasmas.” (*Organon,* 6ª ed.; § 282, nota; IHFL)

Para Hahnemann, toda doença natural ocorreria pela perturbação da força vital imaterial que anima o corpo físico, através de influências dinâmicas morbosas de mesmo caráter. Assim sendo, deveria existir uma ‘espécie de contágio imaterial’ para que isto ocorresse, ficando clara esta concepção ao explicar como os miasmas tomam conta do organismo vivo através das terminações nervosas, conforme veremos adiante. Esta distonia vital manifesta-

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

se aos nossos sentidos através da totalidade sintomática, objetivo a ser perseguido por todo homeopata que busque a verdadeira cura das enfermidades.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital e Cura

Força Vital e Cura

A ação dinâmica e imaterial dos medicamentos era uma certeza que Hahnemann tinha desde o início de sua prática homeopática.

> "Esta ação dinâmica dos medicamentos é quase inteiramente espiritual, como a própria vitalidade, que se refaz sobre o organismo." (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 78)

A "energia positiva e pura" dos medicamentos, que atua sobre o corpo doente restabelecendo o equilíbrio perdido, se expressa nas "modificações e sensações que produzam no organismo do homem são (sintomas morbosos)".

> "Tu deves, pensava eu, observar o modo como os medicamentos atuam sobre o corpo do homem, quando se encontra no estado tranquilo da saúde. As mudanças que determinam então não ocorrem em vão, e certamente devem significar alguma coisa; por que se não fosse assim, para que ocorreriam?! Quiçá seja esta a única língua em que podem expressar ao observador o objeto da sua existência; quiçá as modificações e sensações que produzem no organismo do homem são, no qual não se vê afogada sua voz pela dos sintomas morbosos, é o único modo com que podem revelar ao observador, sem preocupações, sua tendência especial, a energia positiva e pura em virtude da qual atuam sobre o corpo, ou seja, destroem a harmonia que constitui a saúde e a restabelecem quando foi perturbada pela enfermidade!" (*Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 122-3)

Utilizando-se do princípio da similitude hipocrático *(similia similibus),* Hahnemann nos traz a idéia de que os medicamentos "efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções". Deste pensamento surgiu a experimentação no homem são (experimentação patogenética homeopática) das substâncias medicinais**,** sendo anotadas e catalogadas nas *Matérias Médicas Homeopáticas* as alterações de qualquer ordem produzidas pelo medicamento experimentado no indivíduo sadio, único guia a ser utilizado quando surgirem os mesmos sintomas no indivíduo doente. A mesma propriedade dinâmica que produz os sintomas mórbidos na pessoa sadia é a que cura os sintomas semelhantes no enfermo.

> "Estas substâncias ativas e poderes (medicamentos), que temos a nosso serviço, efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado atual de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções, pelo que elas são capazes de afetar também o indivíduo sadio, de produzir nele mudanças dinâmicas e certos sintomas mórbidos, cujo conhecimento, como será visto, nos fornece as mais confiáveis informações em relação aos estados mórbidos que podem com certeza ser curados por tal ou qual medicamento em particular. Por isso não existe no mundo nenhum poder de efetuar uma mudança no organismo humano de um caráter tal que a doença se submeta a ele, a não ser um agente capaz de desarranjar de modo absoluto (dinâmico) a saúde humana e consequentemente capaz de alterar morbidamente o seu estado de saúde. [...] Ora, como a propriedade de curar doenças e também a de afetar

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> morbidamente os sadios é encontrada em combinação inseparável em todos os medicamentos, e como ambas as propriedades evidentemente dimanam da mesma origem, isto é, da capacidade de dinamicamente desarranjar a saúde humana, por este motivo é impossível que eles atuem segundo uma lei natural do doente - diferente em relação àquela segundo a qual atua no sadio; segue-se que deve ser a mesma propriedade do medicamento que tanto cura a doença no doente como produz os sintomas mórbidos no sadio* [...]. (*O resultado diferente nestes dois casos é devido somente à diferença do objeto que deve ser alterado)." (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática,* 1813; *Revista de Homeopatia*, p. 66)

A força vital perturbada, causadora das enfermidades, só pode se restabelecer através da energia vital dos medicamentos homeopáticos que, funcionando como um modelo indutor da reação vital, conduzem o princípio vital humano ao equilíbrio perdido: "É a força vital orgânica de nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória".

> "Somente a homeopatia sabe e ensina que a cura deve ser efetuada por meio de toda a força ainda existente no paciente, quando o medicamento perfeitamente homeopático ao caso presente da doença, é administrado nas doses apropriadas, faz com que esta força exerça sua propriedade curativa. Uma das mais inestimáveis vantagens da Homeopatia é a de instigar tanto quanto possível essa força vital, que é indispensável à cura, no decurso do tratamento." (*A Meus Verdadeiros Discípulos; Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XVI, suplemento 133)

> "Segundo já demonstrei em outra parte, é inegável que nossa força vital sem a assistência de remédios ativos, produtos da arte humana, não consegue sobrepujar sequer as mais tênues doenças agudas (se não sucumbe a elas) e recuperar uma certa espécie de saúde, sem o sacrifício de uma porção (em geral extensa) das partes fluidas e sólidas do organismo, através de uma assim chamada crise. O modo como nossa força vital efetua isto permanecer-nos-á para sempre desconhecido; mas com muita certeza, esta força não pode vencer nem mesmo estas doenças de maneira direta, e tampouco sem tais sacrifícios.[...] É a força vital orgânica de nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória. Na realidade, esta força não teria sido capaz de vencer sem tal auxílio, pois nossa força vital orgânica, considerada isoladamente, só é suficiente para manter o fluxo desimpedido da vida, enquanto o homem não é afetado de forma mórbida pelo funcionamento adverso de forças causadoras de doenças." (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume,* 1838; p. 28-9)

Através do processo de dinamização dos medicamentos (diluições e sucussões seriadas e sucessivas), alicerce da farmacotécnica homeopática, são despertadas as propriedades dinâmicas e imateriais "latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual (imaterial) em nossa vida, sobre nossa fibra irritável e sensível".

> "Dinamizações homeopáticas são processos pelos quais são despertadas as propriedades medicinais, latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> se capazes de agir de maneira quase que espiritual em nossa vida, i.é., sobre nossa fibra irritável e sensível." (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quinto Volume,* 1839)

A força vital instintiva, "desprovida de razão e intelecto, mas provida de energia automática, não foi criada absolutamente para ajudar-se a si mesma nas doenças"; mas, ao ser confrontada com a energia do medicamento homeopático semelhante ao seu próprio desequilíbrio, encontra o estímulo necessário para reagir automaticamente contra a enfermidade, restabelecendo sua integridade.

> "Não! aquela força magnífica inata no Homem, destinada a conduzir a vida da maneira mais perfeita **durante sua saúde,** [...] não foi criada absolutamente para ajudar-se a si mesma nas doenças, nem para exercer uma arte de curar digna de imitação. **Não! A verdadeira arte de curar é uma atividade reflexiva que conduz à grandeza do espírito humano, à reflexão livre e ao raciocínio, a fim de, por meio de uma afecção semelhante provocada por um medicamento escolhido homeopaticamente, demover a força vital instintiva - desprovida de razão e de intelecto, mas provida de energia automática - quando perturbada pela doença, deixando-a de tal modo afetada pelo medicamento e elevando-a mesmo a um tal grau, que a afecção mórbida não mais possa atuar sobre ela, deixando-a livre para ocupar-se apenas com a afecção medicamentosa semelhante à doença natural e até um pouco mais forte; mas que a força vital, dirigindo agora contra ela toda sua energia, em breve domina, tornando-se, com isso, livre e apta a retornar ao estado normal de saúde e à sua própria disposição: *a estimulação e a manutenção da saúde no organismo,* sem haver sofrido com tal transformação qualquer agressão dolorosa ou debilitante. Tal procedimento nos ensina a arte de curar homeopática.**" (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 50; IHFL, 1996)

> "[...] Por outro lado, contudo, o desaparecimento de todo fenômeno mórbido, isto é, de toda alteração considerável que se afasta do processo vital saudável, por meio da cura, certamente implica e pressupõe, necessariamente, o restabelecimento da integridade do princípio vital e, conseqüentemente, o retorno da saúde a todo o organismo." (*Organon,* 6ª ed.; § 12; IHFL)

O medicamento homeopático funciona como uma doença artificial semelhante à doença natural do indivíduo que, segundo Hahnemann, tomaria o lugar desta e a extinguiria do princípio vital, por ser mais forte que a mesma.

> "Como toda doença (não unicamente cirúrgica) consiste somente em uma alteração mórbida dinâmica particular de nossa força vital (princípio vital) em nossas sensações e atividades, assim, na cura homeopática, este princípio vital, dinamicamente alterado pela doença natural, é **atingido** por uma afecção da doença artificial semelhante, um pouco mais forte, através da administração de uma potência medicamentosa escolhida exatamente segundo a semelhança dos sintomas. Com isso, extingue-se e se desvanece a sensação da afecção da doença natural (mais fraca) dinâmica, que, a partir de então, não mais existe para o princípio vital, ocupado e governado agora somente pela afecção artificial mais forte que atua, contudo, por pouco tempo, deixando o paciente livre e curado. A *Dynamis,* assim liberada pode, então, reconduzir a vida em condições de saúde." (*Organon,* 6ª ed.; § 29; IHFL)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Todo medicamento causa uma perturbação na força vital, chamada de **ação primária** (sintomas surgidos na experimentação com o homem sadio). A "esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia", atividade automática, instintiva e de conservação, "chamada **ação secundária** ou **reação**". Seguindo o princípio da semelhança na escolha do medicamento homeopático, direcionamos a força vital, com sua ação secundária, a desalojar o seu desequilíbrio inato, "que lhe é imperceptível pela ausência de razão e reflexão".

> "Toda força que atua sobre a vida, todo medicamento afeta, em maior ou menor escala, a força vital, causando certa alteração no estado de saúde do Homem por um período de tempo maior ou menor. A isto se chama **ação primária.** [...] A esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia. Tal ação oposta faz parte de nossa força de conservação, constituindo uma atividade automática da mesma, chamada **ação secundária** ou **reação.**" (*Organon*, 6ª ed.; § 63; IHFL)

> "[...] A influência dinâmica hostil sobre o princípio vital constitui a essência destes sinais externos dos miasmas malignos internos, que só se pode extinguir pela ação de um medicamento homeopático sobre o princípio vital, afetando o mesmo de forma semelhante, porém mais forte, privando-o de tal modo desta sensação interna e externa do inimigo mórbido de tipo não material, que já não mais existe para o princípio vital (para o organismo), libertando, assim, o doente de seu mal, curando-o." (*Organon*, 6ª ed.; § 282, nota; IHFL)

Na cura das doenças através do medicamento homeopático, realizamos um confronto da força dinâmica orgânica desequilibrada com a energia medicamentosa de tipo semelhante, mas um pouco mais forte, promovendo com isto uma reação vital do organismo contra o distúrbio morboso que lhe é próprio, mas imperceptível. A força vital irracional, que tem como função manter o organismo em harmonia apenas no estado de saúde, não tem discernimento para perceber um desequilíbrio que se lhe incorporou no estado de doença. Simplificando, com a ação do medicamento homeopático, é como se mostrássemos à força vital a natureza da sua distonia, que ela não consegue identificar por ser destituída de raciocínio e reflexão, direcionando a reação vital contra a enfermidade em si.

Pela semelhança qualitativa da força vital orgânica com a energia do medicamento homeopático, obtida através do processo de dinamização, no qual se libera uma energia interna de qualquer substância da Natureza, podemos dizer que a força vital apresenta caráter semelhante à energia contida nestas.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital Irracional difere do Espírito Racional

Força Vital Irracional difere do Espírito Racional

Neste tópico, esperamos esclarecer qualquer dúvida que ainda possa permanecer a respeito da diferença entre "força vital" e "espírito".

Na citação abaixo, Hahnemann elucida a característica do "espírito humano", "faísca da divindade", em satisfazer todas as suas necessidades através da Inteligência que herdou de Deus, propriedade que o diferencia dos demais seres da Natureza. Desse modo, possui condições de buscar "auxílios mais eficazes" contra as enfermidades, do que aqueles existentes na sua simples constituição orgânico-vital, instintiva e irracional.

> "Porém, a fonte eterna do amor não deserdou o homem mais do que da animalidade, a fim de dispensar-lhe com mais profusão esta faísca da divindade, esse espírito que o faz encontrar com quê satisfazer a todas suas necessidades, assegurar seu bem estar, e criar os imensos recursos através dos quais se eleva de um modo considerável sobre todos os seres vivos; esse espírito, imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecível coberta os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza. [...] Era necessário que os esforços próprios ao corpo para afastar as enfermidades fossem muito limitados, a fim de que o espírito humano sentisse melhor a necessidade de buscar auxílios mais eficazes que aqueles cuja origem tenha julgado a propósito o Criador colocar na simples organização." (*A Medicina da Experiência,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 44)

Com grande exaltação, Hahnemann enaltece a Criação humana, imagem e semelhança de Deus, que com o "sopro divino que lhe penetra e lhe anima" (espírito inteligente) é capaz de criar meios para "aliviar os padecimentos causados pelas enfermidades".

> "Blasfêmia, idéia humilhante, exclamava golpeando-me a fronte! Que não houvera podido, a sabedoria infinita do Espírito que anima o universo, produzir meios de aliviar os padecimentos causados pelas enfermidades, as quais não obstante permitiu que pudessem afligir os homens! A soberana bondade paternal daquele que nenhum nome poderia designar de um modo digno, [...] seria capaz de um ato tirânico, e não houvesse querido que o homem feito à sua imagem pudesse com o sopro divino que lhe penetra e lhe anima encontrar na imensidade das coisas criadas, meios a propósito para livrar seus irmãos de padecimentos muitas vezes piores que a própria morte!" (*Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 121)

Em *Valor dos Sistemas em Medicina,* analisa separadamente o corpo físico com sua essência íntima (vitalidade), responsável pela manutenção do estado de saúde corporal, e o espírito inteligente, responsável pelo desenvolvimento e enobrecimento (evolução) do ser humano.

> "Porém é muito diferente quando se trata de objetos cuja essência consiste em manifestações de vida; e notavelmente quando há que tratar o corpo do homem para conduzir suas modificações morbosas ao estado de saúde, ou seu espírito para desenvolvê-lo e enobrecê-lo. Em um e outro caso o objeto sobre o qual se opera não pode ser julgado

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> nem tratado sujeitando-se aos princípios físicos ou químicos, como o ferro do forjador, a madeira do carpinteiro, as cores do tintureiro. Assim, pois, o médico e o instrutor não podem dispensar-se, antes de porem-se a operar sobre o corpo e o espírito do homem, de ter um conhecimento prévio de seu objeto, que lhes dirija de certo modo como a mão até o fim de seus trabalhos. [...] Tão pouco poderiam tirar nenhum partido dos sonhos metafísicos e místicos que folgados presumidos hão imaginado sobre a essência íntima do organismo sobre a vida, a excitabilidade, a sensibilidade e a nutrição do corpo, sobre a natureza do espírito considerado como coisa absoluta." (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 133-4)

Ao se referir à alma humana, nega qualquer discussão ou sistematização transcendental sobre a natureza íntima da mesma, dizendo não ser "dado aos mortais conhecer, *a priori,* a essência do espírito humano". Dizendo que "o instrutor sábio está bem persuadido desta verdade", orienta-nos a adquirir os conhecimentos do espírito através do "que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, a psicologia experimental". Assim sendo, fica evidente sua postura de negação a respeito de qualquer modelo ou sistema metafísico que tente explicar a natureza íntima do homem.

> "Qual de nossos sistemas ontológicos sobre a natureza íntima da alma humana, para nós impenetrável, seria apropriado para ajudar ao instrutor no cumprimento de sua nobre tarefa? Podia perder-se no dédalo das abstrações sobre o eu e o não eu, sobre a essência do espírito em si mesmo, etc., que saíram do cérebro enfermo dos sofistas de todos os tempos; mas o que estas sutilezas transcendentais lhe ministrariam de útil e aplicável não compensaria o trabalho que se aplicou em estudá-las. Não é dado aos mortais conhecer, *a priori*, a essência do espírito humano. O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim se poupa no possível a fadigas inúteis e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto exige dele se atém, *a posteriori*, ao que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, à psicologia experimental. Nem pode, nem necessita saber mais." (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 134)

Ao falar sobre "a força fundamental (força vital), que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um tão admirável organismo, que as anima e as impele a tão surpreendentes ações automáticas", nega qualquer conhecimento mais profundo da mesma, dizendo que "nenhum mortal conhece o *substratum* da vitalidade, ou a disposição íntima, *a priori*, do organismo". Novamente nega qualquer conceituação metafísica que tente se aprofundar no conhecimento da força vital. A unidade entre o corpo físico e a força vital é reforçada em todo o texto.

> "No mesmo caso se encontra o médico. O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um tão admirável organismo, o que as obriga a conduzir-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e as impele a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como um ser aparte; não fazemos mais que entrevê-la de longe, porém se escapa a todas nossas investigações, a todas nossas percepções. Nenhum mortal conhece o *substratum* da vitalidade, ou a disposição íntima, *a priori*, do organismo vivo. Nenhum mortal pode se aprofundar no conhecimento de semelhante objeto, nem ainda sequer descobrir sua sombra: as línguas humanas, embora falem em prosa ou em verso, só expressam em relação a este ponto quimeras ou galimatias." (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 134-5)

No parágrafo abaixo, Hahnemann é bastante incisivo quanto à inutilidade das especulações metafísicas e quanto à dualidade entre a "vitalidade do corpo organizado e a força intelectual (espírito ou alma) que atua dentro dele". Assim como na citação do início deste capítulo, "o sopro divino que lhe penetra e lhe anima", o predicado abaixo citado, "que atua dentro dele", nos orienta quanto à natureza externa e separada do espírito em relação à unidade orgânico-vital (dualismo).

> "Durante os dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o menor passo no conhecimento, *a priori*, da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele." (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 135)

Estando-nos "negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana", temos na "psicologia experimental" (psicologia empírica) o método para "conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude", através "da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem". Exemplifica esta postura com Sócrates, "que conhecia tão bem o coração humano, só necessitando conhecer a história das faltas cometidas dos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma". Creio não haver dúvidas sobre o que ele chamava de "psicologia empírica" e da sua admiração por Sócrates, que juntamente com Mesmer, ele toma como exemplos de condutas práticas, além da homeopática, para curar as enfermidades.

> "O moralista sabe que lhe estando negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada podia servir-lhe, só necessita, ademais da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitava conhecer a história das faltas cometidas dos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. [...] Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. Do mesmo modo, o médico não tem necessidade mais que de um conhecimento histórico do modo de comportar-se o organismo humano no estado de saúde e do modo de manifestar-se a enfermidade individual, para poder socorrer a esta última logo que tenha encontrado o meio conveniente. Não pode saber mais, porque tão pouco de nada lhe teria servido sabê-lo. Consistirá, pois, mais a dignidade da medicina em imaginar teorias, que em adquirir a habilidade necessária para curar as enfermidades?" (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 138-9)

Contrapondo-se à força vital bruta, instintiva e automática, "mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças, agindo única e exclusivamente sobre leis orgânicas do

corpo, incapaz de agir segundo a razão e a reflexão", temos a "grandeza do espírito humano", manifesta através "do intelecto, da livre reflexão e do raciocínio".

> "Só as doenças crônicas são a pedra de toque da verdadeira arte de curar, porque elas não podem se curar por si. Esta é a 'verdadeira arte de curar', aquele trabalho de reflexão, atributo dos poderes mais elevados do intelecto humano, do julgamento equilibrado e da razão, selecionando e determinando à base de princípios, a fim de efetuar uma alteração na força vital automática e energética, mas irracional, instintiva e destituída de inteligência, nos casos em que a mesma tiver se desviado por meio da doença, assumindo uma atuação anormal e, com a ajuda de uma afecção semelhante produzida por um remédio homeopático escolhido criteriosamente, excitar no organismo uma doença medicinal um pouco mais intensa que a natural, de modo que a afecção mórbida natural não possa mais interferir sobre a força vital." (*Matéria Médica Pura*, 3ª ed., vol. I, p. 272, 1830)

> "Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises mórbidas agudas e moderadas, estava imitando apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão. [...] Mais ainda: os maiores flagelos de nossa existência terrestre, as centelhas que originam as inumeráveis doenças sob as quais geme a humanidade castigada há séculos e milênios pelos miasmas crônicos (psora, sífilis, sicose), **a força vital desprovida de razão os admite no corpo sem hesitar,** não sendo capaz, todavia, nem de suavizar o efeito de qualquer um deles e, muito menos, de removê-los do organismo." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 42; IHFL, 1996)

> "Como é que a velha escola, que se intitula racional, pôde, num empreendimento que exige tanto raciocínio, reflexão e juízo crítico, eleger esta força desprovida de razão como a única e melhor instrutora, como uma condutora cega, imitando sem refletir suas disposições indiretas e revolucionárias nas doenças, imitando-a como a única *non plus ultra,* a melhor em termos de engenhosidade, visto que, a fim de poder superá-la infinitamente no seu desempenho curativo, nos foi conferido, para o bem da humanidade, aquele dom maior de Deus, o raciocínio lógico e a livre reflexão? [...] - imitando irrefletidamente a energia vital bruta, automática e desprovida de razão." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 42-3; IHFL, 1996)

> "[...] Assim também, quando a natureza entregue a si mesma, nas ocorrências de um mal crônico que ameaçam a vida, não sabe ajudar-se senão pela ocorrência de sintomas locais externos, a fim de apartar o perigo das partes indispensáveis à vida (metástases), tais procedimentos da força vital enérgica, porém desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não consegue uma verdadeira ajuda ou cura [...]." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 45; IHFL, 1996)

> "[...] aqueles esforços da natureza (da força vital do organismo desprovida de inteligência) voltados à cura geral do sofrimento crônico [...]." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 47; IHFL, 1996)

> "[...] mantidos pela força vital entregue a si mesma e desprovida de razão [...]." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 48; IHFL, 1996)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "Entretanto, a força vital, capaz de atuar por si mesma, apenas seguindo uma disposição física de nosso organismo e não segundo o raciocínio e a reflexão, não foi conferida a nós, Homens, para que devêssemos considerá-la como a melhor e única curadora de doenças, [...] evitando, com isso, de maneira cômoda, o dispêndio de raciocínio, de reflexão, de juízo crítico necessários à descoberta e à concretização da mais nobre das artes humanas: a verdadeira arte de curar, fazendo passar tal cópia ruim da auto-ajuda pouco eficaz da força bruta da natureza por arte de curar, por **arte racional de curar!** [...] **Não! A verdadeira arte de curar é uma atividade reflexiva que conduz à grandeza do espírito humano, à reflexão livre e ao raciocínio, a fim de, por meio de uma afecção semelhante provocada por um medicamento escolhido homeopaticamente, demover a força vital instintiva - desprovida de razão e de intelecto, mas provida de energia automática.**" (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 49-50; IHFL, 1996)

> "[...] Como queriam eles suprimir o incrível número de doenças crônicas com seus tratamentos indiretos que não passavam de perigosas imitações de auto-ajuda da força vital desprovida de razão, esforços estes que não estão destinados a servir de modelo para a cura?" (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução,* p. 55-6; IHFL, 1996)

A 'dualidade corpo e alma' é expressa, novamente, nos parágrafos abaixo.

> "O observador imparcial, conhecedor da ineficácia das formulações metafísicas que sua experiência não pode comprovar, até mesmo o mais perspicaz, não percebe, em cada caso individual da doença, senão alterações do corpo e da alma, reconhecíveis exteriormente através dos sentidos, **sinais mórbidos, acidentes, sintomas,** isto é, desvios das anteriores condições de saúde do doente atual, que ele próprio sente, que as pessoas que o rodeiam percebem e que o médico nele observa." (*Organon,* 6ª ed.; § 6; IHFL)

> "[...] pois somente a escolha acertada do medicamento pode restabelecer, de maneira rápida e duradoura, o maior dos bens da Terra: a saúde do corpo e da alma." (*Organon,* 6ª ed.; § 120; IHFL)

James Tyler Kent, em sua obra magna, *Filosofia Homeopática,* distingue claramente as entidades humanas (corpo físico, força vital e espírito ou alma) e suas relações de dependência, comparando-as às unidades de um sistema de governo: "o governo interno do homem". Denomina a força vital como "vice-regente da alma".

> "Deixai-me novamente ressaltar a necessidade de conhecer alguma coisa a respeito do governo interno do homem, a fim de conhecer como a doença se desenvolve e caminha. Se observarmos qualquer governo, governo do universo, governo civil, governo do comércio, governo físico, descobrimos que existe um centro que rege e controla e é supremo. O ser humano tem dentro de si, por dotação do Divino, um centro supremo de governo situado na substância cinzenta do cérebro, nas suas porções mais nobres. Tudo o que existe no homem e tudo que nele ocorre é presidido, primariamente, por este centro e dele se estende à periferia. [...] Há no governo humano uma tríade que comanda, a saber: o cérebro, o cerebelo e a medula espinhal; ou numa apreciação mais coletiva ou geral: o cérebro, a medula espinhal e os nervos. A um nível mais interno, temos a vontade e o entendimento formando uma unidade que constitui o homem interior; em seguida vem a força vital ou vice-regente da alma (isto é, o limbo ou substância anímica ou substância formativa) que é imaterial; e, finalmente, o corpo que é material. Vemos, a partir do plano mais interior, representado pela vontade ou princípio volitivo, através do limbo ou substância simples, até

o plano mais exterior, que é a substância material ou concreta, em cada célula do organismo reproduzir-se esta ordem de direção. Cada célula do organismo do homem tem seu representativo do mais interno, do intermediário e do mais externo. Não existe nenhuma célula no homem que não tenha vontade e entendimento e que não tenha a matéria anímica ou limbo ou substância simples e a substância material." (*Filosofia Homeopática,* Lição IV, p. 36)

Finalizando com o parágrafo nove do *Organon*, reforçamos a dualidade entre o conjunto irracional físico-vital, material-imaterial, e o "espírito racional que nele habita", como vimos anteriormente. O princípio inteligente tem como "morada" o organismo vivo, constituído pela união entre o corpo físico e o princípio vital, dele se utilizando para sua evolução e seu aperfeiçoamento, em busca dos altos fins de sua existência.

"No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material *(Autocratie)* que anima o corpo material (Organismo) como *Dynamis,* mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência." (*Organon,* 6ª ed.; § 9; IHFL)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital, Sangue, Fibra Sensível e Nervo

Força Vital, Sangue, Fibra Sensível e Nervo

Fazendo uma analogia ao "prâna" dos hindus, que através da respiração e dos exercícios corporais (Yoga) é restabelecido e equilibrado, Hahnemann relaciona a vitalidade ao oxigênio, ao sangue, ao éter e aos nervos.

> "A Química produziu ar vital puro e, quando o fisiologista e o observador clínico perceberam seu poder peculiar de manter e aumentar a energia vital, [...] o ar vital, que é o segundo componente da atmosfera, como o elemento apropriado para se encher os pulmões?" (*Ensaio sobre um novo princípio para se averiguar os poderes curativos das drogas*, 1796; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 249)

> "[...] Ao ar livre, especialmente quando junto com exercícios corporais, existe a possibilidade de um meio indispensável para a recuperação da vitalidade de nosso sangue e do éter que possa existir em nossos nervos; *pabulum vitae* (alimento vital) tão incomparável que não poderia ser substituído por quaisquer outros medicamentos no mundo inteiro." (*Cartas a um Paciente, entre 1703 e 1805; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. VII, suplemento 37)

> "[...] Broussais só precisava reduzir cada vez mais e mais a força vital do doente! Quanto mais frequentes eram as sangrias, quanto mais sanguessugas e ventosas chupavam o sumo vital (pois, segundo ele, em quase todos os padecimentos, o sangue inocente e insubstituível devia ser o culpado), mais o doente perdia força para sentir dores ou para a agravação de seu estado através de queixas e gestos violentos. O doente parece, então, tanto mais calmo quanto mais estiver enfraquecido [...]. Cada vez menos no domínio de sua consciência, já não mais percebe que a morte forçosamente irá suceder a essa diminuição e esgotamento da força vital **tantas vezes reiterado**, e seus parentes ficam tão entorpecidos por algum alívio do doente nas últimas horas pela perda de sangue e banhos mornos que se admiram como ele pôde nesse justo momento finar-se inesperadamente em suas mãos." (*Organon*, 6ª ed.; § 60, nota; IHFL)

> "[...] das sangrias* vertendo sangue aos borbotões, das sanguessugas, dos exutórios, etc., pelo que, por um lado, é impiedosamente enfraquecida a força vital e, por outro, quando já não sucumbe, é anormalmente afetada, pouco a pouco (pelo abuso de cada meio de modo peculiar) de tal maneira que, a fim de preservar a vida contra tais ataques hostis e destrutivos, tem que transformar o organismo, seja retirando a excitabilidade e a sensibilidade de alguma de suas partes, seja elevando-as excessivamente ou causando dilatação ou contração, relaxamento ou endurecimento e mesmo sua total destruição [...]. (*Entre todos os métodos que foram inventados para o socorro às doenças, nenhum foi mais alopático, mais irracional e mais inadequado do que o tratamento enfraquecedor de Broussais, mediante sangrias e dieta de fome, há muitos anos difundido em grande parte da Terra. [...] Nenhum indivíduo, nenhum doente jamais tem sangue ou energia em demasia; pelo contrário, a cada doente faltam forças, pois, de outro modo, seu princípio vital teria impedido o desenvolvimento da doença.)" (*Organon*, 6ª ed.; § 74; IHFL)

> "Nunca é necessário ou útil diminuir a quantidade de sangue, que sempre significa um rebaixamento da força vital e da vitalidade, as quais reagem de maneira mais integral quanto menos tiverem sido importunadas com interferências." (*Carta ao Dr. Dunsford*, 1834; *Samuel Hahnemann: his life and work*)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "Hahnemann diz: É a força vital que cura as doenças; pois o defunto não precisa mais de medicamentos. Se aceitarmos isto, devemos preservar a força vital, não devemos verter sangue, esvaziar o paciente, pois no sangue reside a força vital." (*"Folhas de Recordação" do Dr. Johann Josef Roth,* 1836; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XXIII, suplemento 215)

Neste capítulo, veremos também a relação que Hahnemann faz da força vital com as fibras nervosas, reforçando a ligação daquela com o organismo físico.

> "Sabe, Arcesilas, que há controvérsias atualmente sobre se o mercúrio pode ou não excitar uma mudança na energia, a motilidade e a sensibilidade da fibra." (*Das Fórmulas em Medicina,* 1800; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 14)

Ao descrever o modo de ação do medicamento homeopático, relata a necessidade do mesmo entrar em contato com a "fibra vivente e sensível", a fim de que, a partir deste contato, se irradiar para todo o organismo. Diz que "a epiderme, que recobre a superfície do corpo, é o único obstáculo à ação dos medicamentos sobre a fibra sensível".

> "Quase a única condição que se necessita para que o efeito se desenvolva inteiramente e produza a cura, é que o medicamento conveniente entre em contato com a fibra vivente e sensível; mas pouco importa a exigüidade da dose que atua com este objetivo sobre as partes sensíveis do corpo vivo. [...] Já foi dito que quase a única condição da ação do medicamento é que entre em contato com a fibra vivente e sensível. Esta propriedade dinâmica tem tal alcance, que é indiferente ao resultado que o contato se verifique em tal ou qual parte, contanto que esteja despojada da epiderme. [...] A epiderme que recobre a superfície do corpo é o único obstáculo à ação dos medicamentos sobre a fibra sensível que ela cobre, mas este obstáculo não é invencível. Os medicamentos atuam também através da epiderme, porém o fazem com menos força. [...] As fricções quase não contribuem a favorecer a ação dos medicamentos, a não ser tornando a pele mais sensível, e a fibra mais susceptível de ser impressionada pela potência medicinal específica, que desde aquela se irradia a todo o organismo. [...] A virtude específica dos medicamentos é a mesma, seja empregada no exterior ou no interior, entrando em contato com a fibra sensível pelo exterior ou pelo interior do corpo." (*A Medicina da Experiência,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 79-80)

Ao discorrer sobre a "infecção com miasmas" (contágio) a que todos estamos sujeitos, diz que ela ocorre no momento em que "o fluído mórbido entra em contato com o nervo exposto", acrescentando que, "nessa ocasião, a doença é irremovível e dinamicamente comunicada à força vital (a todo o sistema nervoso)". Nesta citação, torna-se evidente a relação entre força vital e nervos.

> "A infecção com miasmas das doenças agudas bem como das crônicas acima citadas acontece sem dúvida num único momento, que é o momento mais favorável a uma infecção. Quando a varíola ou a varíola bovina pegam, isto acontece no momento em que, na vacinação, o fluido mórbido do arranhão sangrante da pele entra em contato com o nervo exposto; nessa ocasião, a doença é irremovível e dinamicamente comunicada à força vital (a todo o sistema nervoso), no mesmo instante. [...] Dentre as muitas pessoas mordidas por cães raivosos [...], seja lá quem for a pessoa na qual o veneno aja, isto se deu no momento

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> em que a pessoa foi mordida e o veneno comunicou-se então com os nervos mais próximos e, portanto, sem contradições, com o sistema completo de nervos." (*Doenças Crônicas*, 1828; *Natureza das Doenças Crônicas*, p. 66-8)

Ao relatar o contágio específico dos miasmas venéreos (*sycosis* e *syphillis*), que ocorre "no coito impuro", diz que a fricção das partes genitais, "ricas em nervos e recobertas por uma fina cutícula", facilitam para que ocorra a transmissão. Ao se referir à infecção pelo miasma da sarna (*psora*), altamente contagioso, diz ocorrer apenas pelo contato com a pele em geral: "o nervo que foi primeiramente afetado pelo miasma já o comunicou de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e o organismo vivo foi imediatamente e de forma completamente sub-reptícia penetrado". Na disseminação do miasma através do "nervo, de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo" e ao organismo como um todo, temos uma relação direta do sistema nervoso com a força vital.

> "No coito impuro acontece o contágio específico, no local que é tocado e friccionado, mais provavelmente no momento mesmo em que se dá o coito. [...] No entanto, a doença da sarna é, além disso, o mais contagioso de todos os miasmas crônicos, muito mais infeccioso do que os outros dois miasmas crônicos, a doença do cancro venéreo e a doença da verruga do figo. Com estas duas últimas, para que se efetue a infecção, é preciso certo grau de fricção nas partes mais macias do corpo, as quais são as mais ricas em nervos e as recobertas pela mais fina cutícula, como nos órgãos genitais, a menos que o miasma entre em contato com um local ferido. Mas *o miasma da sarna só precisa tocar a pele em geral*, especialmente em crianças pequenas. [...] O nervo que foi primeiramente afetado pelo miasma já o comunicou de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e o organismo vivo foi imediatamente e de forma completamente sub-reptícia penetrado de tal modo por este excitante específico que se viu obrigado a se apropriar gradualmente deste miasma até que se completasse a mudança da totalidade do ser da pessoa em alguém absolutamente psórico, assim também atingindo o seu desfecho, o desenvolvimento interno da Psora. Somente quando o organismo inteiro se sentir transformado por esta doença miasmática crônica peculiar é que a força vital adoecida tenta aliviar e abrandar a moléstia interna pelo estabelecimento de um sintoma local adequado sobre a pele, as vesículas de sarna." (*Doenças Crônicas*, 1828; *Natureza das Doenças Crônicas*, p. 69-72)

Na citação abaixo, discorrendo sobre o ataque das altas doses de medicamentos sobre a "fibra sensível e irritável", diz que "é muito provável que a força vital seja obrigada a enfrentar este ataque e a tentar mudar dinamicamente estes órgãos sensíveis, ou então a reconstruí-los materialmente a fim de torná-los inexpugnáveis à violência destes ataques", ocorrendo que "a fibra mais sensível fica anormalmente grossa ou dura e as fibras mais vigorosas tornam-se consumidas ou aniquiladas", resultando em "malformações e degenerações adventícias". Vemos aqui a conotação material das fibras sensíveis e irritáveis (nervos), também chamadas de órgãos sensíveis.

> "[...] Por meio destes ataques indiretos, contínuos e respeitos à fibra sensível, irritável, perpetrados por estas imprudentes potências-doença medicamentosas que são administradas em grandes doses repetidas e frequentemente, é muito provável que a força vital seja obrigada a enfrentar este ataque e a tentar mudar dinamicamente estes órgãos sensíveis que são desapiedamente atacados, ou então a reconstruí-los materialmente a fim de torná-los inexpugnáveis à violência daqueles ataques, deste modo defendendo e escudando o organismo contra uma destruição geral. [...] Por um lado, a fibra mais sensível fica

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> anormalmente grossa ou dura e as fibras mais vigorosas tornam-se consumidas ou aniquiladas; deste modo, emergem artificialmente organismos, malformações e degenerações adventícias." (*Doenças Crônicas,* 1828; *Psora*, p. 151)

A força vital está presente em todas as partes do organismo, tanto nas fibras sensíveis como nas fibras irritáveis, sugerindo serem estas as fibras nervosas do nosso organismo. Isto se torna mais claro, quando mais adiante Hahnemann denomina a força vital de "força nervosa".

> "Não! aquela força magnífica inata no Homem destinada a conduzir a vida de maneira mais perfeita **durante sua saúde,** simultaneamente presente em todas as partes do organismo, nas fibras sensíveis como nas fibras irritáveis." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução*, p. 50; IHFL, 1996)

> "O que a força vital faz nestas chamadas **crises** e **como** ela as realiza permanece oculto para nós, assim como todo o processo interno da economia orgânica da vida. [...] pois, então, a força nervosa, agredida de maneira dinâmica parece, por assim dizer, descarregar-se por meio de produtos materiais." (*Organon,* 6ª ed.; *Introdução*, p. 41, nota 18; IHFL, 1996)

Nos textos abaixo, a concepção anterior é reforçada, dizendo que o poder dinâmico e imaterial dos medicamentos homeopáticos atua através da "fibra sensitiva viva" sobre o princípio vital. Mais adiante, fala das "forças modificadoras de tipo não material" dos medicamentos homeopáticos, que agem "sobre nossa força vital de tipo não material" e são percebidas "através da sensibilidade dos nervos presentes em todo o organismo".

> "[...] As substâncias naturais que se nos apresentam como medicamentos, apenas são medicamentos na medida em que possuam o poder (cada qual um próprio, específico) de alterar, através de uma influência dinâmica, de tipo não material (por meio da fibra sensitiva viva) sobre o princípio vital de tipo não material, que governa a vida." (*Organon,* 6ª ed.; § 11, nota; IHFL)

> "[...] Do mesmo modo, todas estas afecções mórbidas (as doenças) não podem ser afastadas dela pelos artistas da cura senão através das forças modificadoras de tipo não material (dinâmicas, virtuais) dos medicamentos apropriados agindo sobre nossa força vital de tipo não material e sendo percebidas através da sensibilidade dos nervos presentes em todo o organismo." (*Organon,* 6ª ed.; § 16; IHFL)

> "Um glóbulo assim preparado (50 milesimal), colocado seco sobre a língua, é uma das menores doses para um caso moderado e recente de doença, no qual somente poucos nervos são atingidos pelo medicamento." (*Organon,* 6ª ed.; § 272; IHFL)

Discorrendo sobre a prática dos banhos terapêuticos, diz que os banhos mornos servem para "despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa", ou para dispersar a irritabilidade nervosa acumulada em alguns órgãos, e, os banhos frios, atuam como restauradores do "tônus da fibra exaurida" (calor vital deficiente).

> "[...] Os banhos mornos de 25º até 27º R servem para despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa num morto aparente

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

(afogamento, congelamento, asfixia). Embora apenas paliativos, mostram-se, muitas vezes, amplamente eficazes, principalmente quando associados à administração de café e fricções, podendo prestar ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade nervosa está distribuída e acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, como em certos casos de espasmos histéricos e convulsões infantis. Do mesmo modo, agem homeopaticamente os banhos frios de 10º a 6º R na convalescença de pessoas com calor vital deficiente curadas de doenças crônicas por medicamentos, mediante imersões **instantâneas** e **repetidas** após, com mais freqüência, como restauração paliativa do tônus da fibra exaurida.'' (*Organon*, 6ª ed.; § 291; IHFL)

Nas citações anteriores, vemos uma relação das fibras nervosas com a força vital, sendo que aquelas funcionam como meio de propagação de qualquer influência dinâmica para a unidade físico-vital, como um substrato material-energético por onde a força vital é influenciada e através do qual reage.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Espírito, Alma e Mente

Espírito, Alma e Mente

Frequentemente, os termos ‘alma’ e ‘espírito’ são empregados por Hahnemann como sinônimos.

> “Qual de nossos sistemas ontológicos sobre a natureza íntima, para nós impenetrável, da alma humana, seria apropriado para ajudar o instrutor no cumprimento de sua nobre tarefa? Poderia perder-se no dédalo das abstrações sobre o eu e o não eu, sobre a essência do espírito em si mesmo, etc. [...] Não é dado aos mortais conhecer, *a priori*, a essência do espírito humano. O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim se poupa, no possível, fadigas inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto lhe exige, se atém ele, *a posteriori*, ao que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, à psicologia experimental.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 134)

> “O moralista sabe que lhe estando negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada poderia servir-lhe, só necessita, além da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, [...] Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto (conduzir os homens ao caminho da virtude) entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 138-9)

> “[...] O enfermo expele ondas de bile, tem vômitos sobre vômitos: acredita estar próximo a exalar a alma, parece que se estende sobre seus olhos o véu da morte, e um suor frio inunda todo o seu corpo.” (*Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades*, 1809; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 160)

Abordando as “causas excitantes das doenças”, que agem dinamicamente, imaterialmente, Hahnemann fala do desarranjo dos “órgãos de mais alta hierarquia e da força vital”. Esses “órgãos de mais alta hierarquia”, para Hahnemann, seriam os “órgãos mentais ou psíquicos”, a mente humana.

> “[...] As causas excitantes das doenças agem, [...] apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e, sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem, a partir deste estado de desarranjo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietude, dores) e atividade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente.” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, p. 66)

Referindo-se à “mente humana”, compara a “vida psíquica” à vida orgânica, dizendo que a “unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo”, extinguindo-se a mais fraca e permanecendo a mais forte, assim como a unidade orgânica não pode ser afetada por duas influências dinâmicas semelhantes. Aqui parece

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

termos outro conjunto, funcionando como uma unidade independente da orgânica, chamada "órgãos de mais alta hierarquia" ou "mente humana", que é afetada por paixões e emoções.

> "Algo parecido acontece na mente humana*. (*[...] a unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo, e uma paixão deve ser extinta quando outra paixão semelhante, mas mais forte, tomou posse de sua mente, e age como um remédio homeopático que extingue a primeira. [...] Da mesma forma que ocorre na vida psíquica ocorre na orgânica.)" (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática,* 1813; *Revista de Homeopatia,* p. 69-71)

Nas citações abaixo, os termos alma e espírito são usados como sinônimos, estando a mente correlacionada (subordinada) a eles, apresentando uma conotação orgânica. Temos na mente outra entidade, assim como o são o espírito (alma) e a unidade orgânica.

> "[...] são causados pela Psora [...] doenças da mente e da alma, desde a imbecilidade até o êxtase, desde a melancolia até a insanidade raivosa [...] os transtornos e enfermidades do corpo e da alma que, em suas manifestas queixas, diferem tão radicalmente e que, em diferentes pacientes, parecem tão díspares (se não pertencerem às duas doenças venéreas, *Syphillis* e *Sycosis*), são apenas manifestações parciais do antigo miasma da lepra (leprosy) e da sarna (itch)". (*Doenças Crônicas,* 1828; *Natureza das Doenças Crônicas,* p. 40)

> "Distúrbios da mente e do espírito de todos os tipos (melancolia, insanidade, ansiedade, depressão, disposição chorosa, ataques de medo, ataques de paixão, susto, falta de vontade de trabalhar, sensibilidade excessiva, rápida mudança na disposição, etc.)." (*Doenças Crônicas,* 1828; *Natureza das Doenças Crônicas,* p. 110-2)

A seguir, a mente é denominada pelo termo "órgãos mentais", assumindo, como dissemos anteriormente, uma conotação mais orgânica, mais material. O significado do termo "órgãos de mais alta hierarquia", atribuído aos "órgãos mentais ou mente", torna-se mais claro quando Hahnemann correlaciona o "despertar da Psora" aos distúrbios mentais e emocionais, mãe de todas as doenças, e na "agravação dos transtornos crônicos já existentes": "A mais frequente excitação da psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais frequente agravação dos transtornos crônicos já existentes são de longe as causadas pelo pesar e pelas contrariedades".

> "[...] Uma psora internamente adormecida que ainda permite ao favorito de um príncipe viver com a aparência de uma saúde quase perfeita, rapidamente desabrocha num transtorno corporal crônico, ou desvia seus órgãos mentais até a insanidade, quando, por uma reviravolta de seu destino, é lançado para longe de seu brilhante pináculo, ficando exposto ao desprezo e à pobreza. A súbita morte de um filho provoca na mãe carinhosa já com saúde precária, uma supuração incurável nos pulmões ou um câncer no seio. Uma donzela jovem e afetuosa, já histérica, é conduzida à melancolia por um desapontamento amoroso. Como é difícil fazer alguma coisa para aliviar tais desgraças, quão raramente o consegue o melhor dos tratamentos antipsóricos! A mais frequente excitação da psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais frequente agravação dos transtornos crônicos já existentes são de longe as causadas pelo pesar e as contrariedades." (*Doenças Crônicas,* 1828; *Psora,* p. 148-9)

Novamente, a mente assume uma posição de entidade diferenciada do corpo orgânico.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "Com a grande escrupulosidade que deve ser demonstrada na restauração de uma vida humana ameaçada pela doença, o homeopata deve, mais do que em qualquer outra coisa, se quiser agir de modo a ser digno de seu título, investigar primeiramente o estado total do paciente, a causa interna até onde possa ser recordada e a causa da continuação do transtorno, seu modo de vida, a qualidade de sua mente, de seu espírito e de seu corpo, juntamente com todos os seus sintomas". (*Doenças Crônicas*, 1828; *Psora*, p. 157)

> "[...] desfazer-se dessa idéia material e reconhecer a natureza físico-mental do organismo como uma essência tão altamente potencializada que as modificações vitais nas sensações e funções, as quais são chamadas de doenças, pudessem principalmente e quase que exclusivamente ser causadas e provocadas através de uma influência dinâmica (não material)." (*Organon*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 27; IHFL, 1996)

As "doenças psíquicas e mentais" recebem uma classificação diferenciada das demais doenças, reiterando a hipótese de ser outra entidade na constituição humana (mente), apesar destas enfermidades não constituírem "uma classe nitidamente isolada de todas as outras, pois em todas as demais, assim chamadas doenças físicas, a disposição psíquica e mental está sempre se modificando", constituindo um dos mais notáveis conjuntos característico de sintomas. É como se a mente interagisse dinamicamente com a unidade orgânica, promovendo o distúrbio no corpo físico, fato reconhecido e aceito pela medicina psicossomática.

> "[...] Desse tipo são as chamadas doenças **psíquicas e mentais.** Elas não constituem porém uma classe nitidamente isolada de todas as outras, pois em todas as demais, assim chamadas doenças físicas, a disposição psíquica e mental está **sempre** se modificando e, em todos os casos de doença, que devem ser curados, o estado psíquico deve concorrer como um dos mais notáveis no conjunto característico dos sintomas, se quisermos traçar um quadro fidedigno da doença, a fim de, a partir daí, poder tratá-la homeopaticamente, com êxito." (*Organon*, 6ª ed.; § 210; IHFL)

Reforçando a importância do "estado psíquico e mental" na formação das doenças, estado de alta hierarquia no contexto da vida humana, Hahnemann diz que "não existe no mundo nenhuma substância com força medicamentosa que não altere de modo evidente o estado psíquico e mental do indivíduo sadio que a experimente". Aqui também observamos uma relação direta da energia vital dos medicamentos com este estado mental, apesar de não estar claramente elucidado como isto ocorre. Estaria esta "energia mental", que é constituída pelos pensamentos e sentimentos da criatura viva, envolvendo a estrutura humana juntamente com a energia vital, influenciando-a e sendo influenciada por ela, e ambas ao corpo físico?

> "Igualmente, o Criador das potências curativas levou em consideração, de maneira notável, esse elemento principal de todas as doenças, o estado psíquico e mental alterado, pois não existe no mundo nenhuma substância com força medicamentosa que não altere de modo evidente o estado psíquico e mental do indivíduo sadio que a experimente, havendo, na verdade, uma maneira diferente de agir para cada medicamento." (*Organon*, 6ª ed.; § 212; IHFL)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Do mesmo modo, as doenças psíquicas e mentais são curadas "por um medicamento que apresente, pelos sintomas que causar no corpo e na alma de uma pessoa sadia, uma potência morbífica tão semelhante quanto possível àquela existente no caso patológico em questão". Torna-se evidente que os sintomas mentais e psíquicos são despertados pelo medicamento homeopático dinamizado, não estando explícito como isto ocorre, nem a relação da força vital medicamentosa com a estrutura mental e com a alma.

> "O que tenho a ensinar a respeito da cura nas doenças mentais e psíquicas pode-se reduzir a poucos tópicos, pois são curáveis da mesma maneira e não outra, que o são todas as outras doenças, isto é, por um medicamento que apresente, pelos sintomas que causar no corpo e na alma de uma pessoa sadia, uma potência morbífica tão semelhante quanto possível àquela existente no caso patológico em questão." (*Organon,* 6ª ed.; § 214; IHFL)

No parágrafo a seguir, notamos a ligação da unidade mental com a unidade orgânica. As doenças mentais e psíquicas são encaradas como doenças do corpo, transpostas para a mente, nas quais temos uma exacerbação dos sintomas mentais em detrimento dos sintomas físicos. Estes sintomas mentais e psíquicos não possuem a sua sede nos órgãos físicos e sim nos "órgãos mentais ou psíquicos invisivelmente sutis".

> "Quase todas as chamadas doenças mentais e psíquicas nada mais são do que doenças do corpo nas quais o sintoma peculiar da alteração mental e psíquica aumenta, ao passo que os sintomas do corpo diminuem (com maior ou menor rapidez), até que, por fim, atinge acentuada parcialidade; quase como uma afecção local transposta para órgãos mentais ou psíquicos invisivelmente sutis." (*Organon,* 6ª ed.; § 215; IHFL)

Ao relatar a observação secular de que distúrbios orgânicos graves são raros em portadores de perturbações psíquicas, que poderíamos explicar atualmente através da 'teoria da mudança do órgão de choque', Hahnemann deixa clara a concepção de que considera a mente como um órgão da constituição humana: "as afecções dos órgãos físicos maiores são como que conduzidas e transferidas para os órgãos quase não-materiais mentais e psíquicos jamais atingidos pelo bisturi". No nosso entender, os "órgãos físicos maiores" seriam o nosso sistema nervoso central e os "órgãos quase não-materiais mentais e psíquicos" seriam a mente. Dessa forma, a mente, como entidade "quase não-material", estaria diretamente relacionada ao sistema nervoso central.

> "Não são raros os casos em que as chamadas doenças físicas que ameaçam matar - [...] - degenera-se em loucura, em uma espécie de melancolia ou mania mediante a rápida intensificação do sintoma psíquico presente até então, fazendo desaparecer, assim, todo risco de vida dos sintomas físicos, que melhoram até quase atingir o estado de saúde [...] em uma palavra, as afecções dos órgãos físicos maiores são como que conduzidas e transferidas para os órgãos quase não-materiais mentais e psíquicos jamais atingidos e atingíveis pelo bisturi." (*Organon,* 6ª ed.; § 216; IHFL)

Esta conotação de entidade orgânica dada à mente, "quase não-material", possui suas raízes no pensamento hipocrático, como nos esclarece Entralgo. Apesar de apresentar uma conotação mais sutil do que o corpo físico e a força vital, a "psique" (mente ou alma) nada tinha de 'espiritual', como a alma ou o espírito da concepção cristã.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "[...] Talvez resulte estranho ver empregada a palavra «psicologia» no quadro de um conjunto de descrições anatômicas; porém, os hipocráticos nunca deixaram de ver a «alma» *(psykhê)* como uma realidade material, embora muito mais fina que as restantes partes do corpo humano, e o autor de *Sobre a dieta* não vacila em chamá-la, uma vez, «parte do corpo», *moira sômatos* (VI, 480); uma «parte» carente, é certo, de figura visível, porém não de localização espacial e de movimento.[...]" (*La Medicina Hipocrática*, Pedro Laín Entralgo, cap. III, § I, p. 141)

> "O que era a alma para os hipocráticos? Certamente, uma «parte do corpo» (VI, 480). Ponham a atividade psíquica em mais ou menos direta conexão com o fogo *(Sobre a dieta)*, com o pneuma[1] e o cérebro *(Sobre a enfermidade sagrada)*, com a cabeça *(Dieta nas enfermidades agudas*, II, 362), com o sangue *(Sobre as ventosidades*, VI, 110-112) ou com o coração *(Sobre o coração*, *Sobre a natureza dos ossos)*, todos eles haviam feito sua aquela tese. Como bons gregos, atribuíam à alma *(psykhê)* uma condição mais sutil que a do corpo, porém não«espiritual», no sentido que com o cristianismo chegará a ter esta palavra. Por isso, há que entender segundo sua significação mais literal e física toda uma série de afirmações dos escritos em que eles nos falam: que existem «poros para a alma» (VI, 514 e 524); que a alma, incendiada, consome o corpo (V, 314); que a alma é produzida até a morte (V, 413) e cresce ao longo da vida, tanto nos homens como nos grandes animais (VI, 480); que «visita as partes do corpo» (VI, 478) e que o exercício da reflexão é para o homem um «passeio da alma», *psykhês perípatos* (V, 316); que a índole da alma depende da proporção que o fogo e a água tenham nela (VI, 518), e em definitivo – com independência da dieta – da ingênita constituição corporal do indivíduo (VI, 522); que o grau da inteligência pode ser melhorado com um conveniente regime de alimentos e exercícios (VI, 522). Tudo isto não impede que em certas ocasiões sejam tematicamente contrapostos o corpo e alma, e se atribuam a um e outro propensões distintas (certos corpos são propensos à febre; certas almas ao delírio; XI, 34); ou que sejam descritas como exclusiva ou especificamente anímicas algumas operações humanas (a alma, sem órgãos ou objetos, como pura consciência, *xýnnoia*, pode experimentar emoções, afligir-se, regozijar-se, espantar-se, animar-se, esperar; V, 348); ou, enfim, que se fale das ações da alma sobre o corpo (no arrebato, por exemplo, se contraem o pulmão e o coração, e o calor e os líquidos são atraídos para a cabeça; o bom humor, ao contrário, dilata o coração; V, 316) e do corpo sobre a alma (V, 346; V, 488-490)." (*La Medicina Hipocrática*, Pedro Laín Entralgo, cap. III, § I, p. 180-1)

Dando continuidade à abordagem das doenças psíquicas, Hahnemann chama de "verdadeira doença mental ou psíquica" aquelas que dependam de um mal físico, não melhorando, ou melhor, agravando-se "mediante exortações amistosas e equilibradas, argumentos consoladores, advertências sérias e sensatas". Ao explicar o porquê da piora frente às exortações amistosas, reforça a idéia de "órgãos mentais e psíquicos" como uma estrutura diferenciada, mas em relação direta com os órgãos físicos e a alma: "Parece que a alma do doente, nesses casos, sente com indignação e tristeza a verdade destas advertências, atuando sobre o corpo como se desejasse restabelecer a harmonia perdida, mas que, mediante essa doença, reage muito intensamente nos órgãos mentais e psíquicos,

[1] [*Pneuma* (do grego pneuma, 'sopro'). Na Antiguidade, essência espiritual invisível e intangível, de conceituação difícil. Admitia-se que se formasse com base no ar, ou com auxílio deste. Era considerado pelos pneumatistas como espírito vital, atribuindo-se-lhe a natureza de calor inato, funções respiratórias, circulatórias e nutricionais. O conceito *pneuma* era, na realidade, uma mistura de noções religiosas, filosóficas e científicas.]

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

colocando-os em desordem ainda maior, por uma nova transferência de seus sofrimentos para eles".

> "Se a doença mental não estiver plenamente desenvolvida e se ainda existem algumas dúvidas para saber se realmente resultou de sofrimento do corpo ou se, antes, provém de falhas na educação, maus hábitos, moral corrupta, negligência mental, superstição ou ignorância; serve, então, de indício o fato de diminuir e melhorar mediante exortações amistosas e equilibradas, argumentos consoladores, advertências sérias e sensatas. Em contrapartida, uma verdadeira doença mental ou psíquica, que dependa de um mal físico, se agravará rapidamente com esse método; a melancolia se torna mais chorosa, inconsolável e mais reservada, assim como a loucura furiosa se torna mais exasperada e a linguagem sem nexo do louco tornar-se-á manifestamente ainda mais absurda*. (*Parece que a alma do doente, nesses casos, sente com indignação e tristeza a verdade destas advertências, atuando sobre o corpo como se desejasse restabelecer a harmonia perdida, mas que, mediante essa doença, reage muito intensamente nos órgãos mentais e psíquicos, colocando-os em desordem ainda maior, por uma nova transferência de seus sofrimentos para eles.)" (*Organon,* 6ª ed.; § 224; IHFL)

Mais adiante, Hahnemann relaciona indiretamente os órgãos mentais e psíquicos (mente) à alma, como se estivessem subordinados a ela, ao dizer que "tais doenças psíquicas que foram primeiramente trabalhadas e mantidas pela alma, "enquanto ainda recentes e antes de terem perturbado em demasia o estado físico", são as únicas que podem ser rapidamente transformadas em bem-estar psíquico mediante meios de cura psíquicos".

> "Tais doenças psíquicas que foram primeiramente trabalhadas e mantidas pela alma, **enquanto ainda recentes e antes de terem perturbado em demasia o estado físico,** são as únicas que podem ser rapidamente transformadas em bem-estar psíquico (com regime de vida adequado, aparentemente até em bem-estar físico) mediante meios de cura psíquicos, tais como demonstração de confiança, conselhos amigáveis, argumentos sensatos e muitas vezes habilidosas simulações." (*Organon,* 6ª ed.; § 226; IHFL)

Ao comparar a "conduta psíquica adequada" por parte das pessoas que cercam o doente mental grave "como dieta auxiliar da alma", exemplifica o modo de agirmos contrapondo os excessos do enfermo, abolindo qualquer repreensão, castigo ou tortura no trato com estes enfermos.

> "Nas doenças mentais e psíquicas resultantes de doenças do corpo que só podem ser curadas com medicamentos homeopáticos dirigidos ao miasma interno, a par de um regime de vida cuidadosamente regulado, deve ser observada uma conduta psíquica adequada por parte dos que o cercam e também do médico, como dieta auxiliar da alma. [...] Deve-se procurar somente impedir a destruição e dano dos objetos que o rodeiam, **sem repreendê-lo por seus atos,** dispondo tudo de modo a abolir completamente todo e qualquer castigo ou tortura física." (*Organon,* 6ª ed.; § 228; IHFL)

Para Hahnemann, é no estado do psiquismo, da mente e de todo o comportamento do paciente, que teremos os sinais mais seguros e elucidativos da evolução do mesmo, seja de melhora ou piora. Aqui observamos a importância hierárquica desta instância chamada mente na organização humana.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "[...] em todos os casos de doença que devem ser curados, o estado psíquico deve concorrer como um dos mais notáveis no conjunto característico dos sintomas se quisermos traçar um quadro fidedigno da doença, a fim de, a partir daí, poder tratá-la homeopaticamente, com êxito." (*Organon,* 6ª ed.; § 210; IHFL)

> "Isso possui um tamanho alcance, que o estado psíquico do doente, muitas vezes e principalmente, determina a escolha do medicamento homeopático, na qualidade de sinal possuidor de uma característica determinada: entre todos, é o que menos pode permanecer oculto ao médico observador criterioso." (*Organon,* 6ª ed.; § 211; IHFL)

> "Por conseguinte, jamais se poderá curar de acordo com a natureza, isto é, homeopaticamente, se não se observar, simultaneamente, em cada caso individual de doença, mesmo nos casos de doenças agudas, o sintoma das alterações mentais e psíquicas e se não se escolher para alívio do doente, entre os medicamentos, uma tal potência morbífica que, a par da semelhança de seus outros sintomas com os da doença, também seja capaz de produzir **por si** um estado psíquico ou mental semelhante." (*Organon,* 6ª ed.; § 213; IHFL)

> "Entre os sinais que, em todas as doenças, principalmente as que surgem de modo rápido (agudas), indicam um ligeiro início de melhora ou agravação perceptível a todos, o estado do psiquismo e todo o comportamento do doente são os mais seguros e elucidativos. No caso do início de melhora, por menor que seja, nota-se um maior bem-estar, crescente tranquilidade, despreocupação e mais ânimo - uma espécie de retorno ao estado normal. Porém, no caso da agravação, ainda que muito ligeira, ocorre o contrário: o estado do psiquismo, da mente e todo seu comportamento passa a denotar retraimento, desamparo, requerendo mais compaixão, assim como as suas atitudes em todas as situações e atividades". (*Organon,* 6ª ed.; § 253; IHFL)

Em sua obra *Homeopatia. Escritos menores, aforismos e preceitos,* na lição *Correspondência de Órgãos e Direção de Cura,* James Tyler Kent tece alguns comentários sobre a importância da mente humana em relação aos demais órgãos físicos. Cita a "Lei de Direção dos Sintomas" ou "Lei de Hering", associando "o mais interno do homem" com a mente e suas potencialidades (vontade, entendimento e memória), mostrando nitidamente sua "mais alta hierarquia" e exemplificando a influência da mesma nos órgãos materiais. Correlaciona o "intelecto" (razão) ao trato gastrointestinal, ao sistema genito-urinário e aos pulmões; a "vontade" (sentimentos, afetos) correlaciona ao coração, ao fígado e aos órgãos genitais femininos.

> "Hering foi o primeiro a introduzir a Lei de Direção dos Sintomas: de dentro para fora, de cima para baixo, na ordem inversa de sua aparição. Isto não aparece nos escritos de Hahnemann. É a chamada lei de Hering. Pouco há desta lei na literatura homeopática, exceto a observação de que os sintomas vão de cima para as extremidades, e que aparecem erupções sobre a pele e descargas das membranas mucosas ou úlceras sobre as pernas quando desaparecem os sintomas internos. [...] No curso de dentro para fora, de acordo com a lei, nem sempre vemos as mudanças mentais serem seguidas por sintomas de pele - que é um desenvolvimento mais rápido. Este é mais lento e mais gradual quando o estômago ou o rim estão desordenados. Então isto passa através de séries de órgãos: enquanto o estômago melhora, aparecem catarros e erupções." (*Homeopatia. Escritos menores, aforismos y preceptos, Correspondência de Órgãos e Direção de Cura,* Kent)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

"O mais interno do homem está constituído pela vontade, o entendimento e a memória, e isto se estende para o exterior através do organismo físico em geral. Esta idéia se relaciona com a direção dos sintomas - do mais interno para o mais externo. [...] Quando se está tratando um paciente insano em suas faculdades intelectuais, enquanto o paciente melhora, aparecem desordens estomacais ou intestinais, cólicas e diarréia; a desordem se estende através do canal intestinal. Em outro paciente aparecem afecções renais com albuminúria na urina, no curso de uma reação onde houve desordens mentais. [...] Às vezes, as faculdades intelectuais correspondem aos pulmões. Os pulmões fazem para o corpo o que o intelecto faz para o homem. [...] Quando um paciente está enfermo da vontade, quando o amor se tornou ódio, quando deseja destruir a própria vida, ou fugir dela, ou odiar a seus próprios filhos; quando uma mulher sente aversão por seu esposo, ou quando o sistema da vontade está pervertido; que ocorre quando se faz uma prescrição correta? o coração ou o fígado se afetarão, estes correspondem ao sistema voluntário. Não ocorrerão afecções do estômago nem dos rins, senão que aparecerão distúrbios cardíacos ou hepáticos quando se prescreva para afecções da vontade. [...] O sistema voluntário corresponde ao coração e ao fígado." (*Homeopatia. Escritos menores, aforismos y preceptos, Correspondência de Órgãos e Direção de Cura,* Kent)

Observamos, neste capítulo, a analogia entre os termos alma e espírito, utilizados por Hahnemann frequentemente, sem distinção entre si. Quanto à mente, sede da vida psíquica, observamos que Hahnemann considerava-a como "órgãos mentais e psíquicos, órgãos de mais alta hierarquia, quase não-materiais, invisivelmente sutis", com uma unidade própria, mas em relação direta com os órgãos físicos e a alma. Este psiquismo sofre a influência das emoções e dos medicamentos homeopáticos que despertem estes mesmos sentimentos na experimentação patogenética homeopática.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Unidade Físico-Vital alterada por Excessos Intelectuais e Emocionais

Unidade Físico-Vital alterada por Excessos Intelectuais e Emocionais

Para Hahnemann, a influência das excitações emocionais e psíquicas em nossa saúde é comparável a qualquer outra afecção dinâmica que possa nos atingir, seguindo as mesmas regras destas. Atuando como incentivador das práticas de promoção à saúde (medidas higiênicas e dietéticas), ele delega à prática de exercícios diários o mister de manter o equilíbrio psicossomático, criticando o uso excessivo da mente, como o fazem os eruditos. Como discutido anteriormente, relaciona a mente à "maquinaria corporal - a eles (homens) ofertada para usarem em prol de uma vida completa". Nesta interação entre o corpo e a mente, temos na força vital o elo de ligação, sendo exaurida ou incrementada ao organismo pelo excesso de atividade mental ou pela prática de exercícios físicos, respectivamente.

> "Concedo, de bom grau, que o conflito de paixões opostas e de gozos multiplicados, a indolência e a falta de exercício podem ocasionar nos palácios das grandes cidades enfermidades mais numerosas e mais raras do que as que se encontram sob o teto rústico de uma cabana de aldeia." (*Esculápio na Balança,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 98)

> "Não é somente o desgaste físico excessivo que prejudica a pessoa, mas, sobretudo, o estado constante de tensão mental; a mente esgotada, por sua vez, afeta o corpo de maneira negativa. [...] Gozar a vida com a mente tranquila e o corpo são é para o quê o homem foi feito [...]. O corpo e seus músculos devem ser mantidos em funcionamento e exercitados, para que a pessoa possa usar sua mente sem detrimento de sua saúde. Somente num corpo vigoroso é que a mente pode trabalhar com liberdade, energia e resistência. [...] Mas até mesmo o mais resistente dos corpos deve, inevitavelmente, arcar com a ruína do modo habitual de vida dos eruditos que, unilateralmente, usam apenas suas mentes e órgãos a elas associados, deixando o resto da maquinaria corporal - a eles ofertada para usarem em prol de uma vida completa - na inatividade." *(Carta a von Villers; Samuel Hahnemann: his life and work,* cap. VII, suplemento 37, vol.II)

> "[...] Estudos exaustivos e pensamentos profundos absorvem uma grande porção da energia vital necessária à debulha do trigo num celeiro. Esta atividade é uma coisa irrisória, comparada à primeira. [...] como pode tudo isto ocorrer sem que haja uma evidente alteração de toda a força vital, ou então o adoecimento daqueles órgãos que são os mais consumidos pelos estudos: cérebro, nervos e olhos? [...] O desenvolvimento do corpo e de suas forças vem muito antes que o desenvolvimento da mente. A mente só consegue atingir o mesmo nível de igualdade daqueles órgãos que, por um uso constante, a pessoa chegou a desenvolver com a perfeição possível, através de suas atividades diárias. [...] O tempo dedicado aos exercícios corporais é bem retribuído pela energia e pela disposição da mente que se lhe segue, pois pode atingir em meia hora o que teria custado um meio dia para alcançar." (*Carta a um jovem erudito; Samuel Hahnemann: his life and work,* cap. VII, suplemento 37, vol. II)

> "Eu, disse o próprio Hahnemann, procurava assimilar o que lia; lia pouco, porém muito bem; e punha tudo em ordem no meu espírito, antes de passar adiante... Não esquecia, entretanto, de procurar exercício para o meu corpo, movimento ao ar livre, esta alegria e esta força, graças às quais facilmente podia manter a tensão contínua de meu espírito." (*Iniciação Homeopáthica,* p. 18)

Uma paixão semelhante, mas mais forte, extingue da nossa mente outra mais fraca. Enquanto uma afecção dinâmica qualquer afeta nossa força vital imaterial, desequilibrando-a e sendo reequilibrada pela administração de uma potência semelhante mais forte, a mente é desequilibrada por paixões ou outras excitações psíquicas (afecções dinâmicas de natureza diversa), sendo reequilibrada por uma excitação semelhante e mais forte. A unidade mental (físico-mental), assim como a unidade orgânica (físico-vital), é passível de atingir seu equilíbrio através do princípio da similitude.

> "Algo parecido acontece na mente humana*. [*Por exemplo, uma moça mergulhada em mágoa pela morte do seu companheiro, se levada a ver uma família onde as crianças pobres e seminuas tenham recentemente perdido seu pai, seu único sustento, não se tornará mais triste por testemunhar esta tocante cena, mas será dessa forma consolada pelo seu infortúnio menor. Ela é curada de sua tristeza por seu companheiro, porque a unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo, e uma paixão deve ser extinta quando outra paixão semelhante, mas mais forte, tomou posse de sua mente, e age como um remédio **homeopático** que extingue a primeira. A moça não seria tranquilizada e curada de sua tristeza pela perda do companheiro, se sua mãe a censurasse colericamente (influência **heterogênea, alopática**), mas, ao contrário, sua mente estaria mais desolada por este ataque de tristeza de outra natureza. De maneira semelhante, a moça triste, se nós fôssemos causar um alívio aparente mas somente paliativo de sua tristeza, por meio de divertimentos iria, em sua solidão, mergulhar em uma tristeza mais profunda e choraria muito mais intensamente do que antes pela morte do seu amigo (porque esta afecção teria aqui somente um caráter **oposto, enantiopático**). Da mesma forma que ocorre na vida psíquica, ocorre na vida orgânica. A unidade de nossa vida não pode ser ocupada e receber duas afecções dinâmicas gerais da mesma natureza ao mesmo tempo; porque se a segunda for semelhante à primeira, a primeira é deslocada por ela, se o organismo for mais energicamente afetado pela segunda.]" *(O Espírito da Doutrina Médica Homeopática,* 1813; *Revista de Homeopatia,* p. 69-71)

O despertar da *Psora* e a agravação dos transtornos crônicos ocorre "pelo pesar e contrariedades diárias, pelos aborrecimentos que amarguram a vida e abatem o espírito, mais certa e mais frequentemente do que todas as demais influências prejudiciais que operam no organismo". A maior missão do médico, imbuído do amor fraternal, será aliviar o pesar e as contrariedades do paciente.

> "[...] perdas tristes de parentes queridos abatendo o espírito pelo pesar ou contrariedades diárias e aborrecimentos que amarguram a vida; [...] nessas ocasiões, a *Psora* que até então estivera adormecida, acorda e manifesta-se nos sintomas intensificados e aumentados enumerados abaixo, em sua transição até à formação de severas moléstias". (*Doenças Crônicas,* 1828; *Natureza da Doenças Crônicas,* p. 82)

> "A mais frequente excitação da Psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais frequente agravação dos transtornos crônicos já existentes, são de longe as causadas pelo pesar e pelas contrariedades. *Pesar e contrariedades ininterruptas* acentuam em breve tempo inclusive os mais diminutos traços de uma Psora adormecida tornando-a manifesta nos mais severos sintomas; depois, o pesar e as contrariedades desenvolvem estes sintomas numa manifestação ostensiva de todos os sofrimentos crônicos imagináveis, mais certa e mais frequentemente do que todas as demais influências prejudiciais que operam no

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> organismo humano, na vida humana médica, apesar de estes dois agentes aumentarem também tão certa e frequentemente os transtornos já existentes. Da mesma forma que o bom médico ficará satisfeito, quando puder animar um paciente e mantê-lo afastado do tédio, a fim de fazer progredir uma cura que não está embaraçada por tais obstruções, em tal caso sentir-se-á mais do que nunca incumbido da tarefa de fazer tudo que for possível dentro do poder de sua influência sobre o paciente, seus familiares e circunstâncias, para aliviá-lo do pesar e das contrariedades. Este será e deverá ser o propósito central de seus cuidados e de seu amor fraternal." (*Doenças Crônicas,* 1828; *Psora,* p. 149)

Nas próximas citações, veremos a influência, no experimentador e no paciente crônico, das noxas psíquicas e emocionais *(pesar, mágoas e contrariedades),* "elementos mais destrutivos da vida, em quem a economia vital está sendo destruída por contínuos ataques à mente". Hahnemann diz que "a filosofia, a religião e o controle sobre si próprio" dão subsídios ao doente para "suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não estão em seu poder curar". Chega mesmo a negar a ação dos medicamentos homeopáticos, "que sejam os mais peculiares e os melhor adaptados ao transtorno corporal", desde que não sejam afastadas estas "impressões mentais perturbadoras", que minam os alicerces da individualidade, encarando as disfunções do psiquismo como verdadeiros obstáculos à cura. Vemos aqui o nível hierárquico superior da mente e sua influência sobre a unidade físico-vital.

> "A melhor oportunidade para exercitar e aperfeiçoar nossa capacidade de observação é proporcionada pela aplicação a nós mesmos de experimentações medicamentosas. Enquanto evita todas as influências medicinais exteriores e impressões mentais perturbadoras, nesse importante processo, o experimentador, após ter tomado o medicamento, tem a totalidade de sua atenção dirigida a todas as alterações da saúde que ocorrem sobre si e em seu íntimo, a fim de observá-las e registrá-las corretamente com a sensibilidade sempre atenta e os sentidos sempre alertas." (*O Observador Médico,* 1825; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann,* p. 724)

> "Mas se as relações do paciente não podem sofrer melhorias a tal respeito, e se ele não tiver filosofia, religião e controle suficiente sobre si próprio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não estão em seu poder curar; se o pesar e as contrariedades abatem-se continuadamente sobre ele e se foge à alçada do médico efetuar uma remoção duradoura destes que são os elementos mais destrutivos da vida, seria melhor que desistisse do tratamento e deixasse o paciente entregue à própria sorte, pois até mesmo o mais competente cuidado do caso com remédios que sejam os mais peculiares e os melhores adaptados ao transtorno corporal de nada servirá, para absolutamente nada, no caso de um paciente crônico exposto deste modo às mágoas e às contrariedades e em quem a economia vital está sendo destruída por contínuos ataques à mente. Prosseguir com a mais fantástica edificação é tolice, quando seus alicerces estão sendo diariamente corroídos, mesmo que apenas gradualmente, pela ação das ondas." (*Doenças Crônicas,* 1828; *Psora,* p. 149-50)

> "A seguir, devem ser levados em consideração a idade do doente, seu modo de vida e de alimentação, sua situação doméstica, suas relações sociais, etc., a fim de verificar se esses elementos contribuíram para aumentar seu mal ou até que ponto podem favorecer ou dificultar o tratamento. Igualmente, não devem ser negligenciados seu psiquismo e sua maneira de pensar, a fim de se saber se apresentam algum obstáculo ao tratamento ou se

> necessitam de outra direção, psiquicamente sendo estimulados ou modificados." (*Organon,* 6ª ed., § 208)

A unidade vital do organismo (princípio vital) é afetada por "paixões debilitantes, infortúnios e preocupações", que são distúrbios da mente e do coração.

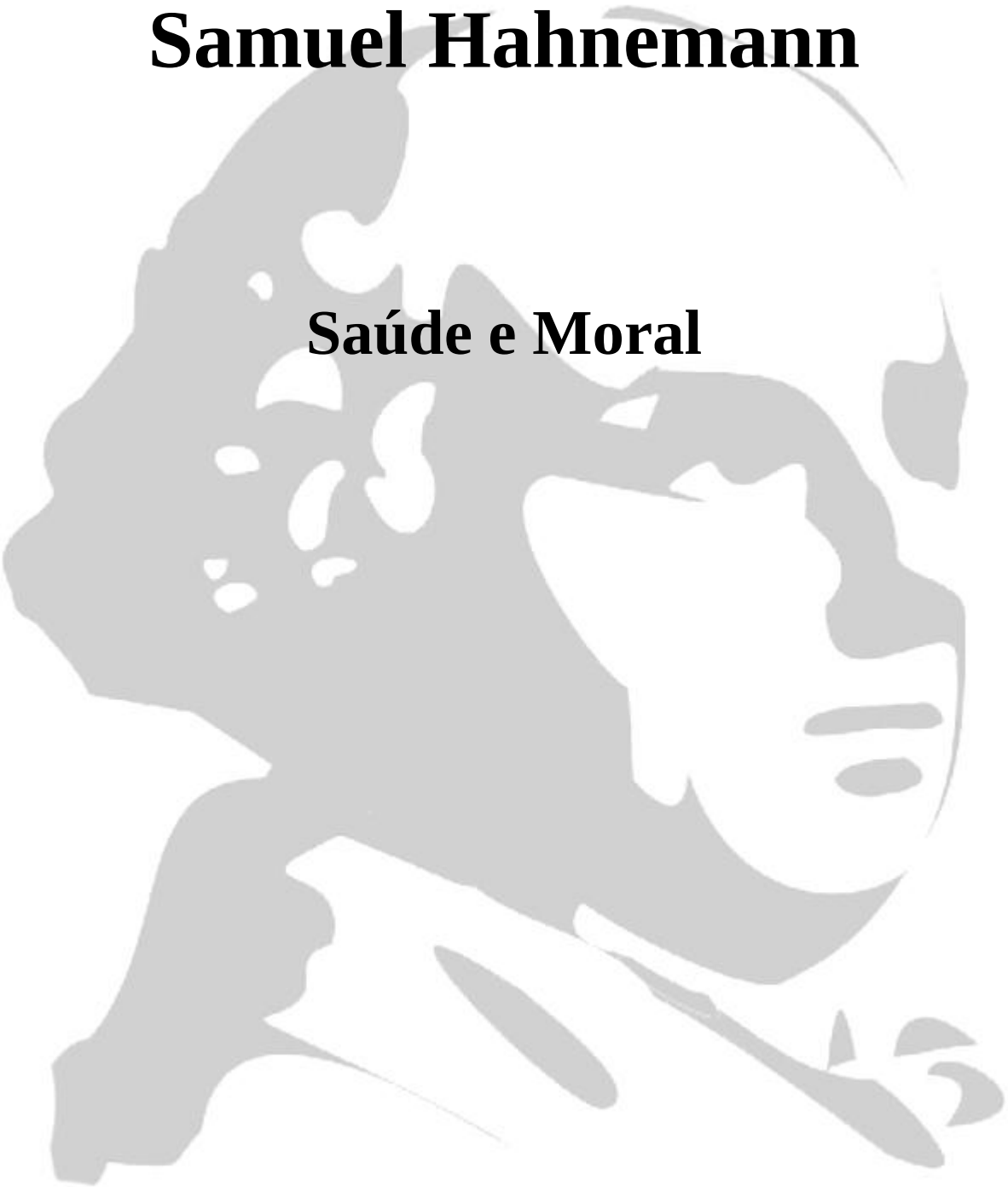
> "Durante os anos mais floridos da juventude e ao iniciar-se a menstruação regular, a par de um modo de vida benéfico à mente, ao coração e ao corpo, elas (doenças crônicas) frequentemente passam despercebidas vários anos; os afetados por elas aparentam, pois, saúde perfeita aos amigos e parentes, como se a doença neles arraigada por contágio ou hereditariedade houvesse desaparecido completamente. Contudo, nos anos seguintes, por ocasião de acontecimentos e circunstâncias adversas da vida, ela infalivelmente ressurge, desenvolvendo-se com maior rapidez e adquirindo um caráter mais grave quanto mais o princípio vital tiver sido afetado por paixões debilitantes, infortúnios e preocupações, mas, principalmente, mediante um tratamento médico inadequado." (*Organon,* 6ª ed.; § 78, nota; IHFL)

A mente, entidade distinta do princípio vital, devido a seu nível hierárquico superior, atua sobre a unidade orgânico-vital desequilibrando-a, desde que seja afetada pelas noxas psicoemocionais. Em vista disso, podemos pensar numa unidade mental, diretamente relacionada à entidade superior humana (espírito ou alma), que abarca as manifestações psíquicas e emocionais do ser, possuindo ascendência e interagindo com a força vital e o corpo físico.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Saúde e Moral



Saúde e Moral

Conforme o exposto anteriormente, pela diferenciação entre a "unidade mental" e a "unidade orgânica", existem outras formas de se buscar o equilíbrio dinâmico da saúde, atuando em níveis superiores da entidade humana, que não seja somente através dos medicamentos homeopáticos.

O fato de o equilíbrio vital orgânico (força vital e corpo físico), conseguido através do medicamento *simillimum*, não ser duradouro, podendo-se esgotar caso o homem não atue de uma forma digna e ética, direcionando seus pensamentos e sentimentos, através do livre-arbítrio, para os mais altos fins de sua existência (moral), relatado na concepção miasmática de vários autores antigos e contemporâneos, corrobora a diferenciação entre a unidade físico-vital e a unidade mente-espírito, por serem influenciadas e necessitarem de estímulos distintos para manterem seus estados de equanimidade.

Nas citações abaixo, Hahnemann vê o "caminho da moral" como o mais "elevado objeto da vida", que aproxima o homem ao Criador, através "de sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo", exercitados pelo sopro divino ou espírito racional na busca do crescimento interior e da evolução espiritual. Vai mais além, responsabilizando o afastamento dos preceitos morais ao aumento do "número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade".

> "Habitante da Terra, me dizia, quão limitado é o número de teus dias neste mundo, e quantas dificuldades encontra a cada instante para proporcionar-te uma existência suportável, quando queres permanecer no caminho da moral! Mas todos estes gozos que tão caro pagas, que são por si mesmos quando te falta a saúde? E com quanta frequência não sucede que se desarmonize a saúde, e que seja perturbada por incômodos mais ou menos graves? Como calcular o número de enfermidades e de dores sob cujo peso os mortais se dobram e se arrastam penosamente até o término de sua existência, e que não lhes perdoam nem mesmo no meio das lisonjas da glória, nem dos gozos do luxo? Sem dúvida, oh homem! quão nobre é tua origem, quão grande teu destino, e quão elevado o objeto de tua vida! Não estás destinado a aproximar-te por meio de sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo, ao grande espírito que adoram todos os habitantes dos sistemas solares? Seria possível que o sopro divino que te anima e que te inspira tão nobre atividade fosse condenado a sucumbir, sem que nada pudesse socorrer-lhe, sob a influência destes ligeiros desregramentos do corpo a que damos o nome de enfermidades?" (*Esculápio na Balança*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 91)

> "[...] Não há possibilidade de existir alguma coisa *in rerum naturam* que possa abençoar o imoral. Isto é uma contradição em si e encanta o sedutor que ilude o imoral com a exibição da segura perspectiva futura de consecução da liberdade perfeita; deste modo, eles só aumentam o número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade. A Deidade de pura bondade que anima o universo infinito também habita em nós e, em nome de nossos mais elevados e inestimáveis dotes, nos dá uma razão e uma centelha de santidade em nossa consciência - gerada pela plenitude de sua

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> própria moralidade - e que só precisamos cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes; essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjugados os motivos de nossa natureza animal de modo que o final de nossa existência aqui embaixo possa ser proveitosamente realizado, e para tanto a deidade dotou-nos de força suficiente..." (*Carta a Stapf, Köthen,* 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Acredita numa outra existência ("lá em cima") além da terrena, e numa evolução moral adquirida gradualmente pelo espírito (razão) através de nossa "consciência, centelha da divindade", precisando-se "cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes". Claro está que o processo evolutivo é lento e progressivo, com necessidade de esforço e dedicação diária, a fim de "manter subjugados os motivos de nossa natureza animal", frutos de nosso estado primitivo anterior, contrariando totalmente a concepção não evolucionista de outras correntes antropológicas.

No texto abaixo, vemos a importância que Hahnemann dava ao desenvolvimento e enobrecimento do espírito inteligente, ou seja, à evolução espiritual do ser humano.

> "Porém é muito diferente quando se trata de objetos cuja essência consiste em manifestações da vida; e notavelmente quando há que tratar o corpo do homem para conduzir suas modificações morbosas ao estado de saúde, ou seu espírito para desenvolvê-lo e enobrecê-lo." (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 133)

Definindo como "moralista" o instrutor do espírito humano no caminho do crescimento interior ou progresso moral, Hahnemann exemplifica a forma de atuar através da "psicologia experimental" (empírica), conhecendo-se a "história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude", negando a utilidade de qualquer "conhecimento ontológico da essência da alma humana". Baseia seus fundamentos no exemplo prático de Sócrates, dizendo que o mesmo, para conduzir os homens à virtude, "jamais necessitou entregar-se a especulações ontológicas a respeito do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma". Assim sendo, torna-se clara a importância dada por Hahnemann a se atingir níveis mais profundos do homem (alma ou espírito), através de práticas outras além dos medicamentos homeopáticos (psicologia socrática).

> "O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim se poupa no possível a fadigas inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto exige dele, se atém ele, *a posteriori,* ao que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, à psicologia experimental. Nem pode, nem necessita saber mais." (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 134)

> "O moralista sabe que lhe estando negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada podia servir-lhe, só necessita, ademais da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitava conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. [...] Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. Do mesmo modo, o médico não tem necessidade mais que de um conhecimento histórico do modo de comportar-se o organismo humano no estado de saúde e do modo de manifestar-se a enfermidade individual, para poder socorrer a esta última logo que tenha encontrado o meio conveniente. Não pode saber mais, porque tão pouco de nada lhe teria servido sabê-lo. Consistirá, pois, mais a dignidade da medicina em imaginar teorias, que em adquirir a habilidade necessária para curar as enfermidades?" (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 138-9)

Exemplificando qual deveria ser a postura do "observador médico" e assumindo o compromisso de divulgar a arte homeopática, Hahnemann mostra sua concepção de "missão humana, no aprimoramento íntimo e na prática do bem", acima de qualquer bem material, que poderíamos entender como a 'evolução moral do ser inteligente que age segundo o seu livre-arbítrio': "fui posto aqui na Terra para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar". A sua visão é clara e profunda, submissa a Deus, universalista, sem assumir tal ou qual corrente mística ou religiosa.

> "Escolhei de preferência um médico que jamais se mostre grosseiro, que nunca se irrite, salvo à vista de uma injustiça; que não desdenhe de pessoa alguma, salvo os lisonjeadores; que tenha poucos amigos, mas por amigos, homens de coração; que deixe aos que sofrem a liberdade de se lastimarem; que jamais emita uma opinião sem prévia reflexão; que prescreva poucos medicamentos, a maioria das vezes um único, e em substância; que viva modestamente e retirado, afastado do ruído da multidão; que não dissimule o mérito de seus confrades e não faça auto-elogio; enfim, um amigo da ordem, da tranquilidade, um homem de amor e de caridade. Antes de escolherdes um médico observai como ele se comporta com os doentes pobres e se, em seu gabinete, quando está só, se ocupa com trabalhos sérios." (*A escolha de um médico; carta a um príncipe,* 1795; *A Personalidade de Samuel Hahnemann: sua vida e sua obra,* p. 24)

> "Assim qualificado, o observador médico não pode deixar de alcançar seu objetivo, especialmente se mantiver à vista a elevada dignidade de sua vocação - como representante do Pai Protetor todo bondade a servir Suas amadas criaturas humanas, restaurando seus organismos devastados pela doença. Ele sabe que as observações em questões médicas devem ser feitas com uma disposição franca e respeitosa, como sob a vista de Deus onisciente, o Juiz de nossos pensamentos secretos, e devem ser registradas de modo a satisfazer uma consciência íntegra, a fim de que se possa comunicá-las ao mundo com o discernimento de que bem terreno algum é mais digno de nossos esforços zelosos para a preservação da vida e da saúde de nossos semelhantes." (*O Observador Médico,* 1825; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann,* p. 724)

> "Se eu não soubesse para que fim fui posto aqui na Terra - *para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar* -

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> teria de me considerar muitíssimo imprudente, se tornasse conhecida para o bem comum, ainda antes de minha morte, uma arte que só eu possa e da qual está dentro de mim fazer a mais proveitosa possível se guardando-a em segredo." (*Doenças Crônicas, Prefácio à Primeira Edição,* 1828)

> "Agradeço com sincera gratidão a infinita misericórdia do único e grande Doador de todas as boas coisas, por ter-me preservado até agora com força e alegria de viver, em meio a tantos ataques de meus inimigos. E não tenho mais nenhum outro desejo do que apresentar ao mundo de maneira digna o bem que o Ser Supremo permitiu-me descobrir, ou posso dizer, que a mim revelou, para o alívio dos sofrimentos da humanidade. Estarei então pronto para partir desta vida." (*Carta a Stapf,* 15/04/1827; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 190)

> "Existe felicidade maior que a de fazer o bem? Mesmo depois que tivermos partido daqui, o único e infinito Ser que promove a felicidade de todas as criaturas irá mostrar-nos como nos aproximar de Sua perfeição e santidade, através de atos de benevolência, assim ensinando como nos tornarmos mais semelhantes a Ele por toda a eternidade." (*Carta a Stapf,* 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Incorporando uma postura universalista frente às filosofias e às religiões, enfatiza a necessidade do homem buscá-las como meio de auxílio "para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar", sem, no entanto, dirigir seus ensinamentos para uma determinada corrente filosófico-religiosa. Pelo contrário, critica o uso dogmático da religião como "uma concepção humana miseravelmente baixa, cheia de superstições, verdadeira destruição da humanidade". Mostra sim, como exemplo máximo de espiritualidade ou prática espiritual, "a vigilância constante das nossas ações, a constante supervisão de nossas paixões animais", com o intuito de encontrarmos a paz de consciência, que nos faz repousar "na amizade do Exclusivamente Único".

> "Mas se as relações do paciente não podem sofrer melhorias a tal respeito, e se ele não tiver filosofia, religião e controle suficiente sobre si próprio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não estão em seu poder curar [...]." (*Doenças Crônicas,* 1828; *Psora,* p. 149)

> "Distribua cuidadosamente suas horas. Cada hora perdida, não empregada em nosso melhor proveito e no dos outros, é uma perda irreparável que uma consciência sensível não pode jamais esquecer. Nada há mais que precisemos vigiar e conter que as nossas inclinações físicas, incluindo aí a imaginação. Nossa parte animal requer supervisão constante e um controle tão estrito e incessante quanto o que possui nosso poder de raciocínio. Somente por meio de uma vitória constante é que nos tornamos felizes por meio desta consciência elevada e saudável. Sentimos então que repousamos na amizade do Exclusivamente Único... Você quer alguma outra religião? Não existe. Tudo o mais é uma concepção humana miseravelmente baixa, cheia de superstições, verdadeira destruição da humanidade..." (*Carta a um paciente,* 16/10/1830; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 189)

> "[...] Precisamente isso que é mantido à distância da visão da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigissem suas visões para dentro de si mesmos e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a

> ser perfeitamente bons, porque nada há que possa eximi-los do inferno de sua consciência, quando diante da onipresença de seu Supremo Benfeitor; aí esquecem-se do propósito de seu ser e preferem a satisfação de suas paixões animais à Aprovação Superior." (*Carta a Stapf, Köthen,* 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 189)

O irromper da *Psora* interna é facilitado com os vícios e desregramentos morais do homem, sendo necessário um trabalho na busca deste equilíbrio íntimo, embasado em valores elevados, para que os medicamentos homeopáticos possam atuar beneficamente.

> "Um grande e semelhante obstáculo à cura de doenças crônicas muito avançadas é frequentemente encontrado na debilidade e na fraqueza em que caem os jovens estragados por pais ricos e que são desencaminhados pela superabundância e pela devassidão daqueles, seduzidos pelas companhias depravadas, por paixões e excessos destrutivos, por pândegas, por abuso do instinto sexual, pelo jogo de azar, etc. Sem a menor consideração pela vida e pela consciência, corpos originalmente robustos são debilitados por tais vícios até tornarem-se meros simulacros de humanidade, sendo, além disso, arruinados pelo tratamento perverso de suas doenças venéreas, de modo que a Psora que muitas vezes está emboscada no interior do organismo se avoluma e emerge como a mais digna de pena das doenças crônicas, as quais, mesmo que a moralidade do paciente tenha melhorado devido a um remorso deprimente e que haja um pequeno remanescente de seus poderes vitais desperdiçados, aceitam apenas o alívio antipsórico face à maior das dificuldades. Estes casos deveriam ser abordados pelos médicos homeopatas como curáveis somente com as maiores cautelas e reservas." (*Doenças Crônicas,* 1828; *Psora,* p. 152-3)

> "No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material *(Autocratie)* que anima o corpo material (Organismo) como *Dynamis,* mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência." (*Organon,* 6ª ed.; § 9; IHFL)

Novamente, citamos o parágrafo nove do *Organon,* no qual Hahnemann sintetiza claramente a maioria dos conceitos anteriormente abordados: "força vital imaterial, autocrática, que anima o corpo material como *Dynamis*", descrevendo a função da força vital instintiva em animar e dar vida ao corpo físico, formando com este a unidade físico-vital do organismo humano; "mantendo todas as partes do organismo em harmonia vital nas suas sensações e funções", responsabilizando a força vital pelo equilíbrio psicossomático do homem; "nosso espírito racional que nele habita", demonstrando a diferença entre força vital irracional e espírito racional, reiterando sua concepção antropológica dualista (unidade físico-vital / espírito inteligente), estando o espírito ligado ao corpo enquanto ocorra a vida; "possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência", mostrando-nos a utilização do organismo vivo pelo espírito, como um instrumento que lhe proporcionará condições para evoluir moral e espiritualmente.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Despropósito das Discussões Metafísicas e Especulativas

Despropósito das Discussões Metafísicas e Especulativas

Desde o início de seus escritos, Hahnemann critica o excesso de especulações filosóficas que não auxiliem à cura do doente. Na citação abaixo, apesar de aceitar "uma espécie de explicação que a aplicação forçada dos axiomas da antropologia à patologia nos permite", afasta-os terminantemente de sua prática clínica, dizendo que se estes são válidos no indivíduo sadio, mas não são no indivíduo doente.

> "É verdade que reunindo experiências puras e meditações imparciais aos dados fornecidos pela anatomia, pela física e pela química chegamos a formar uma grande massa de proposições verossímeis acerca das funções e dos fenômenos vitais do corpo são, porque no corpo são os fenômenos se reproduzem com bastante semelhança [...]. Mas não é menos certo e muito desanimador que as noções antropológicas ou fisiológicas começam a ser-nos inúteis precisamente no momento em que o corpo se afasta da saúde. [...] Não há dúvida que a aplicação forçada dos axiomas da antropologia à patologia nos permite dar uma espécie de explicação, porém esta é sempre uma ilusão e um erro capaz de extraviar-nos." (*Esculápio na Balança,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 107-8)

Mantendo uma postura estritamente prática, habilidade que permitiu à Homeopatia permanecer atuante até os dias de hoje, afirma "como uma proposição incontestável, que é preciso renunciar a todas as discussões ontológicas acerca da enfermidade, objeto para sempre enigmático". Frisando ser a Homeopatia um método terapêutico, com fundamentos simples e claros, diz não haver "necessidade de perder-se em discussões metafísicas e escolásticas sobre a impenetrável causa primária das enfermidades".

Apesar de suas críticas, em geral, estarem direcionadas para a medicina da sua época, vemos nas suas justificativas a assertiva da inutilidade de discussões filosóficas que se afastem do modelo curativo, incluindo a escolástica[1], filosofia que fundamenta o modelo antropológico tomista.

> "Ele continua desiludido afirmando que medo e pesar são graus menores de confiança e alegria. Se eu fosse me atrever em fazer essas alegações, eu poderia deduzir qualquer coisa de qualquer premissa, sendo muito fácil, dessa forma, ser um escolástico sofista. Não meu querido amigo! há duas escalas; no topo de uma permanece a indiferença, e abaixo dessa mesma escala vem aborrecimento, pesar, desespero. A outra escala tem a indiferença na sua parte mais baixa, e subiremos na mesma escala para confiança, alegria e êxtase." (*Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown,* 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann,* p. 350)

[1] Escolástica (Fem. substantivado do adj. escolástico, do gr. scholastikós, pelo lat. scholasticu, partidário da escolástica). Doutrinas teológico-filosóficas dominantes na Idade Média, dos séculos IX ao XVII, caracterizadas sobretudo pelo problema da relação entre a fé e a razão, problema que se resolve pela dependência do pensamento filosófico, representado pela filosofia greco-romana, da teologia cristã. Desenvolveram-se na escolástica inúmeros sistemas que se definem, do ponto de vista estritamente filosófico, pela posição adotada quanto ao problema dos universais, e dos quais se destacam os sistemas de Santo Anselmo, de São Tomás de Aquino e de Guilherme de Occam. *(Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).*

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> "Isto então soma todas as terapêuticas de Brown para doenças de, e acompanhadas por fraqueza! Aquela boa índole e juventude, assistida por um regime apropriado, (não sendo nada mais que isto) e mesmo por si só, curará doenças que tenham outras causas que não sejam a deficiência e o excesso de excitabilidade, é um fenômeno diariamente testemunhado pelo observador sem preconceitos, o qual, entretanto, deve ser explicado ou negado por Brown para suportar seu sistema escolástico." (*Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown,* 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann,* p. 350)

> "Bem! dizia eu. Visto que deve haver um meio seguro e certo de curar, assim como há um Deus, o mais sábio e melhor de todos os seres, deixarei o campo ingrato das explicações ontológicas, não ouvirei mais as opiniões arbitrárias, qualquer que seja a arte com que hajam sido reduzidas a sistemas, não me inclinarei mais ante a autoridade dos homens célebres; porém, buscarei ao redor de mim, onde deve estar, este meio em que ninguém pensou, porque era demasiado simples, porque não parecia bastante sábio, porque não estava envolvido em coroas para os mestres na arte de construir hipóteses e abstrações escolásticas." (*Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 122)

> "Então não pude deixar de olhar como uma proposição incontestável, que é preciso renunciar a todas as discussões ontológicas acerca da enfermidade, objeto para sempre enigmático; que basta ao que quer curar considerar cada enfermidade como um grupo de sintomas e de sensações, para poder extingui-la sem resistência com o auxílio de uma substância medicinal, capaz de produzir por si mesma sintomas morbosos análogos num sujeito são, [...] e que já não havia necessidade de perder-se em discussões metafísicas e escolásticas sobre a impenetrável causa primária das enfermidades, dessa mania de racionalismo, que nunca conduziu mais que a métodos quiméricos de tratamento." (*Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 124-5)

Demonstrando sua antipatia às teorias filosóficas e sofistas[2], quanto à "vitalidade do corpo organizado e à força intelectual que atua dentro dele", Hahnemann diz que "o verdadeiro sábio e o filósofo modesto olham-nas com repugnância".

> "Durante os últimos dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e de medicina, não se deu o menor passo no conhecimento *a priori* da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele. Todas as frases desprovidas de sentido, através das quais se acreditou estabelecer demonstrações, todas as sutilezas dos sofistas sobre este objeto, cujo conhecimento nos é inacessível, não vieram demonstrar nada; o verdadeiro sábio e o filósofo modesto olham-nas com repugnância. Nem se poderia conceber um meio que fosse suscetível de conduzir-nos a este conhecimento. Não, jamais, jamais chegarão os mortais à intuição do que se oculta no santuário das ideias do Deus criador, infinitamente superior à nossa limitada inteligência." (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 135)

[2] Sofista (Do gr. sophistés, sábio, pelo lat. sophista). Cada um dos filósofos gregos contemporâneos de Sócrates que chamavam a si a profissão de ensinar a sabedoria e a habilidade, e entre os quais se destacam Protágoras (480-410 a.C.), que afirmava ser o homem a medida de todas as coisas, e Górgias (485-380 a.C.), que atribuía grande importância à linguagem. Os sofistas desenvolveram especialmente a retórica, a eloqüência e a gramática. *(Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).*

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Reiterando sua mentalidade experimental e funcional, Hahnemann critica os filósofos sofistas com suas elucubrações teóricas sobre a organização sutil do ser humano e enaltece Sócrates pela sua abordagem prática da "psicologia experimental", que se utilizava da observação das faltas dos homens para conduzi-los ao caminho da virtude: "jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma". Apesar de ser um filósofo nato, Hahnemann abominava qualquer modelo metafísico que procurasse explicar a natureza íntima das doenças.

> "Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitava conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. [...] Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. [...] Sem dúvida, se as especulações e os sistemas metafísicos sobre a essência íntima das enfermidades, supondo que tivessem algum fundamento, fossem úteis para o homem que quer curar as enfermidades, [...] não seria de presumir que os fabricantes de sistemas e seus adeptos fossem melhores médicos que os demais, posto que possuíam o que eles chamavam a verdadeira, a mais sólida base da medicina?" (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 139-40)

Assim como Sócrates não procurava conhecer a "natureza metafísica de tal ou qual vício da alma", Hahnemann não se interessava por especular "sobre a natureza metafísica do terror, do medo, da aversão, da cólera, do pesar, etc.", pois em nada auxiliaria na busca do medicamento correto que cure suas consequências. Evitando qualquer especulação metafísica acerca da teoria miasmática, a qual ancorou em patologias físicas conhecidas, diz que "os miasmas mórbidos nos são tão desconhecidos em sua essência íntima, como os mesmos males que deles dependem; ainda quando Deus nos revelasse as mudanças invisíveis que um miasma crônico determina no interior das partes mais sutis de nosso corpo, ainda quando nosso espírito fosse capaz de receber uma instrução tão transcendental, este conhecimento intuitivo não nos conduziria, todavia, ao remédio específico, o único que nunca deixa de produzir seu efeito".

> "O terror, o medo, a aversão, a cólera, o pesar, um resfriamento, etc., são impressões que não podemos submeter a uma análise física. Ignoramos como e até que ponto estas impressões modificam o corpo humano, e quais são precisamente as enfermidades que ocasionam. Nossa ignorância neste ponto é tal que não damos um passo a mais no tratamento, quando nos indicaram o nome da causa presumida, quando nos dizem que eram o terror, o medo, o pesar ou a cólera. As especulações, mesmo a mais abstrata sobre a natureza metafísica do terror, não fornecem ao prático o menor indício que lhe ilustre acerca da marcha que deve seguir para curar suas consequências, jamais pronunciam o nome do remédio específico dos acidentes agudos do terror, que é o ópio. É fácil dizer que a sarna depende do vício psórico, a sífilis do vício venéreo, a varíola do vício variólico, a febre quartã do ar dos pântanos. Mas ao articular estes nomes, não estamos mais adiantados relativamente ao conhecimento e ao verdadeiro tratamento destas enfermidades. Os miasmas mórbidos nos são tão desconhecidos em sua essência íntima, como os mesmos

> males que deles dependem. [...] Ainda quando Deus nos revelasse as mudanças invisíveis que um miasma crônico determina no interior das partes mais sutis de nosso corpo, aonde não pode penetrar o olho do anatômico; ainda quando nosso espírito, que não tem receptividade mais que para as impressões vindas pelos sentidos, fosse capaz de receber uma instrução tão transcendental, este conhecimento intuitivo não nos conduziria todavia ao remédio específico, o único que nunca deixa de produzir seu efeito." (*Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades*, 1809; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 166-7)

O fenômeno da vida "só pode ser conhecido empiricamente a partir de seus fenômenos e manifestações", assim como na Medicina, profissão que trata da "vida humana, nada a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado", ou seja, apenas os sinais e sintomas do paciente interessam para, ao defrontá-los com a *Matéria Médica Homeopática*, escolhermos o medicamento correto em cada caso.

> "O que é a vida só pode ser conhecido empiricamente a partir de seus fenômenos e manifestações, mas nenhuma concepção a respeito dela pode ser formada através de qualquer especulação metafísica *a priori;* o que a vida é, em sua natureza essencial, não pode ser averiguado ou mesmo suposto pelos mortais." (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, p. 65)

> "Bem, em uma profissão de tal importância para a vida humana como é a medicina, nada a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado, e deve guiar nossos passos (escolher conjeturas e hipóteses indemonstráveis como nosso guia, poderia ser uma tolice perigosa e de mais a mais um crime e traição contra a humanidade)". (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, p. 66)

Critica o uso exclusivo da razão para estabelecermos modelos e explicações "sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito", dizendo que "toda e qualquer de suas conclusões deve sempre basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade". Não aceitando os devaneios da imaginação, acrescenta que, "se na sua operação, desviar-se, um único passo, da orientação do perceptível, ela perder-se-á na região ilimitada da fantasia e da especulação arbitrária - mãe de ilusões perniciosas e absoluta nulidade".

Afirma que a "razão meramente especulativa não pode ser ouvida" numa ciência experimental como a Medicina, pois certamente degenerará em "fantasias e especulações vazias produzindo somente hipóteses arriscadas". Exemplifica na medicina teórica de sua época, "em que concepções, *a priori*, e sutilezas especulativas criaram uma porção de escolas orgulhosas, que apenas mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são inúteis no tratamento das doenças". É enfático ao criticar a "fusão em moldes escolásticos" destas doutrinas e suas deduções falsas e ilógicas.

> "[...] Em se fazendo deduções de premissas similares falsas, eu deveria dizer, com igual justiça, que uma dieta vegetal líquida e sopas animais fortes são uma e a mesma coisa, pois as duas diferentes dietas (no primeiro efeito no corpo) causam saciedade. Os mesmos efeitos têm a mesma causa, portanto o nutrimento vegetal líquido e o caldo de carne são uma e a mesma coisa. Então esta falsa dedução escolástica é feita." (*Observações*

Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown, 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann,* p. 350)

"[...] E quão fácil é perseguir, maldizer e manipular o que tem até agora sido fundamentado em máximas incertas, nas quais pela força da autoridade utilizaram terminologia vazia, sofistismo, escolasticismo, dogmas estereotipados, e experiências imaginárias, preto fazendo-se parecer branco, de uma forma que todos ficassem contentes, especialmente onde o julgamento era pervertido pela depravação do coração, do egoísmo e pela falta de liberalidade." (*A Visão da Liberalidade Profissional no começo do Século XIX,* 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann,* p. 362)

"A razão, sem ajuda, nada pode saber por si *(a priori);* não pode, por si só, estabelecer conceito sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito; *toda e qualquer* de suas conclusões deve *sempre* basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade. Se, na sua operação, desviar-se *um único passo,* da orientação do perceptível, ela perder-se-á na região ilimitada da fantasia e da especulação arbitrária - mãe de ilusões perniciosas e absoluta nulidade. Nas ciências *puramente experimentais,* na física, química e medicina, a razão meramente especulativa não pode, por conseguinte, ser ouvida. Lá *onde aja por si,* degenera em fantasias e especulações vazias e produz somente hipóteses arriscadas que, milhares de vezes, são e por sua própria natureza devem ser ilusões e falsidades. Tal tem sido até aqui a esplêndida prestidigitação da chamada medicina teórica, em que concepções *a priori* e sutilezas especulativas criaram uma porção de escolas orgulhosas, que apenas mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são inúteis no tratamento das doenças. [...] Todas essas doutrinas artificiais, depois de ligadas entre si por toda a sorte de deduções falsas e ilógicas, eram então fundidas em moldes escolásticos pela nobre arte que se devota à divisão, subdivisão e tabelamento, e... pronto! O artigo fabricado, a arte médica, está pronto para uso - a coisa mais oposta à natureza e à experiência que é possível conceber, uma estrutura edificada inteiramente com as opiniões de espécies várias, de milhares de mentalidades, diferentemente constituídas." (*Organon, Prefácio à Segunda Edição,* 1818)

"Julgo não ser a pequena extensão de nossos conhecimentos, mas unicamente o mau emprego que deles fazemos a causa que impede ao médico de atingir a certeza e a simplicidade." (*Os obstáculos à certeza e à simplicidade da medicina prática serão inatingíveis?; Iniciação Homeopáthica,* p. 51)

Observamos, nas citações abaixo, o cuidado que deveríamos ter ao ditar "conclusões especulativas" da intimidade humana, pela incapacidade "de alcançar com nossos sentidos o processo de vida interior do homem, nem de atingir um conhecimento essencial a tal respeito".

"Não se trata, porém, do engendramento de sistemas de idéias vazias e hipóteses acerca do âmago do processo vital e sobre as origens da doença no interior invisível do organismo (com que tantos médicos até hoje vêm esbanjando ambiciosamente forças e tempo) ou das inúmeras tentativas de explicar os sintomas nas doenças e suas causas imediatas, que sempre permanecem ocultas, tentativas estas envoltas em palavras incompreensíveis e estilo rebuscado de expressões abstratas que pretendem soar eruditas a fim de impressionar os ignorantes, enquanto o mundo doente clama inutilmente por auxílio. Estamos fartos deste tipo de extravagância erudita (que tem o nome de **arte medicamentosa teórica** e até cátedras específicas); é hora de todo aquele que se intitula médico deixar, finalmente, de

uma vez por todas, de iludir os pobres indivíduos com palavrórios, **começando,** então, em contrapartida, a **agir,** isto é, a auxiliar e curar realmente." (*Organon,* 6ª ed., nota do § 1; IHFL)

"Como a força vital leva o organismo a desenvolver manifestações mórbidas, isto é, como ela cria doença? O artista da cura não pode tirar proveito algum deste **como** e **porquê,** permanecendo a mesma eternamente oculta a ele; o que lhe era necessário e completamente suficiente para o objetivo da cura, o Senhor da vida colocou diante de seus sentidos." (*Organon,* 6ª ed., nota do § 12; IHFL)

"Só assim Deus, o sustentáculo da humanidade, pode revelar sua sabedoria e bondade na cura das doenças às quais ela está sujeita, mostrando ao artista da cura o que ele teria que remover, para, assim, restabelecer a saúde. Mas o que deveríamos pensar de sua sabedoria e bondade, se ele tivesse envolvido e encerrado no âmago, em mística obscuridade aquilo que deve ser curado nas doenças (como pretendia a escola medicamentosa dominante, afetando possuir visão divinatória da essência íntima das coisas) e, assim, tivesse tornado impossível ao Homem o claro conhecimento do mal, e, consequentemente, a sua cura?" (*Organon,* 6ª ed., 2ª nota do § 17; IHFL)

"Não temos meios de alcançar com nossos sentidos o processo de vida interior do homem, nem de atingir um conhecimento essencial a tal respeito, e só algumas poucas vezes nos é concedido conclusões especulativas a partir do que está ocorrendo, relativas à maneira pela qual o processo pode ter ocorrido ou acontecido [...]." (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume,* 1838)

Após esses relatos, acreditamos estar evidente o fato de que Hahnemann abolia qualquer tendência metafísica e especulativa no modelo homeopático, pois apenas a comprovação experimental e prática poderiam dar o substrato necessário para a divulgação da Homeopatia em sua época, assim como mantê-la até os dias atuais.

Apoiado nesta postura, Hahnemann tece suas críticas à complexidade da filosofia de Kant, dizendo que "a totalidade de sua filosofia deveria ter sido facilmente compreensível pelo menos por todas as pessoas instruídas". Valoriza a compreensão e a clareza nos pensamentos filosóficos, postura simplista que sua genialidade e erudição não ousou esconder.

"Admiro muito Kant, principalmente, porque ele delineia os limites da filosofia onde terminam todas as formas de conhecimento humano, onde se findam as experiências. Se o restante do que ele pensou e escreveu tivesse apenas se desdobrado um pouco mais nitidamente diante de sua visão interior, acho que ele não teria envolvido a si mesmo numa nuvem de sentenças tão obscuras. A totalidade de sua filosofia, a meu ver, deveria ter sido facilmente compreensível pelo menos por todas as pessoas instruídas, e ter sido tão compreensível que dela nenhuma incompreensão pudesse surgir. Contudo, apenas minha humilde pessoa é quem pensa desta forma, e talvez eu esteja enganado. É por este motivo que só valorizo Platão quando ele é bastante compreensível e fala com clareza. Se os assim chamados filósofos que seguiram Kant não houvessem escrito ainda mais misticamente e permitido à sua imaginação tantas piruetas, se, em uma palavra, tivessem mantido, como era desejo de Kant, a si mesmos dentro dos limites da experiência, minha luta atual com a reforma da ciência médica teria sido muito mais fácil..." (*Carta para o Sr. von Villers,*

Torgau, 30/01/1811; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 188)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Concepção Filosófica de Hahnemann

Visão Espiritualista

Hahnemann e Confúcio

Filosofia Natural

Hahnemann e Reimarus

Visão Espiritualista

Se, por um lado, Hahnemann critica o excesso de especulações metafísicas para tentar explicar as causas das enfermidades, por outro, assume uma postura teísta, com valores morais distintos e conceitos espiritualistas. Demonstra acreditar numa continuidade existencial após a morte do corpo físico, através do 'espírito imortal que nele habita', consequente à brevidade da vida terrena atual, que funciona como uma "escola de aperfeiçoamento para a Eternidade".

> "[...] fie-se em minhas instruções e quando chegado sua hora de deixar esta existência terrestre, venha encontrar-se comigo, pois estarei aguardando por você. [...] Prometi-lhe tudo que desejava; depois ele acrescentou: *Deus a recompensará,* e cinco minutos antes de partir, disse-me cheio de ternura: *Você será minha na eternidade.* Estas foram suas últimas palavras." (*Anotações Confidenciais da Senhora Hahnemann; Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XVIII, suplemento 156)

> "Por minha parte, sempre olhei como um dos fatos dos mais importantes da minha vida os partos da minha esposa e o aumento da minha família. Um ser que eu contribuí para formar em um esforço comum com aquela que me é estreitamente ligada, um novo homem nascido de nosso sangue, vem ao mundo aumentar as alegrias e os sofrimentos salutares de seu pai e de sua mãe, a quem devem dirigir na vida e prepará-lo para uma existência superior na eternidade. Repito, o nascimento de meus filhos tem sempre influído profundamente sobre minha vida interior e eu considero cada aumento de minha família como uma prova que o grande Príncipe do bem, o Pai dos espíritos, impôs-me para purificar minha consciência." (*Iniciação Homeopáthica,* p. 47; *Carta a Stapf,* 17/12/1816)

> "[...] Em breve irei abraçá-lo (Confúcio) no reino dos espíritos felizes; este benfeitor dos homens que nos mostrou o caminho certo para a sabedoria e para Deus, seis séculos e meio antes do arquivisionário (Cristo-RH)." (*Carta a Stapf, Köthen,* 1826; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 189)

> "[...] essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjugados os motivos de nossa natureza animal, de modo que o final de nossa existência aqui embaixo possa ser proveitosamente realizado, e para tanto a deidade dotou-nos de força suficiente..." (*Carta a Stapf, Köthen,* 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 189)

> "[...] esse monstruoso transtorno da personalidade humana que se chama sonambulismo e clarividência, no qual o Homem, subtraído do mundo dos sentidos, parece pertencer mais ao mundo dos espíritos [...]." (*Organon,* 6ª ed.; § 289; IHFL)

> "[...] esse espírito, imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecível coberta os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza." (*A Medicina da Experiência,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 44)

> "Durante os dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o menor passo no conhecimento, *a priori,* da vitalidade do corpo organizado, nem da

força intelectual que atua dentro dele." (*Valor dos Sistemas em Medicina,* 1808; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 135)

"1. Antes de mais nada, recomendo minha alma imortal à graça e à mercê de Deus, na inabalável crença de que este Guia maior e mais poderoso de meu destino irá permitir-me participar de Sua glória celestial." (*Testamento de Hahnemann; Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XVIII, suplemento 162)

"[...] *O molde material está esgotado,* foi a expressão que usou. Parece que seu sofrimento foi pequeno e apenas poucos dias antes de falecer (provavelmente somente uns dias), sobreveio uma dispnéia em paroxismos que piorou até a derradeira, de treze horas de duração, e que terminou em sufocação." (*"Sobre a Morte de Hahnemann", Dr. Hull, Homeopathic Examiner,* vol. III, p. 257; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XIX, suplemento 178)

"Tentem tornar-se tão felizes quanto possível nesta curta vida terrestre (escola de aperfeiçoamento para a Eternidade) e se vocês tentarem ardorosamente não encontrarão dificuldade para assim proceder." (*Carta às Suas Filhas; Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XIX, suplemento 178)

Hahnemann e Confúcio

Assim como segue o exemplo de Sócrates na "psicologia experimental" (primando pela simplicidade e clareza de conceitos), Hahnemann enaltece os ensinamentos de Confúcio, "este benfeitor dos homens que nos mostrou o caminho certo para a sabedoria e para Deus", comparando-o ao "arquivisionário" Jesus Cristo. Criticando, mais uma vez, os excessos filosóficos e religiosos, diz que Confúcio "transmite ao leitor uma sabedoria divina sem milagres, fábulas ou superstições".

> "A tradução para o alemão dos trabalhos em chinês de Confúcio, realizada por Scott, é de nível muito desejável... Transmite ao leitor uma sabedoria divina sem milagres, fábulas ou superstições. É um importante sinal dos tempos: que agora Confúcio possa ser lido em nosso país. Em breve irei abraçá-lo no reino dos espíritos felizes; este benfeitor dos homens que nos mostrou o caminho certo para a sabedoria e para Deus, seis séculos e meio antes do arquivisionário (Cristo-RH)." (*Carta a Stapf, Köthen,* 1826; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Para melhor entendermos o pensamento filosófico de Hahnemann, traremos concepções básicas deste educador chinês (500 a.C.) retratadas em seus *Diálogos.* Aqui veremos os mesmos preceitos de moral e caráter ensinados por Hahnemann para a manutenção da saúde psicossomática, como normas de conduta para a formação do bom político e governante.

No meio do caos governante da China Antiga, Confúcio coloca suas preocupações com o reequilíbrio político, falando sobre "a perda do Caminho *(dao)*", ou seja, o "Caminho dos Sábios Reis da Antiguidade". Assume a missão celeste de "despertar o mundo como um gongo" e de fazê-lo reencontrar o Caminho perdido.

Com caráter agnóstico, seu pensamento assume uma "ética essencialmente fundada sobre a afirmação dos valores humanos e das exigências morais, centrado num ideal prático". Dentro deste conceito de "homem de bem *(jun-zi)*" a significação essencialmente moral assume lugar central na formação do político ideal.

O "homem de bem" deve contribuir para a realização do Bem Soberano, que é o *"ren",* termo central da ética de Confúcio. O "*ren* não designa, pois, um Bem abstrato, absoluto, mas o bem que um homem pode fazer a outro".

> "O parágrafo XV, 23, nos dá uma abordagem negativa, sob o nome de *mansuetude: O que não quiseres que te façam, não o inflijais aos outros.* A mesma idéia é retomada de forma mais positiva em VI, 28: *Praticar o* ren *é começar por si mesmo [...]. Busca em ti a ideia daquilo que podes fazer pelos outros - eis o que te porá no caminho do* ren! Tal é, em suma, o sentido da resposta de Confúcio a Fan Chi, que lhe pergunta o que é o *ren: É amar aos homens* (XII, 22)." (*Diálogos de Confúcio,* p. 22-3)

Entram na composição do "*ren* do homem de bem" algumas virtudes como: "a piedade filial *(xiao);* a lealdade *(zhong)* e a fidelidade *(xin)*" compondo a honestidade; "o discernimento *(zhi)* e a coragem *(yong)*", que conferem a responsabilidade.

Atribuindo à educação, assim como fazia Sócrates, o fator de melhoramento constante, comparava a figura do soberano ao grande Educador, sendo necessário "governar por retidão *(zheng)*": "Um soberano não pode governar se não for ele mesmo reto, digno de ser exemplo e norma para seus súditos".

> "Longe de preconizar uma adesão cega, dogmática, a uma forma qualquer de etiqueta ou de regras arbitrárias, confere toda a sua importância à experiência e ao julgamento de cada um. O *vi* é este sentimento do Justo, essa capacidade de julgar por si mesmo sobre o que é justo e prudente fazer em tais ou tais circunstâncias. *Nos negócios do mundo, o homem de bem não tem uma atitude rígida de recusa ou aceitação. O Justo é a sua regra.*" (*Diálogos de Confúcio,* p. 28)

Sem se fixar a qualquer religião ou filosofia, a conduta moral e ética confuciana é o guia para se atingir os atributos do "homem de bem" que, ao ser exemplificada na prática diária, torna o ser humano cumpridor fiel da missão a que se propôs. Seus ensinamentos estão isentos de especulações ou complicações metafísicas, mostrando claramente o ideal a ser atingido, absorvível por todos os discípulos, independente da crença ou do nível cultural.

Filosofia Natural

Hahnemann demonstra admiração pela *filosofia natural*, através da observação dos fenômenos e manifestações da Natureza, "infalível revelação da sabedoria, do poder e da bondade de Deus", na qual teremos os fundamentos básicos da "verdadeira religião", conceitos estes defendidos por pensadores de todos os tempos.

> "O livro sobre Entomologia que você me enviou é muito bom e acho que seria difícil obter informações melhores (se bem que isso seja um pouco obscuro) a respeito dos movimentos contínuos da aranha; trata-se de uma espécie de vôo, num plano horizontal, para frente e para trás e perpendicularmente para cima. Se este ramo da História Natural (entomologia) não fosse uma infalível revelação da sabedoria, do poder e da bondade de Deus, em síntese, se não revelasse tudo o que é necessário para instar os homens de bem a realizarem com alegria sua Vontade, tal como se manifeste em sua consciência... se não pudéssemos apreender a verdadeira religião nem com isso, então eu teria sido espiritualmente cego. [...] Oh! meu Deus. A verdade e a isenção de preconceitos são tão raras e têm que se ocultar tanto diante dos ocupados bandos de mundanos insensatos, que desejam condescender com suas paixões animais até o último alento de vida e também anseiam por adquirir furtivamente a felicidade eterna, por um caminho errado!" (*Carta a Stapf, Köthen*, 19/07/1827; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

> "[...] Não há possibilidade de existir alguma coisa *in rerum naturam* que possa abençoar o imoral. Isto é uma contradição em si e encanta o sedutor que ilude o imoral com a exibição da segura perspectiva futura de consecução da liberdade perfeita; deste modo, eles só aumentam o número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade. A Deidade de pura bondade que anima o universo infinito também habita em nós e, em nome de nossos mais elevados e inestimáveis dotes, nos dá uma razão e uma centelha de santidade em nossa consciência - gerada pela plenitude de sua própria moralidade - e que só precisamos cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes; essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjugados os motivos de nossa natureza animal, de modo que o final de nossa existência aqui embaixo possa ser proveitosamente realizado, e para tanto a deidade dotou-nos de força suficiente..." (*Carta a Stapf, Köthen*, 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

A título de ilustração do que viria a ser esta "filosofia da natureza" (de natureza experimental e contrária à filosofia especulativa), alicerce da postura científico-filosófica hahnemanniana, que encontrou adeptos em todas as épocas da Humanidade, citaremos as idéias de Goethe, contemporâneo e admirador de Hahnemann, que utilizou este pensamento filosófico em suas pesquisas científicas.

> "Duas espécies de filosofia existem: a doutrinária e a não-doutrinária. A doutrinária não parte da investigação da natureza, mas lança mão de concepções que ela mesma arquitetou para explicá-la e assim procura efetivamente fazê-lo. É especulativa e manipula sistemas. A não-doutrinária parte da investigação da natureza, integra-se nela, esforçando-se para explicá-la através da observação e da experiência, distendendo-se cada vez mais. É a filosofia natural. Essas duas correntes de pensamento correm paralelas na história das

> idéias. Platão e Aristóteles encarnam na Antiguidade a filosofia como sistema. Nos tempos modernos ela atinge o seu ápice no começo do século XIX com Fichte, Schelling, Hegel e Schopenhauer, contemporâneos de Goethe. A filosofia natural nasceu na Jônia, mundo grego da Ásia Menor. Surge com Tales, Anaximandro, Heráclito, Empédocles, que se empenham em explicar o aparecimento da vida na matéria e sua evolução. Tempos depois surgem o epicurismo e o estoicismo, que timbram em se apegar à natureza, sendo, assim, pelas características que oferecem, filosofia natural. No Renascimento, em que uma nova preocupação com as coisas da natureza se manifesta, repontam tentativas de uma renovação da filosofia natural, cuja figura máxima é Giordano Bruno. Contudo, o Renascimento não consegue impor, nos tempos subsequentes, o predomínio de uma filosofia natural. Spinoza renova a filosofia natural estóica. Goethe, moço, recebe o influxo de Giordano Bruno e de Spinoza. Torna-se naturalista e, como pensador, encarna a filosofia natural científica, justamente no período em que os grandes sistemas filosóficos de Fichte, Schelling e Hegel pretendem ser a expressão última, definitiva e perfeita em matéria de concepção do mundo e visão da vida. Goethe conhece as obras da filosofia, sua contemporânea, como aliás é muito lido na filosofia em geral. Toma por obrigação estudar Kant, senta-se aos pés de Schiller, intérprete do filósofo, e deixa-se catequizar." (*Goethe - Quatro Discursos,* p. 125-6)

> "Afinal, ele mesmo se convence de que nem a Teoria do Conhecimento de Kant, nem os sistemas filosóficos de Fichte, de Schelling ou de Hegel podem realmente oferecer-lhe algo. O pensamento deles pertence a outro mundo que não o seu, porque procura aproximar-se da natureza, ao passo que o seu tem nela o seu ponto de partida. [...] *Já se gastou tempo bastante com a crítica da razão; preferia uma crítica do entendimento humano. Seria uma verdadeira benção para o gênero humano se pudéssemos penetrar até o íntimo do senso comum e aí verificarmos a sua capacidade de compreensão, ou seja, nada mais nada menos do que ele precisa para viver perfeitamente bem a vida terrena.* O empreendimento de Goethe firma-se, portanto, na filosofia do entendimento humano, no que ele possa oferecer de mais acertado e saudável." (*Goethe - Quatro Discursos,* p. 127)

> "Direção segura para a vida, segundo o seu modo de ver, só é possível partindo do conhecimento nascido da observação da natureza. Prendermo-nos à realidade para daí alcançarmos a espiritualidade: eis a salvação que nos propõe para o caso. O conhecimento principal que cada um recolhe da observação da natureza é o fato de que o natural e o espiritual sempre se apresentam simultaneamente. O espiritual age sobre o natural como força plasmadora, ordenadora e consumadora. Conduz para fora do caos e do primitivismo. Manifesta-se através da superior evolução das formações naturais. Olhando com os olhos do espírito para dentro da natureza, como se mostra dentro de nós próprios, temos de reconhecer sem demora que em nós coexistem o natural e o espiritual, que pertencemos ao reino das coisas naturais, mas forçoso é nos entregarmos à direção das forças espirituais. A filosofia de Goethe consiste, pois, na observação dos fenômenos materiais e espirituais da natureza, como se manifestam dentro e fora de nós e das consequências que decorrem dos mesmos. O espiritual é o elemento luminoso que reluta com as trevas da densidade da matéria. Nesse embate desenrolam-se os acontecimentos do mundo e neles decorre a nossa vida." (*Goethe - Quatro Discursos,* p. 128)

O *método goethiano* de observação da Natureza baseava-se na experiência pura, não permitindo em nenhuma situação que algo subjetivo atrapalhasse a sua pesquisa, restando somente ao observador arrumar o objeto de uma forma específica para que este revele o seu conteúdo, pois a verdade é inerente ao fato observado, bastando retirar o envoltório que a

esconde para que ela surja: "O verdadeiro é parecido com Deus; não aparece imediatamente - temos de adivinhá-lo por meio de suas manifestações".

> "[...] Goethe procura descobrir em cada coisa um lado pelo qual esta se nos torne sagrada. [...] Esse lado do seu caráter está indissoluvelmente ligado a outro. Ele nunca procura aproximar-se diretamente desse elemento superior; aborda-o sempre através da natureza. *O verdadeiro é similar ao divino; não aparece diretamente - temos de adivinhá-lo por meio de suas manifestações.* Além de crer na ideia, Goethe tem ainda a crença de que a desvendamos pela observação da realidade; não lhe vem a ideia de buscar o divino em outro lugar senão nas obras da natureza, mas nestas procura sempre descobrir o caráter divino. Se Goethe, ainda menino, ergue um altar ao grande Deus *que está diretamente ligado com a natureza,* tal culto já procede nitidamente da convicção de podermos chegar ao que de mais sublime está ao nosso alcance, cultivando fielmente as relações com a natureza." (*A Obra Científica de Goethe,* p. 123-4)

> "Goethe vê a origem da moral no mundo das ideias que o homem possui. Não são normas objetivas nem o mero conjunto dos instintos que regem os atos morais, mas as ideias, claras em si, pelas quais o homem imprime um rumo a si próprio. Não as obedece por dever, como deveria fazer com relação a normas éticas objetivas; nem por coerção, como faria sob o domínio dos instintos e paixões. Serve-as por amor. Ama-as como se ama um filho. Deseja a sua realização e empenha-se por elas, porque fazem parte do seu próprio ser. A *ideia* é o critério, e o *amor* a força ativa da ética goetheana. Para ele há dever *quando amamos aquilo que ordenamos a nós mesmos.* Um agir no sentido da ética goetheana é *livre,* pois o homem não depende de nada senão de suas próprias idéias. Só fica responsável por si mesmo." (*A Obra Científica de Goethe,* p. 191)

Introduzindo-nos no pensamento de Lessing, que iremos abordar no próximo tópico, vejamos como seu conceito de "religião natural" condiz com o pensamento de Hahnemann.

> "Reconhecer um só Deus, procurar formar sobre ele os mais dignos conceitos, tomá-los em consideração em todas as nossas ações e pensamentos: aí está a soma completa de toda religião natural. Todos os homens estão inclinados e obrigados, na medida de suas forças, a dita religião natural." (*Escritos Filosoficos y Teologicos,* p. 171)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Hahnemann e Reimarus

Dando particular importância aos *Fragmentos* de Reimarus, Hahnemann atribui a este material importante papel no despertar das consciências humanas, afastando os homens da "satisfação de suas paixões animais" e aproximando-os da "Aprovação Superior".

> "[...] Agora, no tocante ao livro de Wild. É um fragmento inteiramente desconhecido pelo excelente Reimarus. Nada sabemos a seu respeito, exceto que a porção do meio refere-se à passagem de Moisés pelo Mar Vermelho. O Antigo Testamento é aí devidamente apreciado... [...] Não deixe de procurar para mim, se puder, nas obras de Wild, todos os fragmentos, independente de quanto custarem..." (*Carta a Stapf, Köthen,* 19/07/1827; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 189)

> "Estou constrangido por você estar tendo tanto trabalho para conseguir os fragmentos. Precisamente isso que é mantido à distância da visão da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos, e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada há que possa eximi-los do inferno de sua consciência, quando diante da onipresença de seu Supremo Benfeitor; aí esquecem-se do propósito de seu ser e preferem a satisfação de suas paixões animais à Aprovação Superior." (*Carta a Stapf, Köthen,* 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 189)

> "Grande são os inomináveis trabalhos do Senhor da Criação, incomensurável Sua sabedoria, Seu poder, Sua bondade. Espero que você tenha a grande sorte de encontrar no leilão de Mohrenzoll os "Fragmentos" de Reimarus, homem que não se sujeitou a ser subornado pela superstição..." (*Carta a Stapf, Köthen,* 24/03/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work,* vol. II, cap. XX, suplemento 189)

O que seriam estes *Fragmentos* de Reimarus, que Hahnemann tanto cita e anseia em conseguir a qualquer preço? Provavelmente, tratar-se-á de um material que em muito nos auxiliará a entender a concepção filosófica do Mestre de Meissen. Em vista disso, de uma forma sucinta, traremos os conceitos contidos neste trabalho e o que eles representavam para o pensamento religioso da época.

Hermann Samuel Reimarus (1674-1768) estudou teologia, filosofia e filologia em Jena e Wittenberg, viajando pela Inglaterra e Holanda, analisando os problemas e controvérsias do cristianismo e da filosofia desde Toland, Sherlock, Warburton, Espinosa, Grotius, Bayle, etc., acabou por considerar que "ao cartesianismo teria que tirar o jugo e explicitar-lhe a intenção de fundamentar o conhecimento em todas as áreas da vida, da vida prática".

Publicou sua *Doutrina da Razão,* ou seja, "instrução para usar corretamente a razão e o conhecimento da Verdade, apoiando-se nos princípios e regras naturais da identidade e da contradição": "Baseando-se nos princípios de identidade e contradição, e mediante análises dos conceitos, tenta fundamentar a existência de atributos divinos, a providência, a imortalidade da alma, etc., porém concluindo o livro com a clara proposta de levar a sério a dúvida razoável: por que criaram a revelação?", e finalizando este trabalho na obra *A*

Apologia, conforme nos relata Agustin Andreu Rodrigo em *Escritos Filosóficos y Teológicos,* de Gotthold Ephraim Lessing, que, além de amigo pessoal foi o grande editor, comentarista e "salvador" da obra de Reimarus.

Lessing publicou *Os Fragmentos* como se fora obra de um *anônimo*, por desejo dos familiares de Reimarus, pois o material fazia sérias críticas aos dogmas das Igrejas. Fundamentado na opinião de Reimarus ("o povo crê tão fortemente que se deixará matar por sua fé, e matará aos que não creiam o que ele crê"), Lessing se propôs à reinterpretação dos dogmas da religião cristã, dos dogmas do pecado original e da satisfação.

Contra os resquícios da inquisição clerical, que dificultava a divulgação de *Os Fragmentos*, Hahnemann diz:

> "Precisamente isso que é mantido à distância da visão da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos, e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada há que possa eximi-los do inferno de sua consciência, quando diante da onipresença de seu Supremo Benfeitor [...]." (*Carta a Stapf, Köthen*, 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Em *Escritos Filosoficos y Teologicos* de Lessing, *Os Fragmentos* de Reimarus, publicados como um *anônimo* por Lessing, são comentados por Augustin Andreu Rodrigo, professor de Teologia Sistemática, Antropologia e Ética, que iremos retratar resumidamente, atendo-nos aos tópicos que possam auxiliar no esclarecimento do pensamento filosófico de Hahnemann.

Primeiro fragmento: *sobre o descrédito da razão nos púlpitos.*

> "Tratava o primeiro fragmento do anônimo sobre a relação entre a razão e a revelação. Uma relação que os *púlpitos* estão tratando mal, comenta Lessing. Pois que, enquanto os teólogos *ortodoxistas* caluniam a razão declarando-a corrompida pelo pecado original e exigindo portanto seu completo submetimento, os outros teólogos, os *progressistas* (chamados então neólogos) pretendem identificar maravilhosamente a razão com a revelação, convertendo esta numa mera ratificação dos comentários daquela, de sorte que a revelação, propriamente, não revelaria nada. A tese de Lessing é que não faz falta recorrer ao pecado original e ao homem carnal de São Paulo, etc., etc., para provar que a razão está corrompida e debilitada; a razão é débil por outros conceitos, e uma certa escravidão da razão sob a obediência da fé se deduz do próprio conceito de revelação. A revelação é um avanço de uma luz maior. Uma vez a razão haja se assegurado da realidade da revelação, deve entregar-se a compreender essa luz maior - tarefa que pode ser milenária. Uma certa escravidão não significa que é uma escravidão ao meio; significa que a razão há de se assegurar previamente da realidade da revelação. Assegurada, a escravidão há de ser verdadeira luta *por compreender o novo motivo de ação prática* que da luz maior aparece. No entanto, a revelação *se prova* com um tipo de provas distinto do da estrita demonstração racional, baseada na necessária conexão de causa e efeito. Pois a revelação é histórica, empírica, questão de fato." (*Escritos Filosoficos y Teologicos,* p. 436-7)

Comentando o *lamentável pecado original*, citado por Reimarus, Lessing esclarece um ponto de fundamental importância à Homeopatia, em vista do tema ancorar determinada

corrente filosófica que se baseia no modelo escolástico, tantas vezes criticado por Hahnemann.

> "Porém, ao parecer da exegese de Gênesis 3 (relato mosaico do pecado original) como lugar onde se assinala a causa da corrupção da razão e de sua consequente incapacidade, Lessing adianta uma reinterpretação do dogma do pecado original, mostrando praticamente como a razão há de aprender na revelação e como não é indiferente relacionar com o mistério uma ideia ou outra. - O recurso ao pecado original para explicar que o homem nasça pecador e culpável, era comum às igrejas católica, luterana e reformada: as três o consideram uma doutrina bíblica, especialmente do Novo Testamento. A Teologia leu dita doutrina em Gênesis 3, a partir de Santo Agostinho, e a relacionou com outros textos do Novo Testamento. Além de pecador, o homem é agora concebido diminuído de faculdades. Essa diminuição, pelo que corresponda à razão, a viam uns (geralmente os luteranos e calvinistas, e depois os jansenistas e Port-Royal) como uma corrupção integral, ou praticamente integral, da mesma; outros (católicos e jesuítas) como uma mera privação de certas ajudas de que, com anterioridade ao pecado, gozara (dons preternaturais). - Lessing intercala e *adianta* aqui uma interpretação da queda originária, na qual *já não utiliza propriamente o conceito de culpa: Todos pecamos em Adão (cf. Reimarus) porque tínhamos todos que pecar*... Conforme em Educação, n. 74, Lessing diz: ...no primeiro e ínfimo *dos degraus de sua humanidade, [o homem] não é absoluto senhor de seus atos a tal ponto que possa seguir preceitos morais*... E aí vê Lessing a necessidade do Filho, ou seja, da pluralidade própria do divino. Com o pecado original, pois, Lessing não vai explicar a perda de nada ou a corrupção posterior de um bem preexistente; aqui se limita a dizer isto; depois dirá mais: esse relato de Gênesis 3, fala - diz - dos intentos do homem para passar do nível escuro e confuso do sensível ao nível claro e distinto da razão. De outra maneira, Lessing disse: na queda que dizem do pecado original não se morre a razão, senão que luta por nascer. *A inteligência humana não se formou senão paulatinamente (cf. Reimarus, fragmento IV).* - Deste modo, a Humanidade está às portas de uma de suas grandes e novas etapas. Assim como está lutando pela liberação do jugo da letra, assim mesmo está lutando pela liberação da moral da culpa, ou melhor dizendo, do mérito e seus consequentes prêmios e castigos eternos. Quando Lessing escreve este comentário à doutrina do anônimo sobre a *ruína da razão humana,* têm já presente o que representa a doutrina do pecado original e, em geral, da culpa, na educação do gênero humano e nos próximos passos a dar." (*Escritos Filosoficos y Teologicos,* p. 439-40)

> "O anônimo havia escrito: *No estado de inocência, dizem [os teólogos], tinha o homem uma imagem de Deus incriada (não criada), ou seja, uma suficiente visão de Deus, do mundo e de si mesmo, assim como sabedoria, justiça e santidade. Incriada e suficiente* são termos técnicos para indicar a *sobrenaturalidade* dessa imagem e desse conhecimento. Também havia escrito: ...*quem tenha e queira usar sua razão natural, pode convencer-se de que sua razão inata [= natural] não é em absoluto agora menor embora sob a visão das perfeições de Deus*... Os adjetivos *incriado* (anrschaffen) e *inato* (angeboren), que no texto do anônimo referem-se ao elemento superior (imagem de Deus, Razão), Lessing refere-se ao *poder que têm nosso apetite sensível e nossas escuras representações:* esse poder é o incriado. [...] O incriado e anterior, diz Lessing, é esse poder escuro, que faz com que tenhamos que pecar (entre outras coisas, das quais pecar não é a pior - ao que parece)." (*Escritos Filosoficos y Teologicos,* p. 440)

Segundo a análise deste primeiro fragmento da obra elogiada por Hahnemann, a "queda do paraíso" não significou a perda de nenhum dom preexistente e sim a aquisição da Razão,

atributo divino que o homem irá desenvolver ao longo do seu caminho evolutivo normal. Ao se diferenciar dos animais, que vivem sob as leis restritas da Natureza Criadora, o ser humano recebeu o Princípio Inteligente ou Espírito, que lhe conferia condições de evoluir segundo seu livre-arbítrio, sua vontade e seus próprios esforços. Para que ele pudesse ser "senhor absoluto de seus atos, a tal ponto que possa seguir preceitos morais, passando do nível escuro e confuso do sensível ao nível claro e distinto da razão", incorporando com isto mais um estágio no seu crescimento espiritual, deveria caminhar por si próprio, trocando a Proteção Divina pela "responsabilidade individual". O "fruto proibido" representa a Consciência e o Livre-Arbítrio, que se mal utilizados levam o homem ao sofrimento e à dor, mas por outro lado, aumentam-lhe as experiências, fazendo-o amadurecer moral e espiritualmente.

Esta ideia, encontramos na referida citação de Hahnemann.

> "Porém, a fonte eterna do amor não deserdou o homem mais do que da animalidade, a fim de dispensar-lhe com mais profusão esta faísca da divindade, esse espírito que o faz encontrar com quê satisfazer a todas suas necessidades, assegurar seu bem estar, e criar os imensos recursos através dos quais se eleva de um modo considerável sobre todos os seres vivos; esse espírito que imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecível coberta os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza." (*A Medicina da Experiência,* 1805; *Opúsculos de Hahnemann,* p. 44)

Segundo fragmento: *impossibilidade de uma revelação na qual possam crer todos os homens de modo fundamentado.*

> "Todos e cada um dos indivíduos hão de ter um conhecimento fundamentado da revelação, de sua realidade acontecida ou histórica e de sua origem divina. Mas, tendo-se em conta o tipo de provas que requer a revelação, considerando-se que cada um tem que acompanhar estes fatos vendo clara e distintamente sua realidade e seu caráter extraordinário, deveria haver propriamente uma religião e uma revelação para cada homem. E, como não é possível que uma única revelação alcance a todos os homens de modo fundamentado, assinalará Lessing que entre haver uma revelação para cada homem e haver uma só revelação para todos (coisa que comportaria a impossibilidade de que todos se salvassem), há que optar pela via do meio: diversas revelações, simultâneas e contemporâneas, para diversos povos (judeus, cristãos, muçulmanos, brâmanes...), e diversas revelações sucessivas para a Humanidade. A revelação é algo que pertence à estrutura da razão, segundo o primeiro fragmento. O indivíduo exímio é sujeito ativo/passivo de revelação, uma revelação que serve e se orienta, desde já, aos demais do seu povo e depois à Humanidade inteira. Pertencendo à estrutura intrínseca da razão, é impossível que Deus deixe a um homem sem revelação direta ou indiretamente." (*Escritos Filosoficos y Teologicos,* p. 437)

Observamos na *postura universalista* de Hahnemann, frente às diversas filosofias e religiões, uma grande afinidade com o pensamento de Reimarus exposto neste *segundo fragmento,* incorporando ao seu pensar *revelações* que encontrava em diversas fontes. Segundo Lessing, "as provas das verdades da razão são distintas das provas das verdades reveladas, pois estas se baseiam em testemunhos ou, ademais, versam sobre fatos empíricos, históricos, condicionados por lugar e tempo, sendo impossível que uma

revelação seja universal: se todos os homens hão de gozar de igual ajuda e dispor de uma revelação, terá que haver mais de uma revelação".

Terceiro fragmento: *Passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho.*

> "O *terceiro fragmento* propõe um tema que serve para ilustrar a loucura e o ridículo em que acaba uma exegese (seja ortodoxa ou neóloga) que pense que a defesa eficaz de uma revelação consiste em defender o caráter divino e infalível de todas e cada uma das afirmações históricas, geológicas, etnográficas, biológicas, mineralógicas, geográficas, topográficas... e, enfim, *éticas*, contidas nessa coleção de escritos que recolhem uma sucessão de tempos e condições de vida muito diversas. Lessing contrapõe a miséria dessa exegese, inclusive a apetrechada com a melhor filologia e demais subsídios, à sensível e religiosa atitude de quem *sabe* que é a fé, do fiel - a atitude que deveria adotar o ortodoxo e que não faria por uma parte invulnerável e inacessível a ataques, convertendo-o, de outro modo, em um norte orientador (ao invés de ser pura inconstância neológica, praticando a elevação apologética ao preço tremendo de não compreender quase nada). A exegese desconhecedora das limitações do princípio da prova histórica, e entregue à inspiração verbal ou literal e à sua consequente infalibilidade, tem que acabar recorrendo a golpes de engenhosidade e ocorrências para explicar a milagrosa travessia do Mar Vermelho por 600.000, ou 60.000, ou somente por 6.000 (que a infalibilidade não cobre o risco de corrupção do texto)..., sendo assim que há deixado de ser capaz de renunciar à interpretação literal das *asas de águia* que concede Deus a Israel para que fuja bem veloz... Em lugar de tão nervosa, dispersa, insegura (de si! de sua fé!) atitude, exposta a não acertar nem por casualidade na defesa da revelação e a ter que recorrer ao cabo da autoridade civil como reforço da argumentação ridícula, a atitude religiosa poderia ser a da fidelidade e a consequência, em manter-se no lugar próprio, a saber, *nesse pequeno porém insuperável círculo* que é a fé." (*Escritos Filosoficos y Teologicos,* p. 437-8)

Quarto fragmento: *que não se escreveram os livros do Antigo Testamento para revelar uma religião.*

> "Destas coisas (insuficiente concepção da unidade de Deus; ausência de concepção da imortalidade da alma), pelo menos, nada se pode concluir sobre a divindade dos livros do Antigo Testamento. Pois esta terá que se provar de muitas outras maneiras do que com as verdades da religião natural que neles se encontram. Qualquer outro livro tão antigo pode conter as mais evidentes, elevadas, profundas verdades deste tipo, e disso hoje temos provas. Provas que invalidam mais de um douto silogismo que conclui a condição divina da Bíblia, na qual é elo de ligação a unidade de Deus, que se ensinaria somente no Antigo Testamento. Os livros santos dos brâmanes poderiam competir, pela antiguidade e dignidade de suas representações sobre Deus, com os livros do Antigo Testamento, se o que desconhecemos ainda destes livros santos corresponde aos exemplos que deles nos hão dado a conhecer pessoas fidedignas. Pois que, se a inteligência humana não se formou senão paulatinamente; se as verdades que são hoje evidentes e claras para o homem mais sensível, foram outrora muito incompreensíveis e, em consequência, tiveram que produzir-se inspirações imediatas da Divindade e embora só puderam ser aceitas como tais; não obstante, houve em todos os tempos e países almas privilegiadas que, com suas próprias forças, pensando, saíram da esfera dos seus contemporâneos, corriam ao encontro da luz maior e, se é verdade que não podiam comunicar a outros seus sentimentos sobre esta luz, não obstante podiam indicá-los. Não é possível dar prova alguma sobre a origem divina imediata do que provém desta classe de homens que também hoje surgem de quando em

> quando sem que lhes faça sempre justiça. Porém, se não se pode provar essa origem onde ocorra, tampouco se lhe pode negar onde falte, e bem poderia ser de Deus um livro, ser composto de uma mais alta inspiração divina, embora nele se encontre poucos traços ou nenhum da imortalidade das almas ou das penas posteriores a esta vida. Inclusive é possível que estes livros contenham uma religião beatificante, ou seja, uma religião com cuja observância pode o homem assegurar a felicidade mais além do que alcance o pensamento." (*Escritos Filosoficos y Teologicos*, p. 430-1)

Quinto fragmento: *sobre a história da ressurreição.*

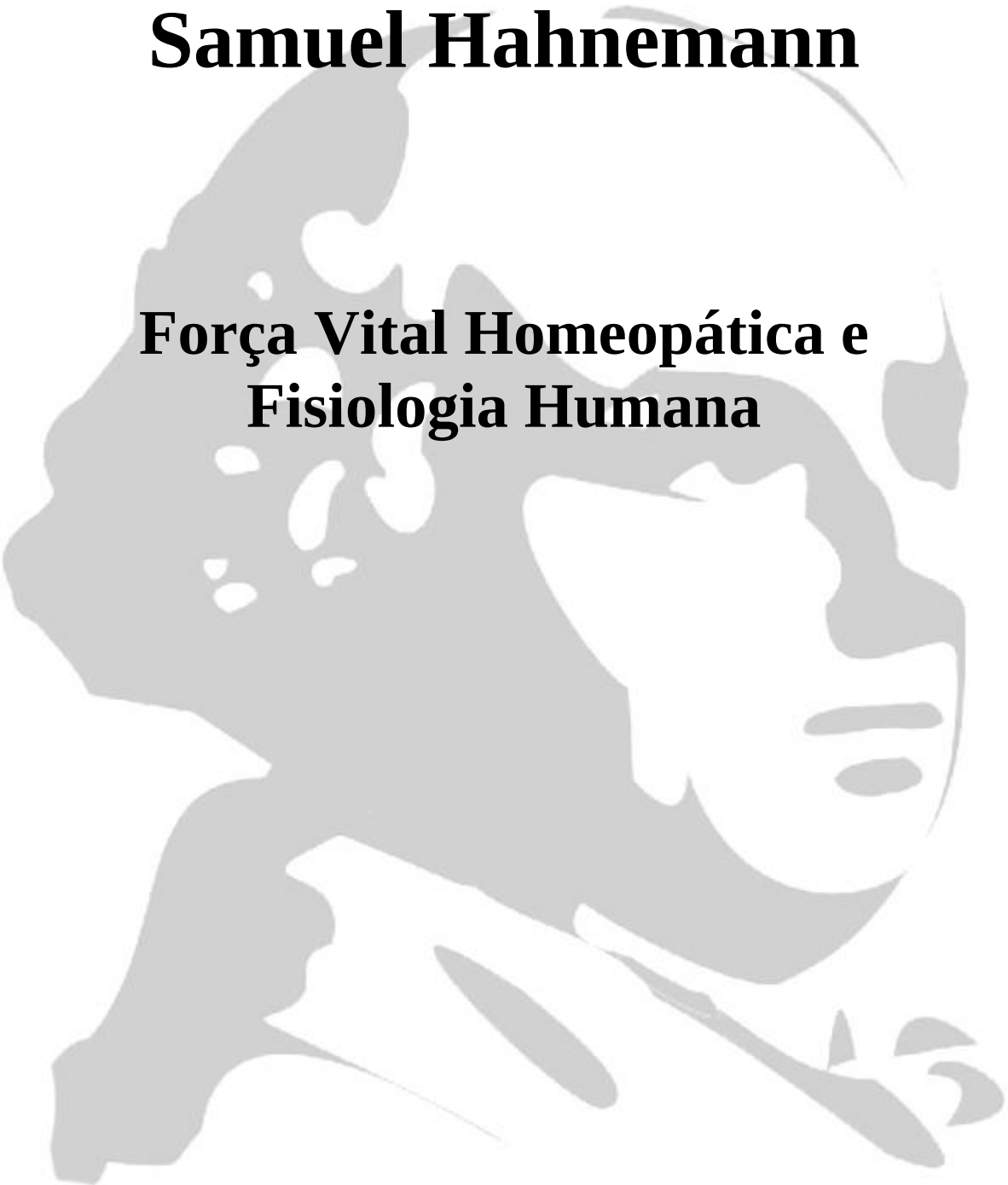
Neste último *fragmento,* de mais de cem páginas, Reimarus questiona as inúmeras contradições encontradas nos testemunhos dos Evangelistas sobre a ressurreição de Jesus Cristo.

> "O comentário ao *quinto fragmento,* distinguindo entre o testemunho do fato empírico e histórico da revelação (ressurreição de Jesus Cristo) e o *cronista,* devolve a cada indivíduo seu direito e faculdade para fazer-se com uma fundamentação de sua atitude religiosa: remete o sujeito para fundamentar a fé." (*Escritos Filosoficos y Teologicos,* p. 438)

Provavelmente, a destituição dos dogmas religiosos e, consequentemente, o afastamento de qualquer modelo ou sistema especulativo que afastasse o homem dos resultados e das observações práticas, tenha sido o encanto que aproximou Hahnemann de Reimarus e dos demais pensadores afins. Na análise pura dos fatos, livre de qualquer hipótese pré-concebida, vemos a bússola que sempre norteou o pensamento e a produção científica de Hahnemann, despertando seu interesse por filósofos que comungassem com os mesmos ideais.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Força Vital Homeopática e Fisiologia Humana



Força Vital Homeopática e Fisiologia Humana

Neste tópico, tentaremos relacionar o conceito de *força vital homeopática* com os conhecimentos da Fisiologia Clássica. No intuito de traçarmos um panorama geral dos aspectos concordantes, iremos discorrer sobre concepções básicas de ambas as Ciências, sem a pretensão de nos aprofundarmos no assunto.

Dentro do modelo homeopático, o papel de manter o equilíbrio orgânico cabe ao princípio vital, considerado por Hahnemann como uma entidade imaterial (energética), unida substancialmente ao corpo físico, com o poder de regular automaticamente todas as sensações e funções fisiológicas, desde que o organismo permaneça em estado de saúde. Esta força vital seria a intermediária entre as instâncias superiores da individualidade humana e o organismo físico, com seus órgãos, tecidos e células. Como um maestro que, seguindo a partitura de determinada sinfonia, coordena os vários músicos e instrumentos de uma orquestra, a força vital, sob o influxo do espírito racional, mantém a homeostase interna *de todas as funções normais do corpo*.

Parafraseando James Tyler Kent, na Lição IV de sua obra *Filosofia Homeopática*, comparamos a alma ou espírito, *"vontade e entendimento formando uma unidade que constitui o homem interior",* ao governo federal de uma Nação; a força vital imaterial (limbo ou substância simples), *"vice-regente da alma",* ao governo estadual e, finalmente, os diversos órgãos, tecidos e células do corpo físico aos governos municipais, suas administrações regionais e a população em si, respectivamente. A *"ordem"* de comando partiria do plano federal (vontade e entendimento), hierarquicamente superior às demais entidades, passando pela instância estadual (princípio vital), atingindo os governos municipais (órgãos), as administrações regionais (tecidos) e a população, representada pelas células do organismo.

> "Não! essa força vital, inata no homem, que preside a vida de maneira perfeita enquanto dura a saúde, cuja presença se deixa sentir em todas as partes do organismo, na fibra sensível como na irritável, e que é o motor infatigável de todas as funções normais do corpo, não foi criada para servir de auxílio a si mesma nas enfermidades, nem para exercer uma medicina digna de imitação. Não! a verdadeira medicina, obra da reflexão e do juízo, é uma criação do espírito humano que, quando a energia automática da força vital é impelida para exercer atos anormais por causa da enfermidade, sabe imprimir-lhe uma modificação morbosa análoga, porém sensivelmente mais forte, por meio de um medicamento homeopático; de forma que a enfermidade natural não possa mais influir sobre ela, e depois que esta houver desaparecido pela ação do medicamento, a força vital recobre seu primitivo estado normal, voltando novamente a presidir a manutenção da saúde, sem que durante estas transformações tenha sofrido nada que fosse capaz de debilitá-la. [...]" (*Organon, Introdução,* p. LI, GEHBM)

> "No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material *(Autocratie),* que anima o corpo material (Organismo) como 'Dynamis', mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência." (*Organon,* § 9)

A esta força vital, Hahnemann atribui a execução automática e instintiva do princípio terapêutico da similitude, através da *ação secundária*, observada na prática experimental como um mecanismo automático de reação do organismo a perturbações de qualquer espécie que venham a atingi-lo, na tentativa de conservar a harmonia interior (efeito rebote).

> "Toda força que atua sobre a vida, todo medicamento afeta, em maior ou menor escala, a força vital, causando certa alteração no estado de saúde do Homem por um período de tempo maior ou menor. A isto se chama **ação primária.** [...] A esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia. Tal ação oposta faz parte de nossa força de conservação, constituindo uma atividade automática da mesma, chamada **ação secundária** ou **reação.**" (*Organon,* § 63)

> "Durante a ação primária dos agentes mórbidos artificiais (medicamentos) sobre nosso organismo sadio, nossa força vital (como se conclui dos exemplos seguintes), parece conduzir-se de maneira meramente suscetível (receptiva, por assim dizer, passiva) e então, como que obrigada, parece permitir às sensações do poder artificial exterior que atue sobre ela e que modifique seu estado de saúde; mas, então, é como se recobrasse o ânimo e, ante este efeito (**ação primária**) recebido: a) parece produzir um estado exatamente oposto (**ação secundária, reação**), **no caso de tal estado existir,** no mesmo grau em que o efeito (**ação primária**) do agente morbífico artificial ou potência medicamentosa atuou sobre ela e proporcional à sua própria energia - ou, b) se não houver na natureza um estado que seja exatamente o oposto da ação primária, ela parece esforçar-se em fazer valer seu poder superior, extinguindo a alteração nela causada pelo agente exterior (através do medicamento), restabelecendo seu estado normal (**ação secundária, ação curativa**)." (*Organon,* § 64)

Para ilustrar esta *reação vital ou ação oposta do organismo (efeito rebote ou reação paradoxal segundo a farmacologia moderna),* mantenedora da homeostase interna, cita alguns exemplos de fenômenos fisiológicos relacionados à regulação térmica do organismo.

> "Exemplos de a) estão à vista de todos. A mão que é banhada em água quente, a princípio, fica muito mais quente do que a outra não banhada (ação primária); porém, após ser retirada da água quente e estar completamente enxuta novamente, torna-se fria depois de algum tempo e, finalmente, muito mais fria do que a outra (ação secundária). Depois de aquecida por um intenso exercício físico (ação primária), a pessoa é atingida por frio e tremores (ação secundária). Para quem ontem se aqueceu com bastante vinho (ação primária), hoje qualquer ventinho é muito frio (ação oposta do organismo, secundária). Um braço mergulhado por tempo muito longo em água muito fria é, a princípio, muito mais pálido e frio (ação primária) do que outro; porém, fora da água e enxuto, torna-se, a seguir, não apenas mais quente do que o outro, mas também vermelho, quente e inflamado (ação secundária, reação da força vital). [...]" (*Organon,* § 65)

Segundo os parâmetros da Fisiologia Humana, podemos comparar o mecanismo de ação da força vital hahnemanniana, sob um enfoque positivista, mas não reducionista, a um modelo integrado de regulação automática do equilíbrio do meio interno, que abrangeria todos os

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

sistemas orgânicos. Como discorremos em capítulo anterior, posicionando-se entre o teleologismo de Aristóteles e o mecanicismo de Descartes, Hahnemann associa ao seu modelo vitalista de compreensão do binômio saúde-doença os sintomas físicos, constitucionais, gerais e as características psíquicas e emocionais do indivíduo, fundamentando um sistema de experimentações sistemáticas no indivíduo saudável para traçar as diretrizes do seu princípio terapêutico.

Adiantando-se à Fisiologia do final do século XIX, Hahnemann propõe, através do conceito de força vital, um modelo reacional integrativo buscando a explicação dos "fenômenos reguladores do equilíbrio orgânico interior", conforme podemos observar no histórico trazido por Günther e Hodgson, na Introdução de sua obra *Fisiologia Integrativa*.[1]

> "Desde os alvores da era científica, os múltiplos e variados fenômenos regulatórios que são observados no mundo biológico, despertaram, seguramente, a curiosidade dos investigadores e dos filósofos. Não obstante, em fisiologia, se descreveu pela primeira vez - com exatitude - um mecanismo de regulação, apenas no ano de 1886, quando E. de Cyon e C. Ludwig tornaram público o efeito da estimulação do nervo 'depressor' sobre a magnitude da pressão arterial. Estes autores interpretaram o fenômeno como um 'reflexo', que se originaria no coração e que atuaria por intermédio dos nervos vasomotores sobre as arteríolas periféricas. Ulteriormente, descobriu-se que as terminações sensitivas do nervo depressor, em realidade, se encontram na adventícia da aorta e não no coração em si. Em 1859, Claude Bernard estabeleceu a 'constância do meio interno' *(fixitè du milieu intérieur)* e demonstrou sua tese experimentalmente ao evidenciar que a glicemia era praticamente constante apesar das influências aleatórias da alimentação, e que a temperatura do sangue dos animais era invariável, não obstante as flutuações da temperatura ambiental. Estes conceitos gerais foram sintetizados por Léon Frédéricq (1885) da seguinte maneira: 'Nos seres vivos, qualquer perturbação induz, por si mesma, atividades complementárias, tendentes a neutralizar a perturbação. Quanto mais elevado o organismo na escala evolutiva, tanto mais numerosos, mais perfeitos e mais complicados são os mecanismos reguladores. Estes mecanismos tendem a tornar o organismo independente das influências desfavoráveis e das mudanças que acontecem no meio ambiente'. Os conhecimentos acerca dos mecanismos de regulação da circulação se enriqueceram com o descobrimento de H. E. Hering (1923) de outro par de nervos 'frenadores' da pressão *(Blutdruckzügler)*, constituídos esta vez pelos nervos sinusais ou do seio carotídeo. Por outra parte, o princípio da retroalimentação ('feedback' dos autores ingleses ou 'Rückkoppelung'dos autores alemães) foi aplicado pela primeira vez por R. Wagner (1925) ao estudo do controle dos movimentos reflexos, com o que a idéia de regulação em 'circuito fechado' apareceu claramente formulada em fisiologia." (*Fisiologia Integrativa,* Günther e Hodgson, 1970, p. 14)

Continuando neste relato histórico, os autores citam o surgimento do conceito de *homeostase*, que pelo seu significado fisiológico e etimológico aproxima-se da compreensão do conceito de cura pela similitude homeopática: a direção que o organismo busca para manter-se em equilíbrio através de "atividades complementárias, tendentes a neutralizar a perturbação", assemelha-se ao princípio terapêutico homeopático, no qual

[1] Günther B, Hodgson G. Fisiologia integrativa: introducción a la teoria de control y de compartimento. Santiago: Ediciones de la Universidad de Chile, 1970.

através de um estímulo semelhante ao distúrbio original, provoca-se uma reação do organismo contra o mal natural, na tentativa de anular a referida alteração inicial.

> "Em 1929, W. B. Cannon definiu outro conceito geral, o da 'homeostase' (um vocábulo composto e derivado do grego que significa etimologicamente: *homeos* = parecido, semelhante; *stase* = estado, condição), e que se refere à manutenção - dentro de certos limites - de funções como: pressão arterial sistêmica e pulmonar, frequências cardíaca e respiratória, glicemia, pH do sangue arterial, pressão osmótica do plasma, etc. O termo 'homeostase', segundo Cannon, era sinônimo de 'steady state', porém, mais tarde, estendeu-se aos 'processos' que conduzem à constância das funções aludidas, em que os organismos devem ser considerados como sistemas 'abertos' em sua relação com o meio ambiente. Os mecanismos de autorregulação da pressão arterial foram novamente analisados, porém, desta vez, de forma quantitativa, por E. Koch (1933) em seu livro 'Die regulatorische Selbststeuerung des Kreislaufs', servindo estes trabalhos - muitos anos mais tarde - como um dos fundamentos para a simulação - mediante um computador analógico - do funcionamento do aparelho circulatório (Mc Adam, 1961). Estes estudos culminaram com uma publicação de A. Rosenblueth, N. Wiener e J. Bigelow (1943) sobre o tema 'Behavior, purpose and teleology', em que, entre outros problemas, os autores se referem ao estudo quantitativo do reflexo rotuliano no homem e a aparição do fenômeno do 'clonus' em condições patológicas." (*Fisiologia Integrativa,* Günther e Hodgson, 1970, p. 14)

Na tentativa de "racionalização dos métodos de estudo dos mecanismos de autorregulação", o termo homeostase dá lugar ao conceito de *Cibernética,* que significa a "Ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle não só dos organismos vivos, mas também das máquinas". Neste contexto, numa utilização parcial do verdadeiro significado, fragmentou-se uma conceituação de regulação orgânica global (homeostase) em mecanismos diversos de autorregulação (cibernética), estudando-se as partes do organismo como constituintes de uma máquina físico-química, afastando qualquer chance de integrá-las numa unidade psicossomática individualizante.

> "O vocábulo 'Cibernética' é mencionado pela primeira vez por Platão (427-347 a.C.) ao fazer referência à 'arte de governar' uma embarcação por parte do timoneiro. Quase 2.000 anos mais tarde, o termo reaparece como 'Cybernétique', num ensaio sobre filosofia da ciência, em que Ampère (1834) se refere aos métodos de 'governar' em política. Este vocábulo adquire um significado científico quando Norbert Wiener (1884-1962) publica em 1948 seu livro intitulado 'Cybernetics, or Control and Communication in the Animal and the Machine', com o qual se inicia a segunda revolução industrial, a introdução da automatização dos computadores eletrônicos, e na biologia a racionalização dos métodos de estudo dos mecanismos de autorregulação, desde o âmbito subcelular até o das inter-relações das comunidades viventes. [...] " (*Fisiologia Integrativa,* Günther e Hodgson, 1970, p. 14-5)

Sintetizando o fenômeno de autorregulação das funções fisiológicas, Carl F. Rothe discorre sobre "Homeostase e controle de retroalimentação negativa", na obra *Fisiologia.*[2] Abordando o controle homeostático segundo a *retroalimentação negativa,* em que "a reação resultante se opõe a qualquer mudança que possa ocorrer no nível desejado", enfatiza a importância do sistema nervoso autônomo "para contrarregular as modificações

[2] Selkurt, EE. Fisiologia. Buenos Aires: Libreria "El Ateneo" Editorial, 1971.

do meio interno, induzidas por variações do meio externo ou pela atividade do próprio organismo".

> "Cada célula do organismo requer um meio que lhe proporcione as substâncias nutritivas necessárias e que elimine os resíduos metabólicos. Claude Bernard, há aproximadamente um século, formulou o conceito de *um meio interno constante e ótimo* como requerimento essencial para o funcionamento normal do organismo. Cannon (1929) desenvolveu ainda mais o conceito desta condição, à que denominou *homeostase,* e salientou o papel desempenhado pelo sistema nervoso autônomo. Um dos princípios cardinais da fisiologia é que os mecanismos homeostáticos atuam para contrarregular as modificações do meio interno, induzidas por variações do meio externo ou pela atividade do próprio organismo. É assim que se consegue reduzir a um mínimo as alterações que o exercício, os desequilíbrios nutritivos, os traumatismos e as enfermidades provocam no meio interno. O controle da temperatura corporal constitui um exemplo de homeostase. Quando descende a temperatura interna, os mecanismos homeostáticos tendem a reduzir a perda de calor e aumentar sua produção. Em consequência, a atividade de tais mecanismos limita a diminuição da temperatura corporal e mantém esta variável dentro de um nível relativamente constante. Os animais de sangue frio, ao contrário, necessitam de sistemas homeostáticos para o controle da temperatura e, consequentemente, suas temperaturas corporais tendem a ser similares às do ambiente. A função dos mecanismos homeostáticos é reduzir ao mínimo a diferença entre as respostas reais e as respostas ótimas de um sistema, e constituem, por conseguinte, exemplos biológicos do *controle de retroalimentação (feedback) negativa.* Neste tipo de sistemas há mecanismos capazes de estimar o nível da variável que deve controlar-se, e a reação resultante se opõe a qualquer mudança que possa ocorrer no nível desejado. Quando a resposta aumenta, se produz o retorno de um sinal negativo ou inibidor aos mecanismos efetores, o qual reduz a magnitude da resposta seguinte. Quando a resposta diminui, ao contrário, o mecanismo mencionado faz que a resposta seguinte seja maior.[...] Nos mamíferos, os mecanismos homeostáticos de retroalimentação são extremamente complexos e inter-relacionados, porém, em geral, se prestam à análise se os compararmos com certos dispositivos idealizados pelos engenheiros. Estes investigadores, aproveitando o princípio de controle de retroalimentação negativa, realizaram grandes progressos no desenho de muitos sistemas de controle, que atuam em dispositivos tais como os pilotos automáticos (aviação), os sistemas de guias de projéteis, os computadores e os robôs para a automatização industrial. A retroalimentação negativa se emprega nestes mecanismos porque proporciona um fator de grande precisão e de estabilidade de funcionamento, prescindindo das mudanças que possam ocorrer no meio externo ou no próprio sistema. Este mesmo princípio geral atua nos mamíferos para manter, a um nível constante e ótimo, numerosas variáveis como a temperatura corporal, o tônus muscular e os níveis sanguíneos de anidrido carbônico, para mencionar alguns poucos entre os muitos exemplos existentes. O organismo humano possui um grande número de sistemas de retroalimentação negativa, e todos eles aperfeiçoaram-se no curso da evolução filogenética. O sistema nervoso autônomo é um constituinte importante da maioria dos mecanismos homeostáticos. Para se obter uma melhor compreensão da fisiologia do ser humano normal, faz-se necessário analisar previamente as características fundamentais destes sistemas de controle de retroalimentação negativa." (*Fisiologia,* Selkurt, 1971, p. 177-8)

Utilizando-nos desta breve explanação, tentamos traçar um paralelismo entre a atividade da força vital hahnemanniana (força mantenedora da vida e da saúde) e os mecanismos fisiológicos de manutenção do equilíbrio orgânico, definidos por Hipócrates como *vis medicatrix naturae.* Entendamos que o intuito máximo da terapêutica homeopática é

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

estimular o organismo a reagir contra o desequilíbrio que o afeta, utilizando-se do medicamento homeopático para orientar a maneira correta como esta reação vital em direção à cura deva ocorrer, evitando-se respostas automáticas e instintivas do organismo que, sem um direcionamento inteligente, podem tornar-se prejudiciais ao sistema.

> "Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a sermos guiados por essa voz infalível, apesar de embaraçados para compreender por que nós médicos, pela nossa interferência artificial com medicamentos, perturbaríamos ou nocivamente agravaríamos essas operações, supostamente incomparáveis, do auto-auxílio da natureza nas doenças *(vis medicatrix).* Mas o caso está longe disso! Essa natureza, cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, é meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou mantivesse as funções e as sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada nem adaptada para boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforça-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários. Esses mesmos esforços são, eles próprios, doença, uma segunda e diferente doença, que se substitui à original. A força vital produz, repito, de acordo com as leis da constituição do organismo a que está sujeita, uma doença de espécie diferente, destinada a expelir a doença atacante, esforçando-se para consegui-lo pela dor, por metástases e assim por diante, mas, principalmente, por evacuações e sacrifício de boa parte dos constituintes fluidos e sólidos do corpo, com resultados difíceis, nocivos, muitas vezes dúbios e, frequentemente, mesmo desastrosos." (*Organon, Prefácio à Quarta Edição,* GEHBM, 1984)

Com o objetivo exclusivo de relacionarmos a atividade da força vital hahnemanniana, mantenedora da vida e da saúde, aos mecanismos fisiológicos de autorregulação orgânica, ambos atuando segundo o *princípio de ação e reação*, ou seja, a uma ação disfuncional ou agressora primária mobiliza-se uma reação neutralizante secundária, citaremos alguns sistemas fisiológicos que endossam a utilização do *princípio terapêutico da similitude* (ação primária da droga seguida de ação secundária e oposta do organismo).

Sistema Regulador Neural

Uma das principais funções do sistema nervoso é regular os mecanismos fisiológicos que mantém a estabilidade intrínseca do organismo, ou seja, a homeostase, através de funções vegetativas como circulação sanguínea, ventilação, transpiração, alterações metabólicas, alterações osmolares, digestão, etc. O sistema regulador neural é formado pelo sistema nervoso autônomo ou neurovegetativo (sistemas simpático e parassimpático) e pelo sistema neuroendócrino. Além disso, estes sistemas que regulam as funções vegetativas sofrem a influência do Sistema Nervoso central (SNC): controle central das funções vegetativas.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Vejamos como a atuação do sistema regulador neural, descrito pela *Fisiologia Básica*[3] através dos mecanismos integrados de manutenção da homeostase orgânica, se assemelha ao modelo utilizado por Hahnemann para explicar como o binômio corpo físico/força vital reage às influências internas e externas que afetam o estado de saúde (ação primária do agente seguida de ação secundária e oposta do organismo).

> "Em geral, cada função vegetativa é regulada por mecanismos específicos, mas mecanismos superiores promovem a articulação das diversas funções, de modo que o resultado final seja sempre uma integração que represente a melhor combinação de efeitos para o organismo, em dado momento e em dada circunstância. Um exemplo bastante ilustrativo da integração geral das funções vegetativas é o que sucede quando a temperatura ambiente diminui. Um sistema situado no hipotálamo dos animais homeotermos (que se denomina 'centro termo-regulador') recebe informações térmicas periféricas e mede a temperatura do sangue circulante. Identificada uma queda da temperatura, o centro termo-regulador desencadeia diversas reações com a finalidade de aumentar a produção de calor e de impedir sua perda, a fim de que o corpo não entre em hipotermia (queda da temperatura corpórea); esta prejudicaria as reações enzimáticas, que requerem nos homeotermos uma faixa de temperatura mais ou menos crítica, e comprometeria a integridade do organismo. O centro termo-regulador promove, então, vasoconstrição cutânea (para diminuir a troca de calor entre o sangue e o meio ambiente) e vasodilatação muscular e da área esplâncnica (para absorver o sangue desviado da pele e impedir que a pressão arterial se eleve); além disso, há liberação de adrenalina pela medula adrenal (resultando, entre outros efeitos, em mobilização de glicose pelo fígado e ácidos graxos pelo tecido gorduroso, necessários à contração muscular) e liberação de hormônio tireotrófico pela hipófise (para ativar a tireóide, cujos hormônios intensificam o metabolismo celular). Além de todos esses ajustes vegetativos, que envolvem múltiplos mecanismos centrais e periféricos, alguns músculos se contraem assincronamente (calafrios) para produzir calor ou mesmo para deslocar o corpo para um local mais quente." (*Fisiologia Básica,* Aires, 1985, cap. 6, p. 138)

Sistema Nervoso Autônomo (Neurovegetativo)

Ao sistema nervoso autônomo corresponde, em grande parte, a manutenção do equilíbrio do meio interno, por controlar as funções viscerais orgânicas. Apesar de sofrer influência do sistema nervoso central, age de forma automática, atuando sobre a musculatura lisa, o músculo cardíaco, as glândulas exócrinas e algumas glândulas endócrinas. Neste controle visceral, temos também a atuação do sistema endócrino, através da liberação de hormônios na corrente sanguínea. Estes dois sistemas (sistema nervoso autônomo e sistema endócrino) são os principais responsáveis pela homeostase orgânica.

> "Desde o ponto de vista anatômico, o sistema nervoso autônomo constitui a via eferente que relaciona os centros cerebrais de controle com os órgãos receptores, como o músculo liso e as células secretoras. No que diz respeito à fisiologia, sem dúvida, a regulação da função visceral também deve incluir os receptores sensitivos, as vias aferentes e os mecanismos centrais de controle. No vago e no esplâncnico, por exemplo, as fibras aferentes sensitivas servem a ambos os sistemas, o autônomo e o somático. Existem outros receptores como os da osmolaridade plasmática e os da pressão parcial do anidrido carbônico, que se encontram nas células do próprio sistema nervoso central. O sistema nervoso autônomo se distingue do

[3] Aires, Margarida de Mello et al. Fisiologia Básica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> somático, porque os neurônios motores que estão em relação funcional imediata com as células efetoras se encontram integralmente fora do sistema nervoso central. A inervação da medula suprarrenal constitui a única exceção a respeito." (*Fisiologia,* Selkurt, 1971, p. 163)

O sistema nervoso autônomo, sob o ponto de vista anatômico e funcional, divide-se em dois setores: o *sistema simpático,* cujos prolongamentos nervosos originam-se na medula espinal tóraco-lombar e o *sistema parassimpático,* que emerge dos segmentos cranial (tronco cerebral) e sacral (medula sacra). Ambos os sistemas atuam conjuntamente, cada qual promovendo, geralmente, estímulos contrários numa mesma função visceral.

Os gânglios da cadeia simpática situam-se bilateralmente à coluna vertebral *(gânglios paravertebrais),* interligados longitudinalmente *(tronco simpático),* ou mais medialmente *(gânglios pré-vertebrais)* formando os *plexos nervosos.* O estímulo do SNC chega aos gânglios simpáticos através dos axônios pré-ganglionares (tóraco-lombares), realiza a sinapse e atinge os órgãos através dos axônios pós-ganglionares, neles provocando fenômenos de inibição ou de excitação. Os mediadores liberados pelas terminações nervosas do simpático são as catecolaminas: adrenalina e a noradrenalina. Quanto ao sistema parassimpático, inerva as vísceras abdominais por fibras pré-ganglionares originadas na formação reticular ou na região sacral, seguindo o trajeto dos nervos vagos que se originam no bulbo, promovendo suas sinapses em gânglios localizados próximos aos órgãos ou na parede dos mesmos. O mediador liberado é a acetilcolina, o mesmo do sistema nervoso somático.

No intuito de demonstrar as ações recíprocas e opostas destes sistemas, exemplificando o *mecanismo de ação primária e reação secundária do organismo,* citaremos suas funções antagônicas de regulação interna.

Efeitos do sistema nervoso autônomo sobre os demais sistemas orgânicos

Olhos: o *simpático* causa dilatação da pupila (midriase) durante o estado de alerta, contraindo as fibras radiais do músculo da íris; o *parassimpático* causa diminuição do diâmetro da pupila (miose), contraindo as fibras circulares da íris.

Coração: o *simpático* aumenta a atividade cardíaca, atuando no nó sino-atrial, causando aumento da freqüência cardíaca (taquicardia); o *parassimpático* diminui a atividade cardíaca, causando diminuição da freqüência cardíaca (bradicardia).

Vasos: O *simpático* inerva a musculatura lisa dos vasos, causando diminuição do diâmetro (vasoconstrição), quando a noradrenalina ativa os adrenoceptores alfa (pele, mucosas, mesentério, rins, fígado, musculatura esquelética); a adrenalina, secretada pela medula da supra-renal, atua nos vasos com adrenoceptores beta (rins, fígado, musculatura esquelética), provocando vasodilatação. Nos territórios em que os vasos recebem inervação dupla, simpática e parassimpática, o *simpático* promove dilatação vascular. O *parassimpático* inerva os vasos das glândulas salivares, dos corpos cavernosos e algumas áreas de irrigação cerebral, causando vasodilatação nestes territórios; nas glândulas lacrimais promove secreção abundante; a acetilcolina, por um mecanismo complexo, pode causar vasodilatação na aorta e nos vasos mesentéricos.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Sistema respiratório: de modo geral, o *simpático* promove vasoconstrição no sistema vascular pulmonar. O *simpático* promove broncodilatação, mediada por receptores beta-2 adrenérgicos (relaxamento da musculatura lisa da parede do brônquio), enquanto o *parassimpático* contrai a musculatura lisa brônquica, causando broncoconstrição. O *parassimpático* excita as glândulas produtoras de muco de todo o trato respiratório.

Sistema digestório: do terço médio do esôfago ao reto, o *simpático* relaxa a musculatura lisa longitudinal e circular do trato digestivo, diminuindo os movimentos peristálticos e o trânsito intestinal, além de causar contração dos esfíncteres; o *parassimpático*, pelo contrário, contrai a musculatura lisa, aumentando a motilidade gastrointestinal e relaxando os esfíncteres. Em geral, o *parassimpático* ativa a secreção das glândulas digestivas (salivares, gástricas, hepáticas, pancreáticas exócrinas e intestinais), enquanto o *simpático* promove inibição, em grande parte como conseqüência de intensa vasoconstrição.

Sistema urinário: na bexiga, enquanto o *parassimpático* causa contração da musculatura lisa da parede vesical e relaxamento do esfíncter interno promovendo a micção, o *simpático* relaxa a musculatura lisa da bexiga e contrai o esfíncter interno, inibindo a eliminação de urina. Nos rins, pela inervação simpática dos vasos e dos túbulos renais, através de sinapses noradrenérgicas, dopaminérgicas e colinérgicas, o *simpático* promove vasoconstrição, aumento na reabsorção de Na^+ e água, e estimula a secreção de renina. Por intermédio da neuro-hipófise (liberando vasopressina ou ADH) e da adeno-hipófise (que estimula o córtex da supra-renal produzindo aldosterona), o sistema nervoso também influi na reabsorção de Na^+ e água.

Sistema genital: o *simpático* promove contração da próstata, vesículas seminais, canal deferente e epidídimo, sendo responsável pela emissão do esperma no ato sexual; após a ejaculação, promove constrição dos corpos cavernosos, suprimindo a ereção do pênis. O *parassimpático*, liberando óxido nítrico, provoca intensa vasodilatação nos corpos cavernosos, promovendo a ereção; do mesmo modo, provoca vasodilatação no clitóris e nos pequenos lábios, causando o seu ingurgitamento no ato sexual.

Fígado: o estímulo *simpático* promove a neoglicogênese e a liberação de glicose, enquanto que o *parassimpático*, estimulando a liberação do glucagon, promove aumento da síntese e armazenamento do glicogênio hepático, a partir da glicose.

Pâncreas endócrino: o *parassimpático* estimula as ilhotas pancreáticas aumentando a secreção de insulina, enquanto o *simpático* inibe as células beta do pâncreas, reduzindo a secreção de insulina.

Medula da adrenal: recebendo apenas inervação simpática pré-ganglionar, com células homólogas aos neurônios ganglionares, a adrenal secreta dopamina, adrenalina e noradrenalina, conforme o estímulo de determinadas regiões do hipotálamo.

Sistema Neuroendócrino

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Funcionando como mantenedor da homeostase orgânica, o sistema neuroendócrino coordena a liberação hormonal sob o influxo do estímulo nervoso central. Neste mister, o hipotálamo desempenha importante papel. Sob a regência dos impulsos nervosos centrais, o hipotálamo, através dos seus mediadores, atua sobre a hipófise (anterior e posterior) estimulando a secreção dos hormônios hipofisários (corticotropina, tirotropina, FSH, LH, prolactina, somatotropina, vasopressina, ocitocina), que irão atuar nas glândulas periféricas (adrenal, tiróide, testículos, ovários, fígado e outros tecidos). Estas, por sua vez, liberarão hormônios (adrenalina, esteróides adrenais, tiroxina, triiodotironina, testosterona, progesterona, estradiol, somatomedinas), que agirão nos alvos finais (músculos, fígado, órgãos reprodutores, glândulas, coração, vasos e inúmeros tecidos orgânicos).

SNC / HIPOTÁLAMO / HIPÓFISE / GLÂNDULAS PERIFÉRICAS / ALVOS FINAIS

A concentração sanguínea dos mediadores hipotalâmicos, dos hormônios hipofisários e dos hormônios das glândulas periféricas controla, por mecanismos de retroalimentação positiva e negativa (alça ultracurta, alça curta, retroalimentação direta), a liberação ou a inibição dos hormônios do eixo hipotálamo-hipófise, atuando na homeostase orgânica. No *feedback negativo*, temos o exemplo da reação secundária orgânica a um excesso de estímulo, inibindo-o; ao contrário, no *feedback positivo*, o organismo reage a uma deficiência de estímulo, produzindo-o.

Controle Central das Funções Vegetativas (SNC)

Os sistemas centrais de controle das funções vegetativas situam-se em todo o SNC (medula espinal, rombencéfalo, mesencéfalo, diencéfalo, prosencéfalo e cerebelo).

Na *medula espinal* existem sistemas de comportamentos integrados, mantendo inúmeras funções vegetativas em funcionamento, manifestando-se como padrões motores, ajustes hemodinâmicos (alterações da freqüência cardíaca, do calibre vascular, da pressão arterial), alteração da atividade motora gastrointestinal, liberação de catecolaminas pela adrenal, etc.

No *rombencéfalo* e no *mesencéfalo* (formação reticular) está situada a maioria dos circuitos que controlam as funções vegetativas, como a regulação da pressão arterial, da respiração, da atividade digestiva, etc. No mesencéfalo integram-se os reflexos pupilares e de acomodação visual. Além da regulação homeostática de inúmeras funções vegetativas, estas áreas podem controlar diversos comportamentos.

No *diencéfalo* encontramos o hipotálamo, responsável por ajustes homeostáticos e comportamentais tais como o aumento ou a diminuição da pressão arterial, contração ou relaxamento da musculatura lisa intestinal, aumento ou diminuição da freqüência e/ou amplitude respiratória, liberação de hormônios da neuro-hipófise, gonadotrofinas, hormônio do crescimento, ACTH, insulina, glucagon, etc.

No *prosencéfalo*, várias regiões (núcleos da base, área septal, núcleos amigdaloides, etc.) atuam na regulação de inúmeras funções vegetativas (pressão arterial, atividade gastrointestinal, metabolismo de sódio, estímulo da adeno-hipófise, etc.). A região cortical

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

atua em inúmeros fenômenos vegetativos, tais como pressão arterial, respiração, alteração do diâmetro pupilar e vascular, etc. O córtex cerebral atua sobre o hipotálamo, influenciando o equilíbrio neuroendócrino.

O *cerebelo* também atua no ajuste das funções vegetativas, sabendo-se muito pouco como isto ocorre.

Como região importante na manutenção da homeostase interna, citemos também o sistema límbico, que funcionaria como *entidade hipotética central* no controle das funções vegetativas, inclusive aquelas relacionadas às atividades psíquicas e comportamentais. Dito sistema seria composto por estruturas prosencefálicas, diencefálicas e mesencefálicas, "agrupando numerosíssimos sistemas paralelos como um sistema único".

> "Há várias décadas se vem descrevendo o *sistema límbico* como o da mais alta importância no controle de funções vegetativas por estruturas prosencefálicas, diencefálicas e mesencefálicas. Em 1954, Mc Lean propôs o conceito de sistema límbico como uma constelação de múltiplas estruturas centrais que organizam comportamentos e controlam certos ajustes hemodinâmicos, ventilatórios, metabólitos, etc. Basicamente, o sistema límbico inclui quase todas as regiões que recebem informações olfativas e outras situadas na área septal, hipotálamo, porção ventral do mesencéfalo, hipocampo, núcleos amigdaloides e as conexões que interligam todas essas regiões do SNC. O sistema límbico, segundo o conceito original, organiza comportamentos instintivos (alimentar, sexual, luta, defesa, etc.) e, em condições patológicas, pode mediar doenças psicossomáticas. Entretanto, não há lógica no agrupamento de numerosíssimos sistemas paralelos como um sistema único; além disso, as funções outrora atribuídas exclusivamente ao sistema límbico envolvem várias outras regiões do SNC, desde o córtex cerebral até a medula espinal. Por essa razão, o conceito de sistema límbico deve ser abandonado em favor de uma classificação mais analítica dos sistemas implicados na programação de comportamentos, quer quanto aos seus componentes motores quer quanto aos vegetativos." (*Fisiologia Básica,* Aires, 1985, cap. 6, p. 161-2)

Apesar de alguns expoentes da Fisiologia Clássica, seguindo o modelo cartesiano e compartimental, não aceitarem a evidência observável experimentalmente do "agrupamento de numerosíssimos sistemas paralelos como um sistema único", que atribui ao sistema límbico este papel abrangente de *equilibrador neurovegetativo,* podemos observar a analogia conceitual que existe entre esta definição e a concepção vitalista de Hahnemann, a qual atribuía à *força vital* o papel de manter a homeostase do organismo como um todo, reagindo às perturbações que viessem a acometê-lo.

Sistema Neuro-Imune-Endócrino-Metabólico

Desejando, com este sucinto relato, citar o papel do *sistema regulador neural* na manutenção do equilíbrio do meio interno, aceitamos que, juntamente com outros sistemas fisiológicos, como, por exemplo, o *sistema imunológico*, poderíamos aproximar o entendimento do *modus operandi* da força vital hahnemanniana a este complexo conjunto de mecanismos neuro-imune-endócrino-metabólico de controle da homeostase orgânica. Lembremo-nos de que na terapêutica homeopática, através do princípio da similitude, utilizando características que abarcam a totalidade de manifestações do indivíduo, como

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

peculiaridades afetivas, volitivas, intelectivas, imaginativas, oníricas, climáticas e alimentares, dentre outras, além dos sintomas clínicos e patológicos, escolhemos um medicamento que provocará uma reação totalizante do organismo em direção ao equilíbrio do meio interno.

> "A função básica do sistema imunológico consiste em remover elementos patogênicos do corpo, procurando não danificar o próprio organismo. O eritema, tumor e dor em torno de uma mesma infecção são exemplos de como o sistema imunológico, à beira de danificar o corpo, elimina um organismo infectante. Em desregulações mais sérias do sistema imunológico, a hiperatividade pode resultar em doenças auto-imunes (por ex., miastenia gravis, lúpus eritematoso sistêmico), alergias ou anafilaxia; a hipoatividade (por ex., AIDS) pode resultar em câncer ou sérias infecções. O sistema imunológico interage reciprocamente com os sistemas nervoso e endócrino. [...] Estudos realizados em animais mostram que as lesões do hipotálamo, hipocampo e hipófise resultam em disfunções razoavelmente específicas do sistema imunológico. Os principais mensageiros neuroquímicos para esta desregulação, provavelmente são a noradrenalina, beta-endorfina, metencefalina e cortisol. A função imunológica aumentada tem sido correlacionada com uma diminuição da noradrenalina no hipotálamo (presumivelmente funcionando como um neurotransmissor inibidor) e um aumento na ativação celular (medido por eletrodos implantados). Os linfócitos podem comunicar-se de volta com o cérebro através da liberação de mensageiros químicos, incluindo o ACTH, beta-endorfina ou substâncias químicas (citocinas) secretadas unicamente pelos linfócitos. Os estudos de animais em situações experimentais de *stress* planejado demonstram uma diminuição no número de linfócitos, uma proliferação diminuída em resposta à estimulação, e uma redução na produção de anticorpos. [...] Uma série de experiências com diferentes modelos animais demonstrou que a imunossupressão pode ser condicionada de modo que, ao receber um estímulo não relevante biologicamente (por ex., soar a campainha), a resposta imunológica do animal é suprimida. [...] Portanto, existe a possibilidade de que pacientes com distúrbios auto-imunes possam aprender a suprimir suas respostas imunológicas através de condicionamento ou modificação do comportamento. [...] Pelo menos dois estudos investigaram a proliferação das células-T em cônjuges enlutados, e relataram uma diminuição em torno de 1 a 2 meses após a morte do outro cônjuge. Tem sido relatado que o *stress* de estudantes universitários corresponde a uma diminuição na atividade das células 'assassinas, naturais' (natural killer). Aqueles estudantes que dispõem de poucas capacidades de relacionamento com colegas, ou que se queixam de solidão, tendem mais a apresentar a anormalidade. Os pacientes com depressão maior também têm sido relatados como apresentando uma proliferação diminuída de células-T e uma diminuição generalizada no número de linfócitos. Embora a hipersecreção de cortisol pudesse explicar estas descobertas, existem evidências de que os sistemas endócrino, imunológico e nervoso são mutuamente interativos, e que não é possível obter-se uma seta de direção única, de causa-e-efeito, entre hipercortisolemia e funcionamento imunológico diminuído." (*Compêndio de Psiquiatria*, Kaplan e Sadock, 1990, cap. 4, p. 82-4)[4]

Em sua obra *Patofisiologia Oral,* Douglas[5] aborda a função homeostática e integrativa dos sistemas imunológico, endócrino e nervoso, quando discorre sobre a "*resposta do organismo perante a agressão/stress"*. Cita, inicialmente, as influências psíquica, endócrina, simpática e hipotalâmica no sistema imune, modulando a resposta imunológica

[4] Kaplan HI, Sadock BJ. Compêndio de Psiquiatria. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
[5] Douglas, Carlos Roberto. Patofisiologia Oral. São Paulo: Pancast, 1998.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

do organismo. Postula "a existência de uma comunicação bidirecional entre os sistema nervoso central e o sistema imune, explicitada pelas influências do stress na imunidade e da participação do sistema imune na resposta adaptativa do stress".

> "Influências psíquicas na imunidade. Estudos têm sido realizados tanto em seres humanos como em animais de experimentação. *Estudos em humanos* - Tem sido realizados em diversas populações humanas. Períodos de pressão acadêmica para estudantes, tais como exames, foram acompanhados por redução da resposta linfoproliferativa, diminuição da atividade dos linfócitos killer, menor produção de γ-interferon por leucócitos sangüíneos periféricos e reativação de vírus herpes. Por outro lado, também têm sido observadas modificações similares em outros grupos de pessoas em resposta a eventos estressantes, por exemplo: relações matrimoniais conturbadas, luto e desemprego. De forma semelhante, a doença depressiva tende a ser associada com redução da resposta imune. *Estudos em animais* - O stress nem sempre provoca imunodepressão. Alguns estressores, como agrupamento de grande número de animais, podem realmente aumentar a resistência do hospedeiro, enquanto outros estressores - ao invés - reduzem marcadamente a resposta imune. Assim, uma só sessão de choque elétrico sem possibilidade de fuga, exagera o crescimento tumoral por causa imune. [...] Influência endócrina na resposta imune. Embora existam modificações neuro-endócrinas e imunológicas no stress, não foi demonstrada correlação entre as modificações hormonais e as imunológicas. Contudo, os fatores endócrinos são capazes de influir na imunidade, em especial, os corticosteróides e o hormônio de crescimento (GH ou STH), bem como vice-versa. [...] Sabe-se que os glicocorticóides são capazes de determinar linfopenia e que esta se apresenta no stress. Porém, a *linfopenia* só é parcialmente decorrente da ação dos glicocorticóides, pois continua a ocorrer em condições de suprarenalectomia total. Daí, haveria dois tipos de linfopenia no stress: dependente dos glicocorticóides e independente deles, sendo que esta última se apresenta na incapacidade dos linfócitos T de reagir frente aos mitógenos (PHA e ConA), pelo menos no rato. [...] O hormônio do crescimento age praticamente em sentido oposto ao excesso de cortisol. *Estimula*, em geral, o *sistema imune*, aumentando a velocidade e eficiência da rejeição nos transplantes, além de reverter os efeitos depressores produzidos pelos corticosteróides, como leucopenia, por exemplo. Recentemente, foi documentado o papel do GH na atividade regulatória do timo, células linfóides, células fagocitárias e medulares, além de ser, definidamente, um *fator ativador dos macrófagos.* [...] A prolactina também incrementa a atividade tumoricida do macrófago e a síntese de citocinas, como γ-interferon. [...] Deve-se acrescentar que outros hormônios também atuam sobre o sistema imune, como insulina, gonadotrofinas e hormônios tireoidianos. Aliás, a ritmicidade nictemeral imune ocorre com as mesmas características do ritmo neuro-endócrino em geral. Influência do sistema simpático e das catecolaminas. Determinou-se que as *catecolaminas são liberadas muito precocemente na agressão,* inclusive perante agentes estressores menores. Entretanto, quando indivíduos saudáveis são submetidos a stress físico de curta duração, como também psicológico, constatam-se modificações quali e quantitativas, caracterizadas pela redução dos linfócitos, monócitos e granulócitos, em presença de elevada concentração plasmática de adrenalina. Alterações similares ocorrem na composição do *pool* de linfócitos circulantes provocadas por injeções de adrenalina. Ademais, observou-se uma significante redução na responsividade mitogênica dos linfócitos, ou citocinas, por exemplo. Já os efeitos das catecolaminas na atividade citolítica dos macrófagos pode ser medida por outro mecanismo. Tanto noradrenalina como adrenalina bloqueiam a ativação de macrófagos no estabelecimento de um estado tumoricida e antiviral. Aliás, os linfócitos possuem receptores de membrana, tipo β-adrenérgicos, para noradrenalina, que atua na célula de AMPc. O papel do sistema imune na

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

> resposta ao stress. Com base em vários estudos já realizados, postula-se a existência de uma comunicação bidirecional entre o sistema nervoso central e o sistema imune, explicitada pelas influências do stress na imunidade e da participação do sistema imune na resposta adaptativa do stress. Tanto estudos experimentais como clínicos têm demonstrado que fatores determinantes de stress - naturais e laboratoriais - alteram a atividade de linfócitos e macrófagos em um complexo sistema que depende do tipo de resposta imune, das características físicas e psíquicas do estressor, e, também, do tempo de stress relativo para a indução e expressão do evento imune. Assim, essa expressão imunitária não é fortuita simplesmente, mas uma conseqüência indireta das influências recíprocas regulatórias, que existem entre os sistemas imune e nervoso. Por um lado, o sistema imune recebe sinais do cérebro e do sistema neuro-endócrino via sistema nervoso autônomo e hormônios e, além disso, envia informações para o cérebro através de citocinas. Essas conexões parecem fazer parte de um sistema de regulação tipo *feedback* de alça longa, que possui um papel importante na coordenação de respostas - condutual e fisiológica - na infecção e na inflamação. [...] Foi determinado que na resposta imune aumenta o *turnover de adrenalina* no hipotálamo. Aliás, a mesma resposta imune *inibe* a ação nervosa central da noradrenalina, talvez decorrente da ação de mediadores imunes liberados na reação imunológica. Ademais, é relevante a modificação da *atividade elétrica do núcleo ventro-medial* do hipotálamo sob os efeitos da administração de um antígeno que promove reação imunitária. [...]" (*Patofisiologia Oral*, Douglas, 1998, p. 619-21)

No mesmo capítulo, Douglas discorre sobre a função secretória das células mononucleares (PMN) do sistema imunológico, liberando substâncias endócrinas que atuariam no eixo hipotálamo-hipófise-glândula adrenal. Pela capacidade das células imunes poderem "passar *sua informação para o sistema neuro-endócrino* através de seus hormônios peptídicos e citocinas", são consideradas como *"células nervosas livres flutuantes".*

> "Função secretória do sistema imune. Buzzetti e McLaughin, entre outros, determinaram que as células imunitárias, particularmente os *monócitos periféricos circulantes (PMN),* são capazes de secretar substâncias de ação endócrina, como *POMC* - opióides endógenos e ACTH -, além de outros peptídeos hormonais, *citocinas e óxido nítrico.* Determinou-se que, por vírus Newcastle, aumenta-se a secreção de POMC e ACTH, além de MSH nos PMNs. A ação viral seria mediada por fatores ou mecanismos estimulantes de natureza hormonal nas células mononucleares. Esses *fatores secretagogos imunes* seriam: 1) *Interferon,* que estimula a secreção de POMC e ACTH. Esse seria um fator muito importante por possuir um sistema de controle por *feedback* negativo, porque, por sua vez, o MSH e β-endorfina controlam a produção de γ-interferon; 2) *CRH ou hormônio liberador de corticotrofina,* cuja característica nas células mononucleares é a velocidade reduzida de ação, enquanto que na hipófise é muito rápida; 3) *Mitógenos de ação linfocitária B,* que estimulam os linfócitos B, como *PWM e lipopolissacarídeos* da endotoxina de bacilos Gram negativos. Estes mitógenos ativariam uma *enzima de ação proteolítica,* liberando-se *ACTH e opióides endógenos.* Das secreções monocitárias, pode-se concluir que são, em tudo, *similares às secreções hipotalâmicas,* ainda nos mecanismos de controle e modulação. As substâncias secretadas pelas células mononucleares podem ter efeitos *endócrinos,* similares às secreções hipofisárias, ou *parácrinos,* modulando a atividade do linfócito do próprio sistema imune. Ações das secreções das células mononucleares no eixo hipotálamo-hipófise-glândula adrenal. Buzzetti e McLaughin estabeleceram a existência de uma *interação bidirecional* entre sistema imune e sistema hipotalâmico. Em primeiro lugar, com *canavalina A* (ConA) estimula-se a secreção de *corticosteróides no córtex supra-renal,* aparentemente decorrente da ativação dos monócitos periféricos pelo efeito mitogênico da ConA; estes produziriam

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

interleucina-1, uma citocina. Desse modo, após a indução de uma resposta imune por antígeno, os leucócitos transmitem *sinais,* não somente para os muitos componentes do *sistema imune,* como também para o *cérebro* e *órgãos neuro-endócrinos.* Os sinais envolvem *citocinas* (interleucinas, interferons e caquectina ou TNF), e *proteínas hormonais (ACTH, β-endorfinas, prolactina, GH, TSH, somatostatina, peptídeo vasoativo), produzidos tanto nos linfócitos como nos macrófagos.* Esses 'imunotransmissores' representam a via aferente de uma alça longa, que regula por *feedback* o complexo imunológico via *sistema hipotálamo-hipofisário* e o ramo simpático do sistema neurovegetativo. Ação das citocinas no sistema nervoso central. As citocinas - devido ao seu grande espectro de atividades - agem como sinais internos entre a periferia e o sistema nervoso central, por *coordenar* diferentes componentes da resposta orgânica da agressão, e mais especificamente, da inflamação. Em adição, esses produtos também mediam respostas *comportamentais* não específicas para a infecção, tais como: *mal-estar, fadiga, sonolência, anorexia, apatia, adinamia e irritabilidade,* sinais e sintomas que se detectam freqüentemente no febricitante. A *interleucina-1* penetraria no interstício cerebral ao nível do hipotálamo, mais especificamente nos *órgãos circunventriculares,* de modo que se pode *liberar CRH e ACTH* na hipófise e estimular a secreção do córtex supra-renal. Além do mais, os *glicocorticóides podem inibir o sistema imune (linfócitos e monócitos) e reduzir a secreção de citocinas.* Daí então, postula-se a existência de *alças regulatórias* por *feedback* negativo entre sistema imune e sistema hipotálamo-hipófise, que são dois sistemas que agem *paralelamente,* mas *interrelacionados* entre si. Alças regulatórias entre hipotálamo e sistema imune. Podem ser caracterizadas por interrelações recíprocas de dois tipos: de alça curta e de alça longa. *Regulação por sistema de alça longa* - Baseia-se na ação de *citocinas imunes que liberam CRH no hipotálamo* e da *ação direta na adeno-hipófise,* secretando-se ACTH e *cortisol* no córtex supra-renal, que finalmente *inibe a produção de citocinas* nas células imunes. Além disso, ACTH produz diretamente modulação das células imunes. *Regulação por sistema de alça curta* - Determinado pela ação do *POMC* produzido nas células imunes, que controla *paracrinamente as mesmas células imunitárias,* além da ação imuno-depressora dos glicocorticóides, já que ACTH do POMC excitaria o córtex supra-renal e os glicocorticóides inibem, por sua vez, as células imunes, e reduzem seu crescimento (efeito anti-mitogênico).[...] Resumindo-se, é possível que o sistema imune seja como um *órgão sensível* para certos *estímulos (bactérias, vírus),* que são reconhecidos pelo sistema nervoso central e periférico. Deste modo, os imunócitos podem passar *sua informação para o sistema neuro-endócrino* através de seus hormônios peptídicos e citocinas. A esse respeito, certas células do sistema imune podem servir como *'células nervosas livres flutuantes'* (*free floating nerve cells,* segundo o conceito de Blalock), bem como um *cérebro móvel.* Nos vários tipos de células imunitárias podem ser encontrados hormônios e peptídeos neuro-endócrinos hormônio-símiles (hormônio de crescimento, TSH, peptídeo intestinal vasoativo, somatostatina, etc.). A maior parte dos *neuropeptídeos, hormônios, citocinas* atuariam como *via de comunicação entre o cérebro, sistema endócrino e sistema imune.* Assim, o *cérebro modula a resposta imune* por via aferente (ativação) e via eferente (expressão) através de influências neurais e neuro-endócrinas. Besedowsky descreveu um *circuito de feedback imuno-modulador* entre *IL-1 e glicocorticóides,* no qual a IL-1 agiria como via aferente e os glicocorticóides como sinal hormonal eferente." (*Patofisiologia Oral*, Douglas, 1998, p. 621-3)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Finalizando esta abordagem fisiológica da terapêutica homeopática, citamos a opinião do pesquisador homeopático francês, Bernard Poitevin,[6] quanto à *concepção médica homeopática* moderna e sua relação com a *pesquisa homeopática*. Citando Laborit, relaciona o *sistema neuro-imune-endócrino-metabólico* à propriedade do princípio vital homeopático em manter a homeostase orgânica, exemplificando o *modus operandi* da unidade substancial físico-vital para manter o equilíbrio de todas as suas partes.

> "Os trabalhos e reflexões sobre a concepção médica homeopática fazem, a meu ver, parte integrante da pesquisa homeopática e constituem uma pedra angular de sua evolução. É evidente que a homeopatia não pode mais se contentar em assentar-se sobre uma doutrina imutável. Os pontos-chave da concepção médica homeopática devem ser confrontados com os conceitos médicos e científicos contemporâneos, não em uma perspectiva reducionista, mas por uma reatualização indispensável das linguagens e conceitos de base. É nesta óptica que os últimos artigos de Michel Aubin foram consagrados a um estudo geral da concepção médica homeopática. É igualmente dentro desta óptica que nós temos aprofundado a noção de 'terreno', confrontando as duas abordagens, imuno-alérgica e homeopática. E se as diferenças de método de estudo não permitem confundir estas duas disciplinas de naturezas diferentes, existe uma série de conceitos que permitem reatualizar certos aspectos da concepção médica homeopática. Individualidade e polimorfismo genético, regulação possível do 'terreno', aqui compreendido no seu comando genético, noção de história 'neuro-endócrino-metabólica' do indivíduo que condiciona, segundo Laborit, a resposta a todo agente agressor mesmo em uma patologia aguda, existência de 'memórias' biológicas e importância de sistemas interativos no funcionamento do corpo humano: tudo isto constitui exemplos de noções suscetíveis de reatualizar e de enriquecer os princípios de base da Homeopatia. Sempre no quadro desta reatualização, uma questão simples pode ser colocada: como nossos produtos de ação geral podem ter um efeito assim extenso? Que significa nossa ação sobre o terreno e o que entendemos do fato de que a Homeopatia seja uma terapêutica global? Pode-se, em função dos *conhecimentos biológicos atuais*, clarificar um pouco a questão e propor um esquema sobre *os pontos de impacto da terapêutica homeopática.*" (*Revista de Homeopatia*, São Paulo, 56: 6-7, 1991)

> "Três níveis podem esquematicamente ser distinguidos: 1) O primeiro é aquele das *estruturas de base* de um indivíduo, estruturas genéticas, estruturas constitucionais, estruturas psicológicas. Eu penso que nós não temos em Homeopatia ação sobre estas estruturas, diretamente, pela intermediação de nossos medicamentos. No entanto, o interesse que levamos ao conhecimento destas estruturas, os esforços que fazemos para preservá-las, para manter o indivíduo em sua norma pessoal, são fortemente positivos. Trata-se de uma consequência real da utilização do medicamento homeopático, que não é diretamente relacionado à sua ação farmacológica. 2) O segundo ponto de impacto possível é aquele dos *sistemas de controle gerais*, neurológicos, endócrinos e imunitários, que funcionam de forma interativa. Laborit fala a propósito do terreno, de uma 'história neuro-endócrino-metabólica', e que eu me permito ajuntar à imunitária, que em um momento dado condiciona toda resposta do indivíduo ao seu meio. Eu penso que nossos medicamentos de ação geral ajam sobre estes sistemas de controle geral e que, por intermédio desses sistemas, ajam em seguida sobre os aparelhos. Naturalmente, não são mais do que hipóteses que devem se apoiar sobre trabalhos ulteriores. 3) Por fim, no terceiro estágio, se assim eu pudesse dizer, situam-se os *aparelhos* sobre os quais se pode

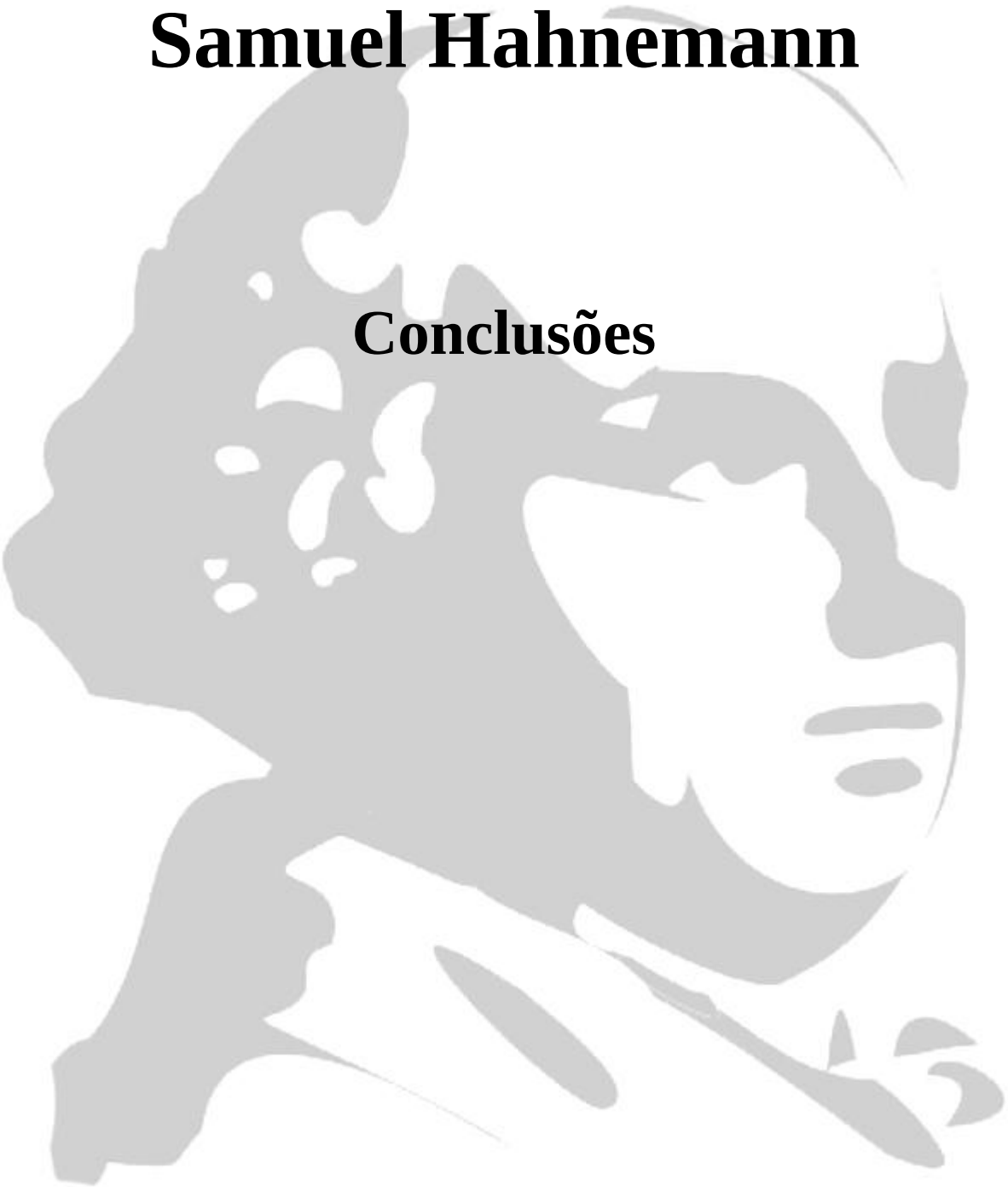
[6] Poitevin, Bernard. É possível avaliar a homeopatia? Revista de Homeopatia, São Paulo, 56 (1-2-3-4): 3-9, 1991.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

pensar que ajam nossos medicamentos de ação local. Os *sistemas de regulação* existem em dois níveis. Sobre os sistemas de controle geral, nós devemos situar, principalmente, a influência do meio ambiente e resgatar aqui a noção de servo-mecanicismo utilizada por Laborit, que corresponde a um comando externo do sistema. Nós podemos pensar que nossas modalidades gerais estão relacionadas com estas regulações, comandadas ao exterior do organismo. Ao nível dos aparelhos, existem anéis de retro-ação em circuito fechado e nós podemos enunciar a hipótese de uma correspondência entre nossas modalidades locais e as regulações deste anéis de retro-ação. Naturalmente, trata-se apenas de hipóteses e imaginamos a soma de trabalho necessário para um simples início de verificação experimental..." (*Revista de Homeopatia,* São Paulo, 56: 7, 1991)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann



Conclusões

Conclusões

A partir deste estudo, expusemos aspectos evidentes do pensamento de Hahnemann quanto à natureza não material do ser humano, que iremos sintetizar abaixo.

Primeiramente, torna-se evidente a identidade da força vital hahnemanniana com a *vis medicatrix naturae* hipocrática, ambas manifestando-se de forma instintiva, automática, irrefletida, irracional e sujeita às leis orgânicas do corpo físico.

Esta força vital e instintiva possui a propriedade de manter o equilíbrio orgânico, "enquanto ocorra a saúde", perdendo essa capacidade quando o processo de doença se instala. Nas enfermidades, os esforços cegos da força vital para manter a homeostase interna se fazem à custa de ações automáticas e irracionais, ocasionando, inúmeras vezes, danos irreparáveis à constituição orgânica. Se a força vital, conservadora da vida e da saúde, for afastada do corpo físico, este fica entregue às leis da química e da física, entrando em decomposição.

Formando uma unidade indissociável com o corpo físico (composto substancial), a força vital não material proporciona ao mesmo a capacidade de afastar-se das leis da matéria morta, envolvendo-o com o fenômeno da vida. Hahnemann denomina essa unidade indissociável com a expressão *força vital orgânica*. Assim como no microcosmo atômico temos a *massa* expressa pelo núcleo (prótons e nêutrons, basicamente) e a *energia* pelas camadas de elétrons circulantes, no ser vivo temos o princípio vital não material plasmando e animando o corpo físico material.

A força vital não material e incorpórea reage às energias de natureza semelhante, não possuindo nada de *espiritual* no sentido metafísico do termo. Hahnemann compara a energia vital a outros tipos de energia conhecidos em sua época, tais como o magnetismo, a eletricidade, o eletromagnetismo, o galvanismo, etc. Vai mais além, orientando na utilização do magnetismo animal ou mesmerismo para o reequilíbrio da força vital alterada, aceitando a interação (influxo ou descarga) de energias semelhantes entre mesmerizador e paciente.

Segundo Hahnemann, toda doença ocorre pelo desequilíbrio da força vital, que se traduz ao médico, exclusivamente, pela totalidade dos sinais e sintomas manifestos pelo indivíduo doente. A cura através dos medicamentos homeopáticos é desencadeada pela reação da força vital orgânica à energia contida nos medicamentos homeopáticos (liberada no processo de dinamização das substâncias), por serem de natureza e qualidade semelhantes. Daí podermos concluir que a força vital humana se assemelha *em qualidade* à energia contida em diversas substâncias dos demais reinos da Natureza, pois de todos eles produzimos medicamentos homeopáticos.

A força vital irracional difere, em natureza e espécie, do espírito racional e inteligente "que habita em nós", o qual se utiliza da unidade físico-vital para cumprir sua missão durante a vida terrena. Este espírito ou alma não está ligado substancialmente ao corpo físico nem à força vital, diferenciando-se destes como uma entidade separada, habitando a morada

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

corporal com o fim de "cumprir os altos fins de sua existência". Não encontramos nenhuma citação, no estudo das obras e escritos de Hahnemann, sobre o composto substancial entre o corpo físico e a alma do modelo aristotélico-tomista.

Hahnemann relaciona o fluxo da energia vital às fibras nervosas, atribuindo a estas o papel de distribuir a influência dinâmica à unidade orgânica, como um substrato material-energético através do qual a força vital interage com o corpo físico. Por outro lado, atribui aos "órgãos mentais ou mente*"* (sede das atividades psíquicas) a característica de "órgãos de mais alta hierarquia, invisivelmente sutis, quase não-materiais", correlacionando a unidade mental à unidade orgânica, apesar de considerá-las entidades distintas.

Nestes órgãos psíquicos, "quase não-materiais e invisivelmente sutis", temos a base da vida inteligente do espírito racional, que através do psiquismo mental interage com a força vital e todo o organismo. Daí a grande relevância dada por Hahnemann às noxas psicoemocionais, responsáveis pelo despertar da Psora, no adoecer do indivíduo.

Procurando englobar todas estas instâncias num todo harmônico e lógico, propomos um modelo antropológico que acreditamos se aproximar à concepção hahnemanniana.

O espírito imortal possui sua sede de manifestação nos órgãos psíquicos e mentais, invisivelmente sutis, também chamados de mente, por onde se manifesta através dos pensamentos e sentimentos. Desta instância de mais alta hierarquia, emana para a unidade físico-vital a energia mental oriunda do psiquismo e da vida afetiva, influenciando o organismo como um todo. Esses órgãos psíquicos e mentais se manifestam na unidade físico-vital através do sistema nervoso.

Assim como essa vida psíquico-afetiva pode desequilibrar a força vital orgânica causando as enfermidades, a energia do medicamento homeopático pode restabelecer o equilíbrio perdido na unidade orgânico-vital, tendo real efetividade caso o indivíduo se esforce na manutenção deste estado de equanimidade interior. Da mesma forma que a atividade mental atua sobre a força vital, o influxo vital transmite à mente estímulos que despertam sentimentos semelhantes, provocando uma "sensação de bem-estar geral" quando sob a ação de um medicamento homeopático adequado; "sintomas mentais ou psíquicos" no caso de doenças mentais orgânicas; e "sintomas mentais" despertados pelos medicamentos nas experimentações patogenéticas.

ESPÍRITO OU ALMA / MENTE OU PSIQUISMO / FORÇA VITAL-CORPO FÍSICO

Por outro lado, orientando quanto à aplicação dos princípios elevados da moral e da ética, Hahnemann ensina ao homem como atuar diretamente sobre os órgãos mentais e psíquicos "de mais alta hierarquia", através de "sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo". A fim de manter a integridade orgânico-vital, mostra o ideal a ser perseguido pelo ser humano, através do exemplo pessoal: "fui posto aqui na Terra para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar".

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Quanto à moral propriamente dita, Hahnemann a entende como o afastamento dos instintos primitivos que obscurecem a consciência humana, adquirindo uma visão mais clara dos valores a seguir pela sintonia com a Consciência Cósmica.

Resumindo, observamos nas obras de Hahnemann uma hierarquia de influências mútuas entre as entidades imateriais do homem, manifestando o espírito suas propriedades através da mente ou órgãos mentais, a qual, através dos pensamentos e sentimentos que lhe são próprios, atua sobre a força vital orgânica, influenciando o corpo físico. Por sua vez, a força vital atua sobre a mente, causando os sintomas mentais e psíquicos das enfermidades mentais ou das experimentações patogenéticas.

Evidenciamos também o inconformismo e a crítica de Hahnemann perante especulações filosóficas e metafísicas a respeito da natureza ou essência íntima da força ou princípio vital, que procuramos demonstrar dentro da maior fidedignidade possível.

Vimos também que Hahnemann possuía concepções filosóficas próprias, aceitando que a existência terrena funcionava como uma escola de aprendizado ao espírito imortal, o qual continuava sua vida de relações e seu caminho evolutivo após a morte física. Enquanto repreendia qualquer modelo filosófico que pregasse conceitos distantes da simplicidade prática, enaltecia Sócrates e Confúcio pelos seus ensinamentos educativos pautados no esforço constante em busca do aprimoramento moral e ético. Admirava a *filosofia natural*, através da qual, pautados em observações puras dos fenômenos da Natureza, podemos obter o conhecimento dos valores espirituais necessários para praticar uma verdadeira religião.

Assumindo uma postura crítica em relação aos dogmas religiosos, fruto de sua visão prática e experimental, entusiasma-se com pensadores como Reimarus, que se posicionam de forma contrária e racional às verdades pautadas apenas na fé absoluta.

Do trabalho em questão, observamos a proximidade do modelo vitalista hahnemanniano com as idéias de Barthez (1734-1806), símbolo médico e filosófico da Escola de Montpellier. Com várias semelhanças ás descrições de Hahnemann, a começar pelo título de sua obra *(Ensaio para um novo princípio para o homem),* Barthez denominava o princípio vital como a "causa que produz os fenômenos da vida no corpo humano", sendo indiferente o nome que se daria à mesma.

> "[...] O eixo de sua teoria é um «princípio» que faz com que o corpo humano viva. «Chamo *princípio vital* do homem à causa que produz os fenômenos da vida no corpo humano. O nome desta causa é bastante indiferente e se pode escolher à vontade. Prefiro o de *princípio vital* porque expressa uma idéia menos limitada que o de *impetum faciens* que dava Hipócrates, ou que outros utilizados para designar a causa das funções vitais». Este *princípio vital* é a fonte das propriedades biológicas de todas as partes do organismo (contractilidade, sensibilidade, etc.). Sua diversidade determina a existência dos temperamentos – noção de grande relevo na obra do médico francês – e seus desequilíbrios constituem a origem de todas as enfermidades." (*Historia Universal de la Medicina,* Pedro Laín Entralgo, vol. 5, cap. 5, p.78)

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Assim como Hahnemann, Barthez não se interessava em aprofundar o conhecimento a respeito da verdadeira natureza ou essência do princípio ou força vital, enfatizando a unidade que o princípio vital forma com o corpo físico e distinguindo, nitidamente, o "princípio vital invariável" para a maioria dos indivíduos da "alma que individualiza os seres".

> "[...] O verdadeiro e maior serviço que Barthez prestou aos fisiologistas, foi o de lhes lembrar a unidade, a grande unidade do princípio vital. *«... eu chamo de PRINCÍPIO VITAL, A CAUSA que produz todos os fenômenos da vida no corpo do homem»*. Estas questões são tratadas em seu livro *Novos elementos da ciência do homem,* no capítulo intitulado *'Considerações céticas sobre a natureza do princípio vital do homem',* onde não nos traz grandes luzes sobre a natureza do princípio vital, sob pretexto *de que a questão é de nenhuma importância para a verdade do sistema, e que nós somos condenados a uma ignorância absoluta sobre a natureza das causas, seja em geral, seja em particular.* Apesar disto, ele não hesita em afirmar que princípio vital, não é uma faculdade da alma racional... E aqui se situa a sua polêmica com Stahl e o animismo, pois ele acha impossível que o princípio vital seja uma faculdade da alma. E diz que *quando o princípio vital age, a alma não tem esse sentimento interior que corresponde à consciência do que se passa no automatismo fisiológico. As determinações do princípio vital não variam; elas são as mesmas em todos os homens, enquanto que tudo o que provém da alma, suposta livre, varia mais ou menos de indivíduo a indivíduo.* Portanto, é essencial distinguir o princípio vital do homem em relação à sua alma; e, sendo ele distinto da alma, é necessário saber se ele existe por si mesmo, ou se é uma substância a parte ou uma modalidade do homem, um modo inerente ao corpo humano, ao qual ele dá vida." (*Similia, O Vitalismo*, Moura Ribeiro)

Finalizando, vimos que a força vital hahnemanniana, representada em seu *modus operandi* pelas respostas de manutenção da homeostase orgânica frente aos diversos estímulos, encontra analogia funcional com as reações integrativas do sistema neuro-imuno-endócrino-metabólico, estudadas pela Fisiologia Humana.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Bibliografia

Referências Bibliográficas

Estudos Correlatos

Referências Bibliográficas

1. Confúcio. Diálogos de Confúcio. Tradução de Alcione Soares Ferreira do original francês "Les entretiens de Confucius". São Paulo: Ibrasa, 1983.
2. Douglas CR. Patofisiologia Oral. São Paulo: Pancast, 1998.
3. Entralgo PL. La Medicina Hipocrática. Madrid: Ediciones de la Revista de Occidente, 1970.
4. Entralgo PL. Historia Universal de la Medicina. Barcelona: Salvat Editores, 1976, 7 v.
5. Galhardo JER. Iniciação Homeopáthica. Rio de Janeiro: Typ. Henrique M. Sondermann, 1936.
6. Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo *"Benoit Mure"*. A Personalidade de Samuel Hahnemann: sua vida e sua obra. Trabalho apresentado no XVII Congresso Brasileiro de Homeopatia, Salvador, 1984.
7. Haehl R. Samuel Hahnemann: his life and work. Tradução de M.L. Wheeler. New Delhi: B. Jain Publishers, 1989. 2v.
8. Hahnemann S. Organon Del Arte de Curar. 5ª ed. Traduzido da 5ª ed. escrita em alemão pelo Dr. José Sebastian Coll. Madrid: Biblioteca Médica Homeopática - Universidad de Madrid, 1844.
9. Hahnemann S. Varios Opusculos de Hahnemann. Traduzidos do alemão pelo Dr. José Sebastian Coll. Madrid: Biblioteca Médica Homeopática - Universidad de Madrid, 1844.
10. Hahnemann S. Études de Medecine Homoeopathique. Paris: Chez J.-B. Baillière, 1855.
11. Hahnemann S. Matéria Médica Pura. Tradução da última ed. alemã por R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1980.
12. Hahnemann S. Exposição da Doutrina Homeopática ou Organon da Arte de Curar. Traduzido da 6ª ed. alemã. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos *"Benoit Mure",* 1984.
13. Hahnemann S. Doenças Crônicas, sua Natureza Peculiar e sua Cura Homeopática. Tradução da 2ª ed. alemã, 1835. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos *"Benoit Mure",* 1984.
14. Hahnemann S. O Espírito da Doutrina Médica Homeopática. Tradução de Cecílio A. Roque. Revista de Homeopatia, São Paulo, vol. 53, nº 2, p. 65-72, 1988.
15. Hahnemann S. Organon of Medicine. Translated by William Boericke. New Delhi: B. Jain Publishers, 1991.
16. Hahnemann S. The Lesser Writings of Samuel Hahnemann. Coletados e transcritos por R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1995.
17. Hahnemann S. Opúsculos de Hahnemann. Traduzidos e transcritos ao castelhano pelo Dr. Jose Sebastian Coll, Madrid, 1844. Buenos Aires: Editorial AMHA, 1993.
18. Hahnemann S. Organon der Heilkunst. Organon da Arte de Curar. Tradução da 6ª ed. alemã por Edméa Marturano Villela e Izao Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, IHFL, 1995.
19. Hipocrates. Aforismos. Tradução de Leduar de Assis Rocha. Recife: Arquivo Público Estadual, 1957.
20. Kent JT. Lições de Filosofia Homeopática. São Paulo: Editorial Homeopática Brasileira, 1998.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

21. Kent JT. Homeopatia. Escritos menores, aforismos y preceptos. Buenos Aires: Editorial Albatros, 1981.
22. Lessing GE. Escritos Filosoficos y Teologicos. Edición preparada por Agustin Andreu Rodrigo. Madrid: Editora Nacional, 1982.
23. Marzetti AN. La Homeopatia. Medicina del porvenir. 3 ed. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1946.
24. Reimarus H. Fragmentos. Atlanta: Scholars Press Reprints and Translations, 1985.
25. Ribeiro AM. O Vitalismo. Similia, São Paulo, nº 61, p. 9-13, 1984.
26. Schweitzer A. Goethe - Quatro Discursos. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d.
27. Steiner R. A Obra Científica de Goethe. São Paulo: Editora Antroposófica, 1984.
28. Teixeira MZ. A concepção vitalista de Samuel Hahnemann. Revista de Homeopatia, São Paulo, vol. 61, n° 3-4, p. 39-44, 1996. Disponível em: https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=4.
29. Teixeira MZ. Concepção vitalista de Samuel Hahnemann. 1ª ed. São Paulo: Robe Editorial, 1997, 131 páginas. Disponível em: https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=2.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Estudos Correlatos

1. Teixeira MZ. O vitalismo hahnemanniano na prática clínica homeopática. Revista de Homeopatia, São Paulo, vol. 65, n° 2, p. 23-34, 2000. Disponível em: https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=12.
2. Teixeira MZ. A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas. 1ª ed. São Paulo: Editorial Petrus, 2000, 480 páginas. Disponível em: https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=4.
3. Teixeira MZ. O vitalismo homeopático ao longo da história da medicina. Homeopatia Brasileira, Vol. 8, n° 2, p. 109-123, 2002. Disponível em: http://ihb.hospedagemdesites.ws/ojs/index.php/artigos/article/view/181/126.
4. Teixeira MZ. Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. Revista de Medicina, São Paulo, vol. 96, n° 3, p. 145-158, 2017. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/110789.
5. Teixeira MZ. Interconexão entre saúde, espiritualidade e religiosidade: importância do ensino, da pesquisa e da assistência na educação médica. Revista de Medicina, São Paulo, vol. 99, n° 2, p. 134-147, 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/149273.
6. Teixeira MZ. Isopathic use of auto-sarcode of DNA as anti-miasmatic homeopathic medicine and modulator of gene expression? Homeopathy, v. 108, n° 2, p. 139-147, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1055/s-0038-1676810.
7. Teixeira MZ. Correlation between vitalism and genetics according to the paradigm of complexity. Homeopathy, v. 109, n° 1, p. 30-36, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1055/s-0039-1692162.
8. Teixeira MZ. Telomere and telomerase: biological markers of organic vital force state and homeopathic treatment effectiveness. Homeopathy, Epub ahead of print, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1055/s-0041-1726008.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann

Comentários

Comentários

"Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann" (1ª Edição, 1996)

Ao esquadrinhar a literatura hahnemanniana, perscrutando também os escritos menos acessíveis, o sagaz pesquisador nos desvenda, em detalhes, a intimidade do vitalismo em Hahnemann, demonstrando uma vez mais a precocidade do Mestre de Meissen em relação aos de sua época.

Sua aceitação do conceito de força vital em uma unidade indissociável do corpo físico, ao mesmo tempo vítima (instintiva e irracional) e coagente (ao ser passível de estimulação), coloca-o em meio à física do século XX e remete-o à teologia do século XXI, onde o *théos*, vibracional na essência, matematiza-se no $E = mc^2$, estabelecendo um binômio interativo passível de aceitar e responder a estímulos de ambas as grandezas.

Fica bastante claro que Hahnemann, dando costas à beatitude, afasta-se da filosofia medieval, retoma o caminho do bem supremo do homem com a sua felicidade projetada na comunidade, ao mesmo tempo em que contribui com o pensamento moderno onde o responsável pelo fim último *(télos)* é o próprio homem.

A perspicaz linearidade do autor, na condução do tema, nos brinda com uma obra de inestimável valor e, sem sombra de dúvida, referência a todos que quiserem discutir a visão vitalista de Hahnemann. Sugiro sua versão para o inglês e o espanhol. Mais uma vez, parabéns.

Dr. Matheus Marin
Ex-Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira

Quem já ouviu falar de Reimarus? Alguém se lembra de alguma referência de Hahnemann em relação a Confúcio? Ou algum relato explícito acerca de sua admiração pela "Filosofia Natural"? Enfim, algo aparentemente novo no campo das concepções filosóficas de Hahnemann.

O Dr. Marcus nos traz, após extensa e ampla pesquisa, não segundo suas próprias palavras ou interpretações, mas através dos inúmeros escritos e cartas, o relato de Hahnemann quanto a inúmeros aspectos, senão desconhecidos, muito pouco comentados.

Isto foi propiciado, inicialmente, graças a uma inquietude interior do autor, insatisfeito com as explicações e interpretações acerca do pensamento vitalista de Hahnemann, até então, em voga. Este sentimento motivou-o numa empreitada de pesquisa, num trabalho de organização dos inúmeros escritos de Hahnemann e sua sistematização segundo vários

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

aspectos: *Vis medicatrix*; dinamicidade, automaticidade e espiritualidade da Força Vital; mesmerismo; e, por fim, a concepção filosófica de Hahnemann pelo próprio Hahnemann, detalhando aspectos até hoje muito pouco divulgados quanto aos seus conceitos de ética e moral, e sua racionalidade.

Sabemos que o pensamento e o compromisso do autor, neste livro, não são com a criação de mais uma escola ou linha de pensamento homeopático, ou muito menos a formalização, julgamento ou crítica direta a qualquer modelo antropológico, mas sim com a busca das bases em que se fundamentou o Mestre de Meissen, e quais eram suas ideias com relação ao tema em questão. O compromisso foi com a realização de um levantamento bibliográfico fiel, amplo e organizado, a criação de uma fonte de pesquisa, deixando o exercício do entendimento sob a responsabilidade de cada um.

Esta obra nos chega num momento crucial, onde a busca de novos conceitos assentados na doutrina homeopática desenvolvida por James Tyler Kent no final do século passado, vêm de encontro ao entendimento das bases que o fundamentou.

É interessante observar a proliferação de trabalhos originais e o desenvolvimento da Homeopatia em nosso país, nos últimos anos. Esta obra faz parte deste cabedal, pois amplia nossos horizontes e traz novos subsídios para compreender a formação conceptual do pensamento do Mestre, dando-nos parâmetros para uma visualização ainda melhor da genialidade e do grande número de fatores que o influenciaram na formalização dos conceitos vitalistas no decurso de sua vida.

A ânsia de não se acomodar diante do inexplicável e a busca incessante da verdade são as grandes molas propulsoras que, apesar de inúmeros percalços, tem feito com que a Humanidade siga em evolução. E foi a chama deste sentimento que deu a Hahnemann, e todos os primeiros homeopatas, coragem para seguir em frente. Neste seleto grupo, vejo o Dr. Artur de Almeida Rezende Filho. E, nesta mesma linha, tentamos vislumbrar a compreensão maior desta nobre arte médica, no fundo tão simples, que é a Homeopatia. Por isto, eu congratulo o autor pelo seu esforço na concretização deste trabalho.

Dr. Ariovaldo Ribeiro Filho
Vice-Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira
Vice-Presidente da Associação Paulista de Homeopatia
Autor do Novo Repertório de Sintomas Homeopáticos

Surge com esta obra, mais um trabalho de extensa pesquisa dos escritos de Hahnemann ao longo de sua vida. O *Organon da Arte de Curar,* as *Doenças Crônicas*, os *Escritos Menores*, suas cartas a médicos e amigos, tudo foi minuciosamente analisado para se atingir o intuito final.

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021

E qual foi este? Entender qual a visão que o Mestre de Meissen tinha do Homem. Era sua concepção antropológica realmente aristotélico-tomista ou quem sabe dualista? No afã de encontrar a resposta, Zulian foi além de Hahnemann e encontrou entre outros Reimarus, filósofo alemão, como possível norteador da imagem que o fundador da Homeopatia tinha do ser humano.

Vários trechos da obra *Fragmentos*, de Reimarus, são citados. Esta foi publicada por outro filósofo alemão, Gotthold Lessing, que também era escritor. Entre seus trabalhos, existe o poema dramático: *Nathan, o Sábio*. Deste, famosa é a história dos três anéis, contada pelo sábio ao ser inquirido sobre qual das três religiões (cristã, judaica, muçulmana) era a verdadeira. A moral da história é que o mais importante não é o nome da religião, mas a conduta humana, desde que o homem seja guiado pela ternura, pela virtude, pela igualdade de caráter, pela caridade, pela confiança no Ser Superior.

Por isto, independentemente da conclusão que Zulian chega sobre a visão de Hahnemann, esta obra deve ser lida. Não só por causa do cuidado, esmero e fidelidade aos textos com que este trabalho foi feito, mas pelo amor à verdade e à humanidade que nele estão contidos.

Dr. Corrado G. Bruno
Vice-Presidente da Liga Médica Homeopática Internacional
Diretor da Associação Paulista de Homeopatia

Nesta obra, que certamente interessará a todos os colegas preocupados com a compreensão profunda da doutrina homeopática, vislumbramos, através de citações das obras de Hahnemann, sua concepção clara de temas extremamente polêmicos entre nós: força vital, mente e espírito.

Vemos reafirmada a ideia de que Hahnemann abominava qualquer modelo metafísico que explicasse a natureza das doenças, e temos a percepção do seu espiritualismo baseado em pensadores como Confúcio e Reimarus.

Estas questões vitais de nossa ciência são tratadas neste trabalho de uma forma consistente e séria, o que recomenda sua leitura como imprescindível.

Dra. Sumaia Salume
2º Secretário da Associação Médica Homeopática Brasileira
Editora da Gazeta Homeopática

Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann © Marcus Zulian Teixeira, 2021